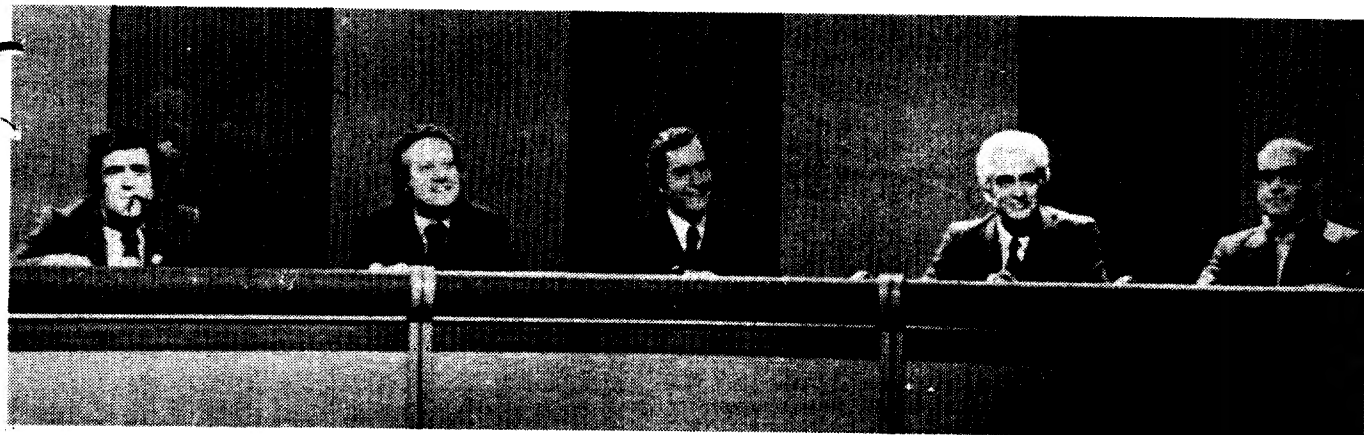




COLIGAÇÃO ACEITA UNIR FORÇAS CONTRA A CRISE

Representantes dos partidos da Coligação comprometeram-se ontem publicamente, durante um «Teledomingo» especial, a unir forças para vencer a batalha da produção e dominar a crise económica, aceitando ainda, com o objectivo mais geral da conquista do socialismo, apaziguar as tensões e as divergências surgidas nos últimos quinze dias.

O programa, em que participaram Mário Soares (P.S.), Magalhães Mota (P.P.D.), Álvaro Cunhal (P.C.P.) e Francisco Pereira de Moura (M.D.P./C.D.E.), foi liderado pelo comandan-

te-médico Ramiro Correia, membro do Conselho da Revolução, e havia sido preparado no sábado por um encontro em S. Bento com o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, o qual ocupou o melhor de quatro horas de reflexão.

Um «slide» passou duas vezes no pequeno «écran», dando o tom do encontro: «A democracia não se improvisa. Constrói-se com trabalho e ordem». Em fundo ouviam-se acordos do «Grândola, vila morena», na interpretação de José Afonso.

Apresentou o «Teledomin-

go» António Borge, substituto ocasional de Joaquim Leiria, que está ausente em Moçambique. A encenação foi muito simples, com os quatro intervenientes civis sentados em semi-círculo, dois de cada lado do comandante Ramiro Correia.

Este encetou os trabalhos fazendo brevemente a síntese do processo histórico nacional no último ano. Disse a propósito: «Como sabem, ao longo de quarenta e oito anos de ditadura fascista o povo português não se baixou ao peso da repressão. Nas fábricas, nos campos, nos quartéis, nas cidades e entre as camadas intelectuais, os trabalhadores portugueses lutaram sempre contra o fascismo das maneiras mais variadas. Uma vez essa luta foi integrada em grupos mais ou menos unitários ou integrada em partidos que na clandestinidade lutavam contra o fascismo.

«A luta destes homens foi fundamental e é daí que está a raiz de tudo o que se fez no último ano em Portugal. O Movimento das Forças Armadas mais não é que a sequência dessa luta, e portanto todo o processo histórico em Portugal está profundamente

determinado e condicionado pelo passado de quarenta e oito anos.»

Pondo de parte a eventual classificação do M.F.A. como um partido político (é um movimento militar revolucionário — explicou), Ramiro Correia lançou como tópico da noite a «caminhada pluripartidária

Continua na pág. 20

VASCO GONÇALVES SUGERE ESCRITORES NA REVOLUÇÃO COM O POVO

O nosso dever histórico é sacrificarmo-nos para que esta revolução não seja uma revolução frustrada como foram as de 1820 e de 1910 — afirmou o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves no discurso proferido na sessão de encerramento do Congresso de Escritores Portugueses (o 1.º da história da literatura portuguesa) que ontem teve o seu término, após dois dias de salutar e proveitosos debates. A presença do brigadeiro Vasco Gonçalves que ali chegou cerca das 23 horas de ontem, acompanhado pelo capitão Vasco Lourenço, tenente Lopes Miranda, do Conselho da Revolução, comandante Contreiras, adjunto militar, e dr. João de Freitas Branco, secretário de Estado dos Assuntos Culturais foi uma das muitas coisas importantes que aconteceram neste 1.º Congresso de Escritores, levado a efeito no auditório da Biblioteca Nacional e de cuja organização se deve orgulhar a Associação Portuguesa de Escritores, apoiada pelo M.E.C.

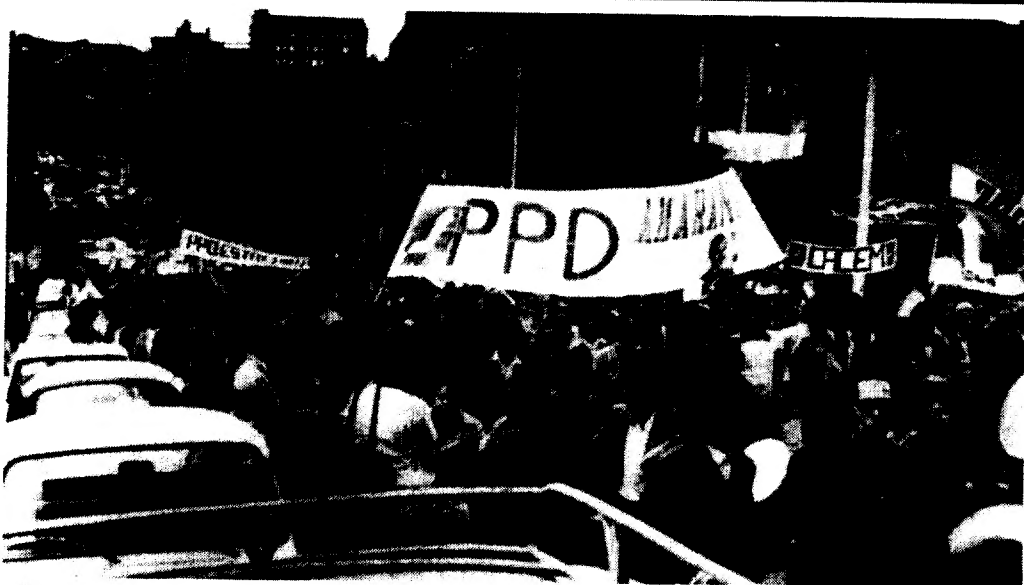
A forma como decorreu este 1.º Congresso de Escritores

realizado no nosso país e sob o signo da palavra livre foi uma verdadeira lição: a diversidade de critérios não só não inutilizou, como reforçou a ideia de um fim comum. Desde o trabalho intenso de organização por parte dos directores da A.P.E. — que no final receberam um merecidíssimo voto de louvor dos congressistas — ao número e qualidade das 57 comunicações apresentadas e ainda às intervenções e comentários, não apenas de escritores, mas igualmente de público ali presente, tudo se conjugou para que o Congresso acabasse por ser, embora os maus augúrios, um verdadeiro êxito, se nos permitem utilizar o chavão. E para aqueles que temiam o pouco interesse quer dos escritores, quer dos não escritores, poderemos acrescentar que o auditório da Biblioteca Nacional se manteve quase sempre superlotado durante todos os períodos de trabalho, havendo mesmo gente que não viu outro remédio senão sentar-se nas escadas entre-cochias ou ficar de pé. E não foram só

Continua na pág. 8



Em Tancos realizou-se neste fim-de-semana o campeonato de para-quedismo das Forças Armadas, com a participação de 21 concorrentes. Ao mesmo tempo foi uma jornada de convívio aberto entre militares e civis, numa unidade que está a interpretar da melhor forma a colaboração com as populações em tarefas de natureza cívica. (Ler na pág. 3)



TRABALHADORES DA R.G. DEFINEM A MISSÃO DA EMPRESA

Os trabalhadores da Renascença Gráfica, proprietária do «Diário de Lisboa» e do «Sempre Fixe», reuniram-se em plenário no sábado passado, na Casa da Imprensa, para apreciar e discutirem problemas relacionados com o controlo da produção pelos trabalhadores. Na reunião foi aprovado por esmagadora maioria o seguinte documento:

«A existência da Renascença Gráfica, quer nas condições actuais quer nacionalizada, só se justifica se for uma empresa válida e rentável ao serviço da Informação e da economia do País.

Como todos sabemos, a sobrevivência actual da Empresa depende de todos nós: com o nosso trabalho e o nosso dinheiro, que a vai alimentando através de «injecções» do Ministério das Finanças.

E convicção nossa que a «Renascença Gráfica» tem condições para sobreviver como empresa independente, economicamente, desde que nos empenhemos colectivamente na tarefa de recuperação que engloba, sobretudo, os dois jornais propriedade da Renascença Gráfica: o «Diário de Lisboa», cabeça da empresa, e o «Sempre Fixe», sem esquecer a necessária dinamização comercial que permita a total ocupação do parque industrial.

Nestas condições, o plenário dos trabalhadores da R.G. decide que desde já fique estabelecido o seguinte:

a) todos os trabalhadores estão empenhados na tarefa colectiva de recuperação da empresa, sendo a Comissão Dinamizadora Revolucionária um apoio directo à administração, partindo do princípio assente de que a R.G. e os seus jornais são património colectivo do Estado, dos trabalhadores e de todo o povo português;

b) o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe», como órgãos principais da empresa, devem estar decididamente empenhados na Revolução Socialista Portuguesa, apoiando-a com obra dos trabalhadores ao lado

Continua na pág. 2

«Somos hoje uma multidão e sabemos o que somos milhão e meio de pessoas que vivem e pensam como nós, tanto nos campos como nas cidades, tanto nas serras como nos vales» palavras de Magalhães Mota no comício-festa com que o P. P. D. comemorou o seu primeiro aniversário. Uma manifestação em que se pretendeu sobretudo marcar a presença do partido na vida política portuguesa e recordar os resultados que obteve nas eleições. Na tribuna do estádio 1.º de Maio, os principais dirigentes do P. P. D., menos Sá Carneiro, que impossibilitado de participar nas comemorações enviou uma mensagem na qual reafirmava a «confiança na via social-democrata para a construção da sociedade socialista, respeitando as garantias fundamentais de todos os indivíduos». (Ler na pág. 8).

De sábado a segunda

Reforma agrária, acto político

«A reforma agrária significa, também, consolidar o poder político, substituindo o dos latifundiários pelos dos trabalhadores», disse ontem, à tarde, em Santiago do Cacém, o ministro da Agricultura e Pescas, engenheiro Fernando Oliveira Baptista, durante uma sessão realizada no Grémio da Lavoura.

A batalha da produção, a ligação estreita entre os trabalhadores e os sindicatos e ligas «as forças progressistas que poderão concretizar a reforma agrária que interessa ao País», a luta contra as pseudo-cooperativas e a denúncia dos oportunismos fáceis e a criação e missão do Conselho Regional da Reforma Agrária, a nível distrital e o Centro Regional de Reforma Agrária, com sede em Alcácer do Sal foram os temas-base de uma sessão de trabalho, caracterizada por uma forte unidade popular, por uma participação de todos os partidos presentes na coligação, pela presença do governador civil de Setúbal e pela significativa intervenção do engenheiro Carlos Cabral, futuro coordenador da reforma agrária do distrito de Setúbal.

«Na futura lei sobre a reforma agrária só poderá ficar com a terra quem a tratar como deve ser», sublinhou o ministro da

Agricultura e Pescas que alertou os presentes, na sua esmagadora maioria, pequenos e médios agricultores, contra as manobras dos «grandes latifundiários os quais a tudo recorrerão inclusive através de salários muito altos».

No espaço dedicado ao debate os trabalhadores insurgiram-se contra os intermediários, puseram o dedo na ferida sobre a política de crédito e denunciaram as anomalias verificadas nas questões da água e dos foros, reafirmando a denúncia das manobras dos latifundiários.

O ministro da Agricultura e Pescas acabaria por afirmar, à guisa de conclusão: «A reforma agrária é aquilo que precisamos, são antes de mais, medidas de carácter político. Ter uma visão diferente disso pode conduzir a equívocos graves».

ECLIPSE

Portugal esteve na madrugada de ontem no campo de um eclipse parcial do sol, sem que praticamente ninguém tivesse

dado por isso.

Segundo dados fornecidos pelo Observatório Astronómico de Coimbra, o desaparecimento parcial do Sol ter-se-ia verificado naquela cidade às 6 e

23, e, sucessivamente, em Faro (6 e 56), Lisboa e Évora (6 e 59), Viseu (7 e 2 e Braga e Porto (7 e 30).

Depois de uma semana de trabalho, não é de estranhar que a hora tenha sido demasiado ingrata para quem goste de ver eclipses, mesmo parciais.

CABOVERDIANO ASSASSINADO

Fruto de uma desordem, em que se envolveram sábado à noite, na zona de Fontainhas, na Venda Nova, quatro caboverdianos trabalhadores da construção civil, resultou a morte de um deles, de seu nome Aníbal da Silva Cabral, de 26 anos de idade, vítima de navalhadas e pedradas.

A G.N.R. da Amadora que compareceu no local, conseguiu deter Bartolomeu Rebelo Varela, de 25 anos, também implicado na desordem. A mesma autoridade procede a diligências para a captura dos restantes que segundo se apurou, são um tal Marcos de 25 anos e José Fortunato de 22, que se puseram em fuga.

MARGINAIS DETIDOS

Nove indivíduos suspeitos, cinco dos quais cadastrados

com dois mandatos de captura judicial, várias munições de 9 milímetros e uma pistola de guerra «Walter» do mesmo calibre, apreendidas, são o rescaldo da rusga efectuada pelo Batalhão 2 da G.N.R. a barracas de ciganos no Bairro Nova Sintra, juntamente com o R.I. 1 e P.S.P. de Setúbal.

APRENDIZ DE FEITICEIRO

O progresso tecnológico levou o Homem a transformar-se mais num aprendiz de feiticeiro do que num contemplador da Natureza, salientou o arquitecto Ribeiro Telles, durante o II Encontro do Movimento de Intervenção Cultural para o equilíbrio do Homem e do Ambiente, que decorreu na Estação Agronómica Nacional em Oeiras, ao falar sobre o «ambiente e o homem português».

Diria ainda o orador: «O Homem, com os meios que vieram a ser postos ao seu alcance, através dos tempos, e que excedem a sua própria escala e, porventura a da própria natureza, perdeu o controlo intuitivo que mantinha do equilíbrio biológico da Terra».

Trabalhadores da R.G.

Continuação da pág. 1

do Movimento das Forças Armadas e caminho para uma sociedade justa em que se acabe com a exploração do homem pelo homem. Aqueles dois jornais devem estar ao serviço da verdade e dos interesses do povo português, sem divisionismos nem apoio a forças reaccionárias, sem que isto invalide o direito à crítica consequente e inteligente sobre a realidade portuguesa em geral;

c) a actividade dos trabalhadores da R.G. deve ser aceite como tarefa revolucionária ao serviço da colectividade, da

qual nenhum deles pode ser ou considerar-se dissociado.

A nossa vida na empresa deve por isso basear-se na solidariedade de classe com todos os direitos e deveres correspondentes, competindo à Comissão Dinamizadora Revolucionária com a administração e a comissão de delegados dos trabalhadores, estudar e provocar as formas de funcionamento racional, a política de horários, salários e critérios de rentabilidade bem como a análise às faltas ao compromisso solidário que aqui assumimos.»

Lisboa vai ter sete câmaras municipais

A institucionalização das relações entre as Juntas de Freguesia e a Câmara Municipal foi o tema de um encontro realizado ontem no Teatro de São Luiz, e no qual participaram o presidente, vice-presidente e vogais da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa e representantes das Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia.

Segundo palavras do presidente da Comissão Administrativa da C.M.L., eng. Caldeira Rodrigues, «foi uma reunião positiva, houve um acordo na generalidade no sentido de se

dar uma organização à Câmara Municipal de Lisboa mais operacional, e estou convencido de que dentro de um mês teremos medidas muito práticas de participação das juntas de freguesia e da população em geral».

Assinala-se, entretanto, que o Ministério da Administração Interna apoia a institucionalização das relações entre a C.M.L. e as Juntas de Freguesia.

Fundamentalmente, pretende-se, a longo prazo, a criação de câmaras locais, correspondentes à divisão da cidade em sete zonas (mais uma especial para o Parque de Monsanto), compreendendo as 53 freguesias, dentro de um critério de afinidades urbanas já definidas.

Para já, e antes de se proceder a alterações estruturais da C.M.L., e admitindo que se aceite a divisão referida, foi proposto na reunião de ontem a escolha imediata de sete delegados pelas respectivas juntas correspondentes àquelas zonas.

Num plano ainda mais imediato, pretende-se a revisão do Plano de Actividades para 1975, amplamente discutido, e a integração nele dos cadernos reivindicativos das Juntas de Freguesia. Por outro lado, os delegados defendem a sua participação no estudo da reorganização da C.M.L. e relações com toda a Administração Pública.

Administradores do Banco de Portugal

Por deliberação do Conselho da Revolução, tornada pública pela folha oficial de hoje, são nomeados administradores do Banco de Portugal os drs. António Augusto de Almeida, Mário José Brandão Ferreira, José António de Freitas Mariques e Joaquim Mestre, sendo exonerados daquelas funções os drs. João Maurício Fernandes Salgueiro, Álvaro Mamede Ramos Pereira e Joaquim de Mira Nunes Mexia.

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Secretaria de Estado da Cultura e Educação Permanente

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

Nos dias 14 e 15 de Maio de 1975, às 21.30 horas

O BALLET NACIONAL DE CUBA

com

ALÍCIA ALONSO

84 BAILARINOS

PROGRAMA

Dia 14

«NUESTRA AMÉRICA» — Elenco do BALLET NACIONAL DE CUBA

«GRAND PAS DE QUATRE»: JOSEFINA MENDEZ — OFÉLIA GONZALEZ

CRISTINA ALVAREZ — MARIA ELENE LLORENTE

«PAS DE DEUX CLASSIQUE»: ORLANDO SALJEDO — EDIPO REY — ALÍCIA ALONSO

PROGRAMA

Dia 15

LAGO DOS CISNES (II acto) — CALAUCÁN — RITMICS

LA FILLE GARDÉE

Organização: ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL-CUBA

Colaboração: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

GOVERNO DA REPÚBLICA DE CUBA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

INATEL

SERVIÇO DA BILHETEIRA

(das 13 às 19 horas)

COMEÇA HOJE, DIA 10 DE MAIO, A VENDA DE BILHETES PARA OS DOIS ESPECTÁCULOS

(Grupo B — Maiores de 10 anos)

FIM-DE-SEMANA DESPORTIVO EM TANCOS

Os pára-quedistas querem servir a revolução

Dois meses depois dos incidentes do R.A.L.1, em que algumas dezenas de pára-quedistas foram intérpretes de uma acção militar que manifestamente ia contra as suas convicções, conforme ficou amplamente comprovado quando, desfeitos todos os equívocos, eles foram abraçar os seus camaradas da unidade que iam atacar, o Regimento de Caçadores Pára-Quedistas surge-nos como uma unidade militar exemplarmente democratizada na prática, e onde se vive um ambiente revolucionário que não deixa margem para dúvidas. O que se passou afinal nestes dois meses? Grandes transformações internas ou será que, de facto os pára-quedistas, na sua esmagadora maioria nunca estiveram contra a revolução? Talvez as duas coisas. Por um lado, após o 11 de Março foi iniciado um trabalho de consciencialização daqueles militares no sentido de os pôr em contacto com as novas realidades sociais do País, mas por outro, é justo reconhecer também que os homens que vieram a Lisboa foram essencialmente vítimas da traição de chefes que souberam aproveitar-se de um sentido de disciplina característico de uma tropa preparada para missões em que a palavra do chefe nunca é posta em dúvida. Ou então é definitivamente posto em dúvida, como agora aconteceu, quando os pára-quedistas verificaram que alguns dos seus chefes os tinham burlado na sua boa fé.

SERVIR O SEU POVO

A realização neste fim-de-semana, em Tancos, dos Campeonatos de Pára-Quedismo das Forças Armadas permitiu-nos um contacto íntimo com o R.C.P., na companhia de um major do Exército Revolucionário cubano, director da revista Verde Olivo, e de um repórter da Televisão cubana, acompanhado pelo major Seabra, do Estado-Maior da Força Aérea. É importante conhecer as condições particulares desta unidade, derivadas da sua localização, o isolamento em que se encontra e até a natureza da preparação militar ali ministrada para se compreender como foi possível a aventura de 11 de Março. E é também um acto de justiça reconhecer que os pára-quedistas não são reaccionários e estão ao lado do processo revolucionário com todo o seu entusiasmo. O trauma causado pelo incidente do R.A.L.1 é ainda visível mas, ao mesmo tempo, é um estímulo a lançá-los mais abertamente nos caminhos da revolução que querem servir com o M.F.A.

Os pára-quedistas sabem que, como tropa altamente preparada, foram dos instrumentos mais tragicamente utilizados pelo fascismo nas guerras coloniais. reconhecem também que não tinham quaisquer razões para seguir um homem como Spínola, que na sua passagem pelas colónias os envolvia sempre nas missões mais difíceis mas distribuía depois os louros pela sua «entourage» político-promocional. «Se não tivesse sido tão trágico, diz-nos um soldado pára-quedista de Tancos, quase podíamos dizer que o 11 de Março tinha sido um bem para nós porque nos ajudou a conhecer a verdade e nos obrigou a pensar».

O R.C.P. de Tancos, é agora uma unidade que quer estar ao

serviço do Povo do seu País e, ao nível regional, tem desenvolvido acções de grande interesse no capítulo da dinamização e apoio às populações. Para as crianças daquela Zona os pára-quedistas são hoje os grandes amigos e é impressionante a quantidade de miúdos que, sob os mais diversos pretextos podemos encontrar no aquartelamento, em convívio com os militares.

Desde que o coronel Calheiros tomou o comando do Regimento, logo a seguir ao 11 de Março, desenvolveram-se os contactos com as populações. Aos fins-de-semana autocarros da unidade são postos ao serviço das crianças das escolas da região para excursões e passeios de estudo. Claro que, a certa altura, os pedidos ultrapassam as disponibilidades mas, mesmo assim, foi já possível proporcionar a muitas crianças a visita a locais que de outro modo não teriam oportunidade de conhecer.

Como nada têm para dar mas, de qualquer forma querem agradecer, as crianças fazem desenhos alusivos ao M.F.A. que depois vêm ao quartel oferecer aos militares. Todo este tipo de acções acaba por desenvolver entre as populações, no plano concreto, a verdadeira aliança entre o povo e as Forças Armadas.

Da nossa reportagem em Tancos publicaremos hoje apenas a matéria que se refere ao Campeonato de Pára-Quedismo mas não quisemos deixar de transmitir aos nossos leitores uma breve imagem do que é hoje o Regimento de Caçadores Pára-Quedistas de Tancos e da maneira como se encontra integrado na dinâmica da revolução.

A GUERRA NÃO AJUDA A FAZER CAMPEÕES

Os Campeonatos das Forças Armadas, que integram também para-quedismo, estão a realizar-se pela segunda vez em Tancos e tiveram a participação de 17 elementos da Força Aérea, um da Marinha e dois do Exército, alguns dos quais vieram de Angola.

Do programa constavam provas de estilo, precisão individual e precisão de grupo.

Nas provas de estilo o pára-quedista salta de 2000 metros e faz uma descida em queda livre até aos 700 metros. Durante a descida em queda livre é obrigado a fazer no ar um total de seis figuras. O vencedor é aquele que conseguir fazer essas figuras em menos tempo. Para controlar o corpo no ar o pára-quedista serve-se das mãos como se fossem lemes de direcção, e também do corpo em geral. São saltos espectaculares que provocam calafrios a qualquer espectador não habituado.

Nos saltos de precisão individual o pára-quedista escolhe o ponto de saída e salta da altitude de 800 metros. O objectivo é cair o mais próximo possível de um disco de 5 centímetros de raio. Neste campeonato houve cinco concorrentes que conseguiram essa proeza, saltando sobre o disco.

Nos saltos de precisão em grupo são quatro elementos que saltam com intervalos de dez segundos. A equipa que

somar menor penalização será a vencedora.

Este campeonato foi realizado com o número mínimo de saltos: dois de estilo, quatro individuais e dois de grupo porque o vento que se fez sentir não permitiu mais.

O vencedor absoluto foi o primeiro-sargento Matos, do R.C.P. de Tancos. É pára-quedista desde 1963 e salta em queda livre desde 1970. Fez até hoje um total de 553 saltos.

PEQUENOS AVICULTORES A CAMINHO DA ASSOCIAÇÃO

PORTO, 12 — Algumas centenas de avicultores portugueses, ligados ao sector de criação de frangos, participaram no Encontro Nacional Avícola, que ontem decorreu nas termas de S. Pedro do Sul, promovido pelo Movimento Livre dos Avicultores do Vale do Vouga, tendo por objectivo fundamental o lançamento das bases de uma futura Associação Nacional dos Criadores de Frangos, à semelhança do que já existe com os produtores de ovos e os produtores multiplicadores. O Encontro teve a presença de entidades oficiais, nomeadamente o presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, representantes das Direcções-Gerais de Preços, Serviços Pecuários, Comércio Externo e do Regimento de Infantaria 14, de Vi-

COOPERATIVAS A NÍVEL LOCAL

O elevado número das pequenas explorações de tipo caseiro, que, no seu total, abastecem cerca de 50 por cento do mercado consumidor nacional, vê agravadas as suas condições de existência pelo facto de não disporem de autonomia que permita uma comercialização em termos adequados. A dependência de circuitos intermédios, que lhes reduzem as margens de lucro e encarecem o produto ao consumidor foi, assim, um dos temas mais debatidos, sendo por isso bastante defendida a associação, a nível local, em cooperativas. A importância desta tomada de posição pode avaliar-se pela representatividade dos avicultores reunidos em S. Pedro do Sul: mais de 30 por cento do efectivo nacional de produtores (correspondentes a cerca de 4 milhões de pintos com 8 semanas de vida).

«O consumidor tem agora necessidade de consumir, mais do que nunca, artigos de qualidade. Mas é preciso que todos tomem consciência que não é cada um pensando por si, mas com processos de cooperação, que se pode fazer alguma coisa por todos e pelo País», afirmou um elemento ligado à entidade organizadora. E acrescentou: «Os pequenos produtores têm de se associar, sob pena de se prejudicarem a si e prejudicarem o País. Por outro lado, não é possível fazer um controlo da produção e planejar a nível nacional, a economia do sector, por não ser possível ter números exactos da capacidade de produção do grande número de explorações pequenas e caseiras. Só quando o País souber o que se produz é possível planejar e, inclusivamente, obter crédito e resolver outros problemas.»

Para comparação diremos que um competidor de qualquer país tem mais de 1500 saltos e surpreendeu sempre como é que os portugueses, com tão poucos saltos, conseguiram competir. A intensidade da preparação de combate dada aos pára-quedistas não deixava tempo livre para treinar com vista a competições. É provável que agora, com as Forças Armadas empenhadas num tipo de preparação militar

diferente, os nossos pára-quedistas possam desenvolver as suas qualidades.

Nos Campeonatos Ibéricos realizados no ano passado em Espanha enquanto a maioria dos adversários tinha feito uma média de 250 saltos de treino os portugueses haviam realizado apenas 8. Para o campeonato deste ano, cada concorrente fez apenas 7 saltos.

Para além das provas de campeonato foi realizada uma

demonstração extraprograma que incluía saltos em queda livre a 1800 metros em que os pára-quedistas, em plena queda, com os para-quedas fechados, se agarram no ar. Depois, outra equipa saltou da altitude de 2500 metros que se agarraram também no ar. De outro helicóptero saltaram ao mesmo tempo três elementos que fizeram uma «estrela de três» ou seja agarraram-se os três no ar em posição horizontal em queda livre. Os para-quedas abrem só a 850, 800 e 750 metros. Este salto foi particularmente emocionante porque um dos pára-quedas somente se abriu a cerca de 500 metros do solo, o que é já para além dos limites de segurança e altura em que o saltador utiliza o para-quedas de emergência.

Os resultados finais do campeonato foram os seguintes. Precisão Individual: 1.º, tenente-coronel Ramos Gonçalves; 2.º, sargento Machado; 3.º, 1.º-sargento Matos.

Estilo: 1.º, 1.º-sargento Matos; 2.º, capitão Cavaco; 3.º, tenente-coronel Ramos Gonçalves.

Precisão de Grupo: 1.ª Equipa B da F.A.P. (capitão Cavaco, capitão Oliveira, 1.º-sargento Matos, 1.º-sargento Machado e 1.º-sargento Romão Pires); 2.ª Equipa A da F.A.P. (tenente-coronel Ramos Gonçalves, tenente Gaspar, 1.º-sargento Ferreira, 1.º-sargento Crus, 1.º-sargento Xavier; 3.ª Equipa C da F.A.P. (tenente Moita, 1.º-sargento Valente Dias, 1.º-sargento Martinho, 1.º-sargento Gonçalves, 1.º-sargento Ventura Pinto).

Combinado Individual: 1.º, 1.º-sargento Matos; 2.º, capitão Cavaco; 3.º, tenente-coronel Ramos Gonçalves.

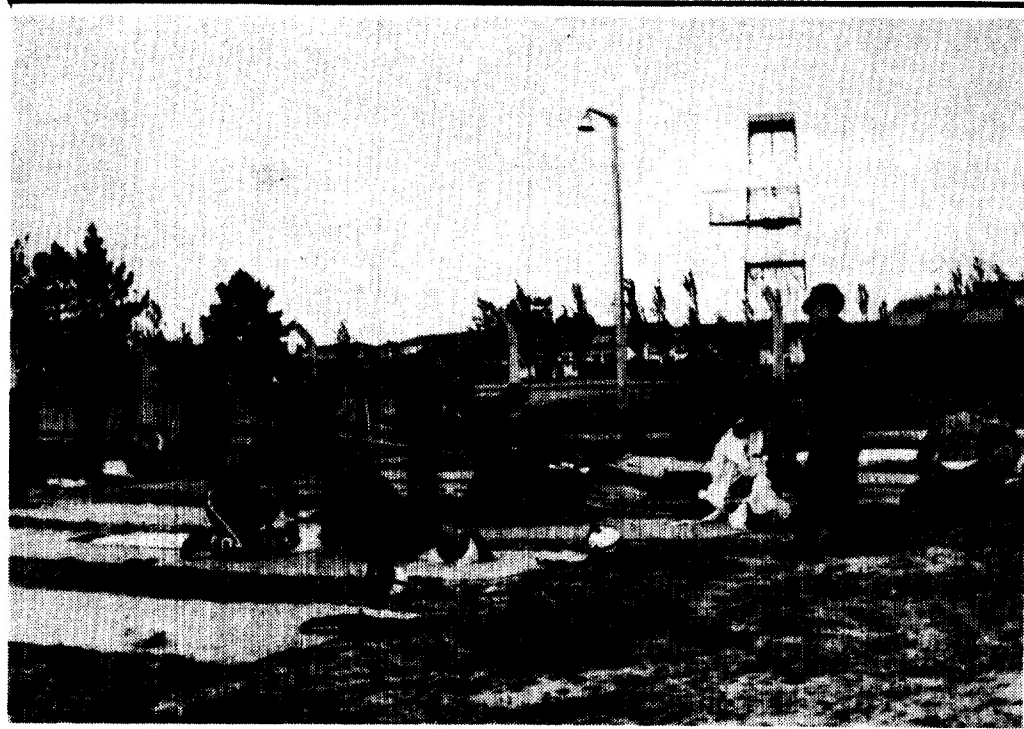
samente povoadas a fim de a coordenar com a restante produção agrícola. Quando isso se verificar, nota-se que a produção de frangos e de ovos funciona como importante elemento dinamizador da agricultura local. A avicultura deve ser coordenada com a restante agricultura.»

A entidade organizadora apresentou, como sugestão, um esquema organizativo do sector, a nível nacional, que prevê um Conselho Nacional Avícola ou Secretaria de Estado de Coordenação e Planeamento Avícola, como organismo executivo da União das Associações Nacionais Avícolas que, por sua vez, integrariam as associações de multiplicadores, produtores de ovos, criadores de frangos e centros de abate (as duas primeiras associações já foram criadas). Sugeriu ainda que a Associação dos Criadores de Frangos se dividisse em quatro associações regionais, respectivamente para as zonas de entre Minho e Douro, entre Douro e Mondego, entre Mondego e Tejo e ao sul do Tejo. A sugestão continha ainda um grande número de elementos referentes à produção, às oscilações do mercado, à qualidade dos produtos, à utilização de redes frigoríficas, ao apetrechamento das instalações, à pesquisa e controlo das raças.

Finalmente foi eleita uma comissão «ad hoc» com elementos das quatro zonas referidas, que por sua vez elegerão os seus representantes para a futura Comissão Nacional, com vista à criação da Associação Nacional dos Criadores de Frangos.

UM ORGANISMO COORDENADOR

A intervenção do dr. António Bica, por exemplo, salientou também este aspecto, afirmando: «Só se pode regularizar o mercado com mínimo de centralização a fim de as pessoas saberem como e quanto podem comercializar em frangos e em ovos. Por outro lado, há que encaminhar a produção de frangos para as zonas menos den-



Nacional

LAVOURA DA ESTREMADURA

ONDE ESTÃO OS PROCESSOS DOS MIXORDEIROS DE VINHO?

A divulgação das razões por que estão arquivados ou parados milhares de autos e processos levantados aos mixordeiros, grandes responsáveis pela situação existente no co-

mercio interno de vinhos é pedida pelas comissões liquidatárias dos Grêmios da Lavoura da Estremadura, em documento apresentado ao Conselho da Revolução e no qual se contém

os princípios que aquelas comissões «gostariam de ver aplicados». Ainda no mesmo capítulo, defende-se uma «actuação rigorosa e justa sobre os antigos e actuais mixordei-

ros, que a dignidade dos produtores de vinho exige».

A lavoura da Estremadura defende, por outro lado, «a necessidade urgente de escoar as existências de vinhos nas

adeegas cooperativas e o encerramento imediato das destilarias particulares que se dedicam ao fabrico de aguardente e sua colocação ao serviço das organizações do sector agrícola». Pedem, além disso, um «rigoroso inquérito às qualidades das existências das aguardentes, brandes e vinhos», a «revisão do decreto de intervenção e da tabela de preços da J. N. V. que prejudicam o produtor e o consumidor, em particular e a economia nacional, em geral, a favor de armazenistas e mixordeiros» e ainda a «revisão da política de crédito destinada à intervenção no mercado de vinhos». Finalmente, alertam o Governo para o facto de «muitos milhares de produtores estarem a vender a totalidade da sua produção a preços que oscilam entre 1\$60 e 2\$75 por litro».

Além da vitivinicultura, o documento das comissões liquidatárias refere-se a outros sectores, nomeadamente cereais,

hortofruticultura, leite e carnes, associações de classe e liquidação dos Grêmios da Lavoura. Em muitos passos do documento, fala-se de «saneamento urgente dos circuitos comerciais e consequente eliminação do parasitismo comercial» (hortofruticultura), de «garantia de preços antes da sementeira e necessidade de preços diferenciais a favor do pequeno agricultor» (cereais), do aproveitamento da «estrutura cooperativa já existente, saneando-a, democratizando-a e ampliando-a, o que exige medidas imediatas do Governo» (leite e carnes), dos «interesses das populações na criação das Ligas Agrárias, mas dificuldade na sua estruturação devido à falta de acção concreta que responda às necessidades mais prementes dos agricultores» (associações de classe) e da «criação de Secretariados Regionais Inter-Comissões Liquidatárias para coordenarem a liquidação e a transformação dos Grêmios da Lavoura».

SINDICATO DOS PROFESSORES

ZONA DA GRANDE LISBOA

SESSÕES DE ESCLARECIMENTO SOBRE OS ESTATUTOS DO SINDICATO, ABERTAS A TODOS OS PROFESSORES DO E. OFICIAL E PARTICULAR

DIA 10 DE MAIO

Vila Franca de Xira (Escola Preparatória) 15,00 horas

DIA 12 DE MAIO

Escola do Magistério Primário de Lisboa 18,30 horas
E. T. Ferreira Dias 21,00 »

DIA 13 DE MAIO

Azambuja (Escola Preparatória) 18,30 horas
Alpiarça (Escola Preparatória José Relvas) 21,30 »

DIA 14 DE MAIO

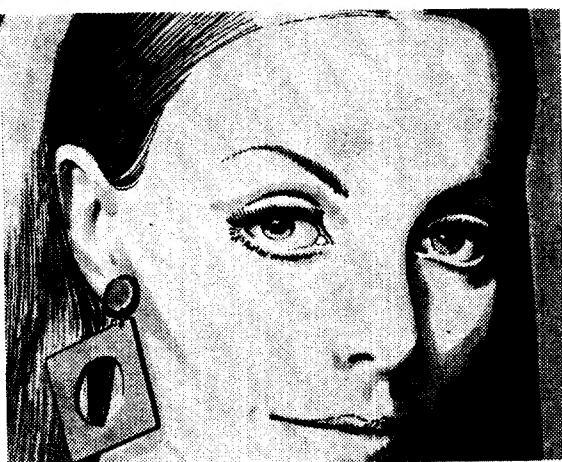
Barreiro (E. I. C. Alfredo da Silva) 21,00 horas
E. Superior (Rua das Gaivotas, 6 Lisboa) 21,30 »

ASSINA: A COMISSÃO DIRECTIVA

Lisboa, 8 de Maio de 1975

P'la C. D. P.

Ludgero Paulo Nobre Leote



Em boa companhia nos grandes Fiordes da Noruega

Reserve o seu lugar na Excursão aos Grandes Fiordes da Noruega. E conheça alguns dos mais emocionantes e espectaculares cenários do mundo. A terra dos Vikings espera por si.

HOTÉIS
Classe turística superior.

PARTIDAS
De Lisboa: todos os domingos, de 25 de Maio a 24 de Agosto de 1975.

Yours all ways
SAS
SCANDINAVIAN AIRLINES

Consulte o seu Agente de Viagens habitual ou
SAS - Avenida da Liberdade n.º 236-A
Tel. 557116 - Lisboa



GUEVARA EM MEDALHA

Mais um lançamento político da Medaglis — Núcleo Medalhístico de Lisboa: agora é Che Guevara, o médico argentino que foi companheiro de Fidel Castro na libertação de Cuba e morreu tragicamente baleado na orla da selva boliviana.

A medalha, tirada em 500 exemplares de bronze e 50 de prata, a preços mais baixos que os habitualmente praticados no mercado até ao «25 de Abril», é uma obra conjunta do escultor A. Cândido e do gravador Fernando Pires. Inicia a série «Libertadores da História», a continuar com Lenine e Gandhi. Uma outra série já programada pela Medaglis será dedicada aos Direitos do Homem.

«O Homem, esse ser extraordinário (...), caminha obstinado na pista sem fim da libertação» — escreve a Medaglis ao apre-

sentar a série em curso. Assim aparecerão também Mao Tsé-Tung, Simón Bolívar, Patrice Lumumba, Maomé, Espártaco e, surpresa para os distraídos, Jesus Cristo.

De Guevara, no reverso, são lembradas as palavras de ordem: «Não há fronteiras nessa luta de morte. Não podemos permanecer indiferentes ao que ocorre em qualquer parte do Mundo».

**prático...
fácil...
e
eficiente !**

Mesmo no centro de Lisboa
um local onde pode

- Fazer a sua assinatura
- Colocar o anúncio que lhe interessa
- Comprar números atrasados
- Tratar de qualquer assunto relacionado com o jornal

Diário de Lisboa

loja dos restauradores - restauradores 7

RENASCENÇA GRÁFICA

S. A. R. L.

Sede: Rua de Luz Soriano, 44 LISBOA

Assembleia geral ordinária

Convido os Srs. Accionistas para se reunirem em assembleia geral ordinária nas dependências desta sociedade sitas na Rua de Castilho, 185, 2.º, em Lisboa, pelas 12 horas do dia 27 de Maio próximo futuro, a fim de:

- 1.º Apreciar e votar o relatório, balanço e contas do conselho de administração, bem como o parecer do conselho fiscal, relativos ao exercício de 1974;
- 2.º Proceder à eleição para os lugares vagos dos corpos gerentes e da comissão a que se refere o § 3.º do artigo 10.º dos estatutos da sociedade;
- 3.º Deliberar sobre quaisquer assuntos de interesse para a sociedade.

Lisboa, 9 de Maio de 1975.

O Vice-Presidente da Assembleia Geral
João Ruella Ramos

HERDADE

Muito bem situada a 100 km de Lisboa, tem telefone, estrada alcatroada e pode ser electricificada por ficar junto da povoação (a electricificação custa 150 contos), ótima para férias, fim-de-semana e bom rendimento, como está e é fácil de administrar. Tem boas condições para indústria, grande criação de porcos, frangos, coelhos, patos, perús, grande vacaria para produzir leite, (a cooperativa vai lá buscar o leite), etc. Não tem área para ser expropriada. Vendo por 6000 contos ou troco por terrenos ou prédios, valor inferior ou superior. Posso entrar em sociedade com quem disponha de dinheiro para comprar parte da herdade e explorar vacas, porcos, frangos, coelhos, patos, perús ou qualquer indústria. Sou o dono. Carta ao Apartado, 1048, Lisboa-1.

1 SEMANA em LONDRES

PARTIDAS:

TODOS OS DOMINGOS

MAIO 4, 11, 18 e 25

JUNHO 1, 8, 15, 22 e 29

JULHO 6, 13, 20 e 27

Preços excepcionais desde*

3.750\$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu»

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Tel. 32 00 21

PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Tel. 3 79 21

COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Tel. 2 70 11/2

FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Tel. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

FÉRIAS PORTUGUEAS ALGARVE

VIAGENS EM MODERNOS AUTOPULLMANS

TODOS OS SÁBADOS

Junho - Julho - Agosto - Setembro

8 OU 15 DIAS

Preços excepcionais desde

3.400\$

RESERVAS E INFORMAÇÕES

abreu

fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Tel. 32 00 21

NÃO PINTE

OS CABELOS

USE RESTAURADOR

OLEX

E OS SEUS CABELOS

VOLTARÃO À SUA COR

PRIMITIVA

Costo, Lda

PARTE

L. S. Domingos, 100

Nacional

A F.N.L.A. recusa participar na cimeira angolana com Portugal

A Frente Nacional de Libertação de Angola (F. N. L. A.) recusou categoricamente participar numa cimeira dos três movimentos de libertação de Angola com o Governo Português.

Segundo um telegrama da "France Press", datado de Tunes, capital da Tunísia, país que Holden Roberto, presidente da F. N. L. A. acaba de visitar, o seu movimento divulgou um comunicado em que «se recusa categoricamente a tomar parte numa reunião dos três movimentos angolanos em que esteja associado um representante do Governo Português», isto devido «à evidente parcialidade e falta de objectividade de que certos membros do Governo de Lisboa dão provas em relação à F. N. L. A.».

A F. N. L. A. acrescenta neste seu comunicado que «uma tal reunião correria o risco de terminar na confusão devido às intrigas que não deixariam de ser urdidas por aqueles que têm interesse em pescar em águas turvas».

O comunicado de Tunes considera que «a reunião na qual a F. N. L. A. está pronta a participar, apenas deverá reunir as partes angolanas em conflito, à semelhança da realizada em Mombaça, sem intervenção de uma quarta parte».

«As manobras de determinados círculos portugueses que visam espalhar a confusão e

a discórdia em Angola nas vésperas da independência estão votadas ao malogro», declarou Holden Roberto, presidente da F. N. L. A., ao deixar ontem Tunes.

Esta atitude da F. N. L. A., que objectivamente visa impedir Portugal de intervir correctamente no processo de descolonização de Angola, responde à proposta do Governo Português anunciada na sexta-feira passada, após a reunião da Comissão Nacional de Descolonização.

Enquanto Angola é invadida por cidadãos zairenses armados, integrados no exército da F. N. L. A., de Kinshasa chegam-nos um outro telegrama em que a F. N. L. A. se pronuncia contra a intervenção do Comité de Libertação da Organização da Unidade Africana nos assuntos internos de Angola.

PROVOCAÇÕES DA F.N.L.A. A ROSA COUTINHO

Hendrik Vaal Neto, membro do «bureau político» da F. N. L. A., concedeu uma entrevista ao enviado especial da France Press em que acusa o M. P. L. A. de responsável pelos acontecimentos registados em Luanda.

«Com excepção de Luanda e Luso, que são os pontos quentes de Angola, a situação pode considerar-se geralmente calma», precisou.

Reconhecendo que a tensão subsiste no plano político, Vaal Neto atribui-a às recentes declarações feitas no estrangeiro pelo dr. Agostinho Neto, o qual responsabilizou «a F. N. L. A. e determinados reacçãoários portugueses» pelos recentes incidentes.

Interrogado acerca das reacções da minoria branca perante os recentes acontecimentos, Vaal Neto precisou:

«Houve nalguns bairros grupos reclamando-se do chamado poder popular que atacaram indistintamente negros e brancos. Creio que estes últimos receiam a eclosão, de um momento para o outro, de um movimento antibranco no país. Sabemos que há dezenas de milhares de requerimentos para sair de Angola. Pela sua parte, a F. N. L. A. empenha-se em tranquilizá-los. A sua partida maciça e brusca teria as mais graves consequências na economia de Angola, infelizmente ainda de tipo colonial.»

A ameaça velada e a impunidade de que se revestem as declarações deste membro do Governo de Transição de Angola dispensam comentários. Registemos:

«Estamos decididos a fazer tudo o que for necessário para impedir novos incidentes de que o povo seria a primeira vítima, mesmo quando o M. P. L. A., nos seus recentes comunicados, dá a entender claramente que é preciso recomençar e, desta vez, ir até ao fim», indicou por outro lado Vaal Neto. «Mas que não esqueçamos», observou «que se as forças do M. P. L. A. foram criadas depois do 25 de Abril pelo almirante Rosa Coutinho, o exército de Libertação Nacional de Angola (E. L. N. A. — ramo militar da F. N. L. A.) tem, pela sua parte, catorze anos de experiência de combates.»

REPENSAR O REGRESSO

A propósito da possível vinda de portugueses de Angola para Portugal, o Ministério da Coordenação Interterritorial emitiu um comunicado em que convida os portugueses a repensarem calmamente as suas decisões. Assim, refere aquele Ministério:

«Confia-se em que a maioria dos que por compreensivo imediatismo de reacção decidiram

regressar a Portugal, possam repensar essa sua decisão e voltar a confiar numa Angola que não pode deixar de encontrar os caminhos da convivência harmoniosa e da paz.

«Nesse sentido, estão sendo tentados, a todos os níveis, os mais porfiados esforços.

«Não obstante, os portugueses que persistirem no regresso à Pátria — definitivo ou não — e que não disponham de meios próprios para ocorrerem aos encargos de primeira instalação e às dificuldades da sua reintegração social, não serão abandonados.

«Encontra-se em fase de estruturação, mas já com razoável capacidade de resposta, o Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais, na dependência do Ministério da Coordenação Interterritorial.

«Cumprirá, esse Instituto, a sua missão, a começar pelos deslocados que se esperam na próxima semana, em número de algumas centenas. Contudo e dado que não dispõe de meios ilimitados, nem a situação conjuntural do País é de molde a poder absorver a capacidade activa de grandes massas populacionais, é desejável que os portugueses que se dispõem a regressar o não façam sem madura ponderação das consequências da sua atitude e sem verem definitiva e seguramente esgotadas as possibilidades de continuarem a cooperar com o seu trabalho e o seu entusiasmo para a construção desse grande país que será Angola.»

NETO: PORQUÊ A OFENSIVA

Enquanto os «cristãos pelo socialismo» denunciam em Lisboa as acções de terror desencadeadas pela F. N. L. A., Agostinho Neto, presidente do M. P. L. A., em entrevista concedida ao «Diário de Notícias», referindo-se à mesma questão declarou:

«A modificação da atitude por parte das F. A. P. L. A. e do nosso Movimento deve-se simplesmente ao facto de verificarmos que as forças reacçãoárias se estão a instalar e a aumentar os seus ataques contra o M. P. L. A., o que quer dizer contra os interesses do povo angolano, portanto contra os interesses das forças progressistas em Angola. Essas forças progressistas, em que o

elemento fundamental pode ser considerado a aliança entre o povo e as F. A. P. L. A., tentarão reagir e reagirão com toda a decisão, para que nenhum outro ataque possa ser feito neste país contra as forças progressistas e neste caso contra o processo de descolonização que nós queremos ver completado no dia 11 de Novembro.»

Referindo-se à posição portuguesa no processo, Agostinho Neto considerou:

«Em várias ocasiões eu tenho exprimido a minha opinião sobre a posição portuguesa em Angola. Já me referi diversas vezes à passividade com que a parte portuguesa tem assistido aos conflitos que são desencadeados em Luanda e de uma maneira geral em toda Angola. Esta política, a que chamam neutral, que se pretende isenta e a que se chama também uma política de imparcialidade perante os movimentos de libertação, é uma atitude que do ponto de vista do M. P. L. A. só pode prejudicar, não só Angola, mas também Portugal. Porque é muito fácil reduzir os conflitos que tem havido em

Angola, como sendo conflitos entre movimentos de libertação. Não é bem assim. O que se passa é que há forças externas que desejam recolonizar Angola. Essas forças querem manter sob o seu controlo as riquezas do país e querem portanto, manter o domínio sobre o nosso povo. Não desejam portanto, que o processo de descolonização vá até ao fim e que Angola seja completamente independente. Face a estes factos, não podemos ter senão uma atitude: a de combater contra essas forças. Porque, da mesma maneira que nós combatemos para chegarmos a esta fase, para que o nosso direito à independência fosse reconhecido, nós combatemos também para que esse direito possa ser aplicado ao nosso povo. No entanto, eu creio que nem tudo está perdido. Nós sempre tivemos o maior apreço pelo povo português, até porque é um povo que também luta contra o imperialismo, um povo que também foi oprimido pelo fascismo, um povo que se tem manifestado, da mesma maneira que nós, pela independência total de Angola.

O P.S. e a liberdade de informação

O núcleo do Partido Socialista na Emissora Nacional emitiu um comunicado, em que se escreve:

Queremos uma informação empenhada no processo revolucionário em curso e que seja uma informação atenta às lutas dos trabalhadores, queremos uma informação pluralista e livre, assente na igualdade de tratamento a todas as correntes democráticas, queremos, em suma, uma informação ao serviço do povo português.

Não queremos uma informação sectária, partidária, acrítica, propagandística, monotona, desinformativa, ao serviço de minorias partidárias.

Queremos construir essa informação com o esforço participativo de todos os trabalhadores e não apenas de alguns, em estreita união com as massas trabalhadoras e em ligação ao M.F.A., representado na E.N. pela direcção militar, em

quem os militantes socialistas da Emissora depositam total confiança.

A situação de crise que neste momento se verifica na E.N. deriva em larga medida da actuação de grupos minoritários. A superação rápida dessa crise tem de ser a nossa tarefa prioritária. É o que de nós espera o povo português, o M.F.A. e a Revolução. Para isso os trabalhadores da E.N. têm de se unir e lutar pela defesa das conquistas já alcançadas pelo povo português e por uma Informação livre, responsável e independente.

A E. N. tem um longo passado de traição às massas trabalhadoras portuguesas e de desinformação do povo português. A tarefa prioritária dos trabalhadores da E.N. tem de ser: hoje, colocá-la ao serviço da Revolução e do povo português. — É essa a nossa luta.

"ALERTA ESTÁ" COM AS CRIANÇAS NO JARDIM DA ESTRELA

Correspondendo a uma iniciativa da Comissão de Moradores da freguesia de Santa Isabel, centenas de crianças, entre os cinco e os doze anos, passaram ontem o dia no Jardim da Estrela, em actividades culturais e desportivas. De manhã foi atletismo, voleibol, basquete e hóquei, no que foram auxiliadas por monitores da Direcção-Geral dos Desportos e praticantes de vários clubes desportivos da zona. De tarde, as crianças

dedicaram-se à pintura, cujo tema foi o próprio Jardim da Estrela. Houve também teatro infantil, pelo Grupo Popular de Rio de Mouro. A Comissão de Moradores informa, através de um comunicado, que no próximo fim-de-semana (e, por princípio, nos que se seguirão) voltarão a realizar-se no Jardim da Estrela actividades desportivas e culturais. «Alerta está» (grupo de teatro do M.F.A.) estará presente.

CARLOS CARVALHAS:

Muitos trabalhadores já aderiram à batalha da produção

«A conquista dos trabalhadores para a batalha da produção — afirmou o secretário de Estado do Trabalho, dr. Carlos Carvalho, numa entrevista concedida à A. N. I. — terá de passar por um empenhamento das diversas correntes políticas, no sentido de se enquadrarem na batalha económica. Porque, se certas correntes, ainda com a mira de uma popularidade fácil ou utilizando a demagogia (os demagogos foram sempre os grandes inimigos do povo) continuarem a ter várias faces, conforme as regiões e as situações, será bastante difícil conquistar os trabalhadores para o processo. Assim, estes começarão a ter dúvidas se será mesmo necessário apertar o cinto, uma certa austeridade e mobilização. Pois se há correntes políticas que criam facilidades e criam um clima favorável à reivindicação e até a estimulam, será caso para perguntar por que razão há uns que falam em austeridade e outros em luxúria.»

Sobre as possíveis medidas concretas que o Governo tomará para acelerar a batalha da

produção, o dr. Carlos Carvalho afirmou:

«Julgo que está no espírito e nos planos de vários departamentos do Governo tomar medidas concretas para a batalha da produção. Terão, agora, de compatibilizar e programar essas acções, mas esta batalha da produção tem uma dimensão muito importante que é a dimensão política, a que me referi atrás. Sem ela, será extremamente difícil que a batalha seja ganha.»

Muitos trabalhadores já aderiram à batalha da produção, por vezes com enormes sacrifícios e abdicando, nomeadamente, de reivindicações justas. Referindo-se a esses exemplos, que permanecem no anonimato, o dr. Carlos Carvalho disse:

«Na verdade, até ao 11 de Março, os órgãos de Informação deram um grande relevo aos trabalhadores e aos dirigentes sindicais que se distinguiram no campo da luta reivindicativa e até na condução de formas de luta diversas, entre as quais, a greve. Na sua maioria, poderia dizer que foram jus-

tas, correspondem a etapas de luta de classes e estão inseridas num processo revolucionário.»

Depois de se referir às nacionalizações da Banca, dos Seguros e de alguns sectores-chave da economia nacional que, segundo o dr. Carlos Carvalho colocou «a maior parte da mais-valia criada pelo aparelho produtivo nas mãos da colectividade», o secretário de Estado do Trabalho prosseguiu:

A partir dessa data, parece-me que algumas das lutas já não se situam entre o capital e o trabalho, mas entre o trabalho e a colectividade. Necessitam, portanto, de um novo cálculo económico e novas formas de contratação colectiva. Teremos de conquistar a classe trabalhadora para a batalha da produção. Mas não basta apelar e conquistar. É necessário que se dê prestígio e se conheçam mesmo os casos que se têm distinguido em todo este processo. Merecem todo o apreço dos trabalhadores, dos governantes e ampla divulgação nos órgãos de Infor-

mação. Estou a recordar-me, por exemplo, dum pequeno estaleiro no Algarve, que os trabalhadores tomaram nas suas mãos e estruturaram; das minas de Salmagru, que estavam praticamente abandonadas e foram retomadas pelos trabalhadores, aos quais foi dado um subsídio para pagar salários em atraso. Os trabalhadores não pegaram nesse dinheiro. Guardaram-no para quando as máquinas tiverem algum problema e, com o seu esforço e aumento de produção, conseguiram pagar os salários em atraso. Estou a lembrar-me dos mineiros de Pejão, dos vidreiros da fábrica Pereira e Rolão, da Marinha Grande...»

A pergunta da A. N. I. para que «metas apontava a batalha da produção», o dr. Carlos Carvalho disse:

«Uma das metas será, efectivamente, o aumento da produção; outra, a melhoria da qualidade dessa produção. Uma terceira meta será ajustar a produção às necessidades reais da população, pois até agora o aparelho económico produzia para as classes mais

favorecidas e para a exportação. A maior parte do povo português encontrava-se marginalizado do consumo. O aparelho produtivo terá agora que ser posto ao serviço das classes trabalhadoras. A simplificação administrativa e burocrática, a descoberta de soluções mais económicas, a melhoria da organização, será encontrada pela imaginação criadora das massas quando verdadeiramente interessadas no processo. Estou convencido que há, hoje, condições para vencermos a batalha económica.»

DENEGRIR AS NACIONALIZAÇÕES

Algumas forças políticas, referindo-se às nacionalizações, têm afirmado que se caminha para um «capitalismo de Estado». O secretário de Estado do Trabalho, salientou a este respeito:

«Existem efectivamente pessoas com responsabilidades políticas que têm feito o

possível para denegrir as nacionalizações. As nacionalizações podem ser postas em causa, quer no plano ideológico, quer no domínio da actuação concreta, criando dentro das empresas nacionalizadas um clima desfavorável ao aumento de produção, à racionalização das actividades, etc...»

No domínio ideológico, essas afirmações revelam desconhecimento de que é o capitalismo e do que é o Estado. Penso que essas pessoas nunca estiveram interessadas na nacionalização, mas num prosseguimento de fachada e não, propriamente, num avanço concreto do processo revolucionário, que passa efectivamente pelas nacionalizações.

É claro que há sempre quem não queira perder o comboio e no dia imediato às nacionalizações venha dizer que sempre estiveram de acordo. Mas uma coisa são as palavras e outra as actuações práticas. É altura de se começar a distinguir quem está contra e quem está a favor do processo revolucionário. Por palavras e por actos.»

O EFEITO ON-OFF DA L-DOPA

A doença de Parkinson provoca tremor e rigidez dos músculos. Até 1967 o milhão de americanos vítimas desta enfermidade estava condenado a uma vida muito limitada por aquelas perturbações. Então, surgiu um novo medicamento, a L-dopa, que possibilita o regresso dos doentes a uma actividade física normal. Contudo a L-dopa não é isenta de inconvenientes.

Por vezes, os doentes que a tomam sofrem uma recaída. Tais recaídas poderiam ser explicadas por uma descida do nível sanguíneo do medicamento, se não se desse o caso de doses suplementares não as compensarem.

Chama-se efeito on-off à alternância dos períodos de melhoria com essas recaídas.

Uma equipa de farmacologistas do Hospital St. Vincent de Sydney, acaba de encontrar uma possível explicação para o efeito on-off.

Um dos produtos em que a L-dopa se transforma, no organismo, a tetra-hidro-papaverolina, antagoniza os efeitos benéficos do medicamento.

Concluem os investigadores que o sucesso ou falha da L-dopa depende em parte das proporções relativas de formação e acumulação no cérebro dos diversos compostos a que ela dá origem.

O PAPEL DAS CATECOLAMINAS NA MEMÓRIA

As catecolaminas são produtos químicos segregados por células nervosas.

O papel destes produtos químicos nas funções normais fisiológicas e de comportamento começou só agora a ser esclarecido.

Por exemplo, descobriu-se que as catecolaminas participavam no sono.

c Agora surgem afectando a memória.

Segundo comunicação de vários investigadores, rato após tratamento com o acetoxicicloheximida (AXM), desenvolveram amnésia.

Louis B. Flexner e a sua equipa de neurologistas, da Universidade de Pensilvânia, provaram que este composto reduzia a actividade da enzima tirosina-hidroxilase no cérebro.

c Uma vez que a tirosina-hidroxilase controla a velocidade de síntese das catecolaminas, esta perda de actividade sugeria que a amnésia provocada pela AXM, podia ser devida, em parte, a uma redução na síntese de catecolaminas.

Então, Flexner e os seus colegas, comprovaram esta possibilidade.

Esta comprovação foi divulgada em «Proceedings of the National Academy of Sciences», do mês de Fevereiro do ano corrente.

Assim as catecolaminas desempenham um determinado papel na memória.

MODIFICANDO A PERSONALIDADE DO TIPO A

Tem-se provado que as pessoas agressivas, tensas, com espírito de competição, com a chamada personalidade do tipo A, são mais propensas a enfartes do miocárdio que as pessoas com uma personalidade menos agressiva.

Modificar a personalidade do tipo A não é fácil, mas é possível.

Por exemplo o yoga e outras técnicas de descontração podem diminuir a tensão arterial (Chandra Patel de Groydon, Surrey, Inglaterra, relatórios publicados em «The Lancet», de 11 de Janeiro do ano corrente).

Doze doentes hipertensos foram assistidos por Patel 3 vezes por semana, durante 3 meses, executando exercícios de descontração psicofísica, baseados nos princípios do yoga e em outras técnicas.

Durante nove meses, os doentes continuaram em casa os exercícios de descontração.

Durante esse tempo, Patel controlou a tensão arterial dos doentes comparando-a com a doutros hipertensos.

Provou-se que os exercícios tinham reduzido eficazmente a tensão arterial.

Quando alguns dos doentes encontraram dificuldades em adquirir a disciplina necessária para efectuarem com regularidade os exercícios de descontração, Patel sugeriu-lhes o uso de sinais luminosos, campainhas de telefone e sinetas, como índices para verificarem o seu estado de tensão ou descontração.

Estes sinais mostraram ser um substituto eficaz das sessões regulares de exercícios.

MECANISMO DA INTOXICAÇÃO ALCOÓLICA

Alguns cientistas pensam que o efeito tóxico do álcool coincide com a transformação do etanol em aldeído acético, ao nível do cérebro.

Agora, segundo investigações de Henry A. Sloviter e seus colaboradores, da Universidade de Pensilvânia, sugere-se que aquela transformação se dá no fígado e não no cérebro.

Sloviter e os seus colegas mergulharam cérebros isolados de ratos em etanol marcado com um isótopo radioactivo. Uma vez que não detectaram radioactividade nos aminoácidos do cérebro, concluíram que este órgão não metaboliza o etanol a uma velocidade mensurável.

De igual modo, mergulharam cérebros isolados de ratos em aldeído acético marcado radioactivamente e depois em acetato (produto metabólico do aldeído acético).

Após a imersão em qualquer destas substâncias, havia uma radioactividade considerável nos aminoácidos dos tecidos cerebrais.

Estas descobertas sugerem que o aldeído acético é provavelmente a substância responsável pela intoxicação causada pela ingestão de álcool e que atinge o cérebro através da corrente sanguínea depois de ter sido produzido ao nível do fígado, a partir do etanol.

Medicina

VISITAS DIÁRIAS A CRIANÇAS INTERNADAS FICAR MUITO TEMPO LONGE DOS PAIS CONSTITUI EXPERIÊNCIA DECEPCIONANTE

Muitos pais constatarem, preocupados, que o filho já não é o mesmo depois de permanecer por algum tempo internado num hospital. Fenómenos característicos, tais como distúrbios do sono, falta de apetite, incontinência de urina durante a noite, pesadelos, agressões e excesso de apego, apresentam-se como consequências directas e típicas. Se, entretanto, virmos com clareza que as crianças reagem a todas as grandes experiências vitais com manifestas alterações de comportamento, não há razões para nos admirarmos disso. E uma permanência num hospital é, para cada criança, uma destas experiências vitais que deixam a sua marca. Para muitas, ela significa a primeira separação maior da mãe e do habitual ambiente caseiro.

No hospital, tudo é novo e diferente. As pessoas são estranhas e mudam constantemente. Os quartos são estranhos. A criança não está habituada à cama, à comida, aos vestidos brancos, ao rigoroso regulamento da casa, aos medicamentos, aos exames, às injeções, às visitas médicas e à limitação de liberdade de movimento que aflige muito mais uma criança do que uma pessoa adulta. Muitas vezes a criança até é amarrada à cama. E os pais não estão presentes justamente no momento em que ela mais precisa deles para dominar todas estas impressões e experiências.

O pediatra Bowlby, de Londres, foi o primeiro a apontar na década de 50, para o temor de muitas crianças perante o facto da separação. Elas sentem-se infelizes no hospital, não por estarem doentes, mas por se verem separadas dos seus pais. Especialmente para crianças pequenas de até três ou quatro anos, para as quais não se pode fazer entender por que devem ficar longe da mãe, a separação é um choque, uma decepção existencial, que elas procuram superar, primeiramente com protestos, depois com depressão e finalmente por uma acomodação exterior. O psicólogo londrino Robertson documentou as observações de Bowlby com tantos exemplos impressionantes, tirados da prática, que em 1956 no Ministério da Saúde britânico dispôs oficialmente que em cada hospital fossem criadas possibilidades para o acolhimento das mães junto aos seus filhos pequenos, ou, onde isso não fosse possível, se introduzisse um horário ilimitado de visitas, durante o dia. Desde então, muitos congressos em países europeus se ocuparam deste tema. E já existem numerosos levantamentos sobre as reacções de crianças internadas em hospital. Também na Alemanha Federal cresce o número daqueles que exigem um horário de visitas mais amplo no caso de crianças. Quem mais se empenhou neste sentido foi o pediatra Biermann, de Munique. Depois de muitos anos de trabalho na policlínica universitária de Munique e de extensas viagens de estudo a outros países, foi de cidade em cidade para esclarecer, por meio de conferências e diapositivos, a situação das crianças internadas. Deve-se a ele, por exemplo, o facto de que em Munique foi introduzido, há anos, o horário de visitas diárias em todos os hospitais para crianças, mantidos pelo poder público.

Mas, esta regulamentação ainda não se estendeu, de forma nenhuma, a toda a Repú-

ca Federal da Alemanha. Na maior parte das clínicas, as crianças podem ser visitadas somente uma ou duas vezes por semana. Até agora, somente um terço dos hospitais infantis introduziu um horário de visitas diárias em todas as categorias. Alguns hospitais facultam visitas diárias somente aos pacientes particulares, isto é, aqueles que não satisfeitos com o tratamento dispensado pelo seguro-saúde comum, pagam extra para obterem um tratamento melhor. Tal liberalização choca-se, entretanto, com as rígidas disposições que regem os hospitais e é encarada como sobrecarga desnecessária e suplementar para os médicos e enfermeiras que, de qualquer forma, já estão sobrecarregados de serviço. São eles os que conhecem o hospital, os que estão habituados aos quartos, aos aventais brancos, ao programa diário e às instalações técnicas. Por anos e anos, assistem diariamente a internamentos e despedidas, lidam com crianças simples ou difíceis, com crianças pequenas ou já maiores, supermimadas umas, carentes de afecto outras, com crianças gravemente enfermas ou outras que vêm somente para exames ou para se submeterem a intervenções rotineiras.

Os médicos e as enfermeiras têm, por um lado, a consciência certa que se deve ajudar as crianças e de que, na maioria das vezes, realmente se lhes dá ajuda. Esforçam-se por dar-lhes um acolhimento amigável e o melhor atendimento externo, para que algum dia possa voltar para casa.

Estes mesmos médicos e enfermeiras irritam-se facilmente, por outro lado, e ficam impacientes quando ouvem falar tanto, como tem acontecido especialmente nos últimos tempos, sobre o choque psíquico que as crianças podem sofrer no hospital, sobre a insuficiente formação psicológica das enfermeiras, sobre horários de visitas diárias e sobre a exigência de se receber também as mães com as crianças.

Algumas enfermeiras objectam que apenas uma percentagem mínima de crianças se sente realmente infeliz no hospital. E que estas se acostumam rapidamente se tiverem somente outras crianças junto a si para brincarem. O comparecimento constante dos pais é, segundo elas, desnecessário e serve apenas para dificultar o contacto da criança com o seu novo ambiente.

A vista destas afirmações tão contraditórias, parecem revestir-se de especial interesse as experiências de um hospital, em que há anos já vigora o horário de visitas diárias. Em demoradas entrevistas com médicos e enfermeiras de uma das maiores clínicas pediátricas da Alemanha Ocidental, a Clínica Franz Luss, de Karlsruhe, solicitamos uma tomada de posição. «Trata-se apenas de uma adaptação aparente», disse o prof. Vivell, acrescentando: «Na realidade, as crianças apenas se acomodam passivamente ao ambiente do hospital». A idade desempenha um papel muito importante neste fenómeno.

Para crianças de peito, por exemplo, a permanência no hospital não apresenta maiores problemas, uma vez que elas ainda não distinguem fisicamente diferentes e, por isso, ainda não possuem uma pessoa determinada em seu relacionamento. Para elas, uma enfermeira amorosa e dedicada po-

de substituir, de alguma forma, a mãe. No caso de crianças já um pouco mais crescidas e que já conhecem a mãe, rejeitando por isso, a pessoa estranha, a situação já se torna mais difícil. Trata-se, no entanto, de uma fase muito natural. Para uma criança entre seis meses, mais ou menos, e três anos, os pais estão perdidos a partir do momento em que não os têm mais no seu campo visual. Na maioria das vezes, ela fica então muito triste por algumas horas ou até mesmo por alguns dias. Segue-se, depois, uma fase de adaptação externa. Mas quando a criança vem para casa, tem de acostumar-se novamente, e não sem esforço, à sua própria mãe. Justamente por isso é tão importante a presença repetida e renovada da mãe no hospital. Também para crianças acima de três anos, a permanência no hospital não pode, segundo o prof. Vivell, ser arranjada de forma tal que esta se torne desejável e agradável. Mas, para as crianças, pode-se avaliar a difícil situação. A criança um pouco mais idosa pode-se esclarecer o suficiente para ela entender a necessidade de permanência no hospital e a necessidade de uma operação. Ela, então, não esquece, temporariamente, os pais. Assim, afirma o prof. Vivell, já fica eliminado o «hospitalismo» psíquico, ainda que a criança sinta todos os dias um pouco de despedida. «Esta não é tão difícil para a criança como o sentimento de abandono por falta de visitas, que leva, por sua vez, à resignação. Fundamentalmente, retemos cada criança só durante o mínimo espaço de tempo possível para tratamento em regime de hospitalização. E isso de forma muito especial para crianças gravemente doentes, cuja esperança de vida é pequena. Deixamos estas crianças o máximo de tempo possível em casa e tratamo-las sem internamento».

Na clínica Pediátrica de Karlsruhe, as crianças podem receber visitas todos os dias, das 16.30 às 18.00. «O andamento do hospital não fica prejudicado», disse uma enfermeira, pois «os pais podem brincar com as crianças. Se eles as preparam psicologicamente para o facto de que em hora e meia acaba o tempo de visita e de que podem voltar no outro dia, a despedida não parecerá tão difícil para as crianças. No tempo em que os pais estão de visita, nós enfermeiras também não somos molestadas. Os próprios pais sentam, quando é preciso, o seu filho no bacio. Só é preciso dizer-lhes que o façam. Lá, onde os pais podem vir só uma ou duas vezes por semana, reina uma confusão de gente durante o tempo de visita, e pais e crianças manifestam, de forma irracional, seus sentimentos acumulados».

O médico Nessler, director da Clínica, afirma sobre as suas experiências com os pais: «Desde o tempo em que temos um contacto maior e mais regular com os pais pelo horário de visitas diárias, tornaram-se muito menos frequentes os casos de crianças serem levadas para casa, contra o conselho médico. Quando se trata de crianças com doenças crónicas, fazemos as intervenções menores, tais como transfusões de sangue, punções da medula óssea, punções lombares, possivelmente na presença dos pais. Esta circunstância ajuda a criança a supe-

rar estes momentos difíceis. É muito raro que os pais nos causem dificuldades. Eles adquirem maior compreensão pelo nosso trabalho e muitas coisas eles podem explicar melhor do que nós a seus filhos».

É importante que os pais venham regularmente todos os dias e pontualmente no início do horário de visitas, para que todas as crianças tenham visita ao mesmo tempo e que nenhuma se sinta em desvantagem. Durante este tempo não deveriam ocupar-se exclusivamente com o próprio filho, mas incluir na conversa e nas brincadeiras também as crianças que eventualmente não tenham recebido visita. Os pais deveriam esforçar-se por manter um bom contacto com as enfermeiras, porque a criança sente e compartilha o ponto de vista destas. Nunca se deveria discutir com os médicos ou enfermeiras na presença da criança, porque ela poderia perder, com isso, sua confiança nos funcionários do hospital.

Deve-se ressaltar neste contexto uma outra indicação médica: os pais de crianças com doenças crónicas muito graves tendem muitas vezes a mimá-las de forma exagerada, seja com presentes, seja por concessões excepcionais, que não são feitas, por exemplo, aos outros filhos. Por mais que se compreenda esta atitude, ela é prejudicial à criança. Além de levar a perturbações no comportamento, prejudica também os irmãos sadios.

VIVER COM UM CORAÇÃO ALHEIO CONSTITUI PRIVILÉGIO DE ALGUNS BENEFICIADOS

Em Novembro do ano passado morreu em Richmond, na Clínica da Universidade da Virgínia, o mestre-escola Louis B. Russell, de Indianapolis. A causa da morte foi paragem cardíaca secundária a arritmia irreversível; nada de extraordinário. E, contudo, para a Clínica, Russell era um doente comum. Seis anos antes, tinha recebido um coração alheio. Assim, ele era o recordista dos receptores de corações transplantados. E não se pode dizer que tenha vivido mal: exercia a sua profissão, viajava nas férias, praticava algum desporto e não se sentia mal.

A sua morte ocorreu aos 40 anos de idade. Quantos teria vivido sem a transplantação? De qualquer maneira, não lhe tinham dado mais do que alguns meses de vida.

Na América do Norte vivem mais duas pessoas com transplantações cardíacas desde há seis anos e outras duas que já ultrapassaram a barreira dos cinco.

Constituirá isto uma prova de que tinham razão aqueles que, em Dezembro de 1967, quando, na Cidade do Cabo, Christian Barnard fez a primeira transplantação cardíaca, previram que dentro de poucos anos a operação entraria na rotina?

Não. A transplantação, nessa altura espectacular, continua a ser experimental. Dos 258 doentes que a ela se submeteram, desde a primeira operação de Barnard, somente 52 viveram mais de um ano, o que nem sequer prefaz 20 por cento.

Apesar disso, o cirurgião de maior experiência neste campo e de maior sucesso, o dr. Norman Shumway, da Universidade de Stanford da Califórnia,

Continua na pág. 18

Nacional

INICIAM-SE A 15 DE JULHO OS EXAMES NOS LICEUS

A primeira prova de exames do Curso Geral dos Liceus (5.º ano) efectua-se no dia 15 de Julho e a do Curso Complementar logo no dia seguinte. Em Setembro/Outubro haverá novo período de exames, como é hábito.

No Ensino Técnico, realizam-se também os dois períodos de exame, não estando ainda marcadas as respectivas datas.

Entre os dias 26 e 31 de Maio decorrerá um curto período de férias, que tem em vista facilitar a classificação dos alunos. Esta classificação deverá continuar com a escala de 0 a 20, a atribuir tanto no ensino liceal como no ensino técnico.

Para dispensar dos exames no Curso Geral será necessário média geral igual ou superior a 12 valores e não inferior a 10 valores no ano transacto.

No Curso Complementar, para dispensar dos exames é preciso fazer subir a média geral até 14 valores, pelo menos.

Os alunos do Curso Técnico dispensarão se conseguirem em cada disciplina uma média não inferior a 12 valores.

Resta acrescentar que, tanto no ensino liceal como no ensino

co, os alunos que se encontram abrangidos pela situação de dispensa de exames poderão requerer, se o desejarem a prestação de provas.

CALENÁRIO DOS EXAMES

A primeira prova do Curso Geral será a de Português, a que se seguirá, duas horas após, a de Francês.

No dia 16, também às 9 e às 11 horas, haverá Inglês e

História, no dia 17, Geografia e Matemática; dia 18, Ciências Físico-Químicas e Ciências Naturais; dia 21, Educação Visual e Estética.

No tocante aos exames do Curso Complementar estão marcadas provas à tarde, às 15 e às 17 horas. Assim, os exames começarão no dia 16 com Filosofia e Introdução à Política; dia 17, Português e Matemática; dia 18, Inglês e Ciências Naturais; dia 21, Ciências Físico-Químicas e His-

tória. A partir do dia 22, as provas efectuem-se de manhã, às 9 e às 11 horas, sendo distribuídas do seguinte modo: dia 22, Geografia e Francês; dia 23, Alemão e Desenho; dia 24, Latim e Grego.

Todas estas provas terão a duração de hora e meia, quer para o Curso Geral quer para o Curso Complementar. Constituem excepções as provas de Educação Visual e Estética de Desenho que terão a duração de 2 horas.

EMPOSSADA A COMISSÃO DIRECTIVA DA FACULDADE DE LETRAS

Com o anfiteatro apinhado de alunos e empregados, tomou posse a nova Comissão Directiva da Faculdade de Letras de Lisboa numa assembleia geral de Escola convocada para o efeito.

A nova direcção que se agrupa em torno da «Escola Democrática e Popular», ligada à F. R. E. P., é composta pelos alunos Isabel Maria Viana Moço, Helena Maria Silva Pereira, Luís Manuel Crespo Andrade, Maria Paula Santos de Jesus

Mendes, Maria Cláudia Beleza de Miranda e Maria Margarida Sousa Uva; por parte dos funcionários fazem parte Maria João Coutinho, António dos Santos Cosme, Ana Salema e João Leandro Teixeira de Magalhães e pelos professores, Lindley Cintra, Maria Luísa Leal de Faria, Joana de Barros Baptista, Magdalena Vadell Bonet, Maria do Carmo de Sousa Allen de Vasconcelos e Isabel Hub Faria.

Durante a A. G. E. foi aprova-

da uma moção de «apoio à luta do povo angolano».

A Comissão Directiva, que agora cessou as suas funções, apresentou um relatório sobre a actividade desenvolvida durante o período em que dirigiu a Faculdade. Revelou nomeadamente que o M. E. C. só concedeu 36 mil contos dos 70 mil previstos para aplicar no equipamento da sala, sendo este, a seu ver, «um dos problemas mais graves que se depararam àquela Comissão».

CONVOCATÓRIA

A TODOS OS TRABALHADORES DAS TINTURARIAS E LAVANDÁRIAS, INDEPENDENTEMENTE DA SUA PROFISSÃO OU CATEGORIA.

Considerando que haverá pontos a debater sobre a luta em execução, e o andamento das negociações do Contrato Colectivo Justo e atacar as manobras reaccionárias do patronato deste sector.

Convocam-se todos os trabalhadores das TINTURARIAS E LAVANDÁRIAS, independentemente da sua categoria e profissão, já que o Contrato é VERTICAL para um **GRANDE PLENÁRIO** a realizar na SEGUNDA-FEIRA DIA 12 DE MAIO ÀS 21 HORAS nos Bombeiros Lisbonenses (Rua Camilo Castelo Branco — ao Marquês de Pombal).

QUE NINGUÉM FALTE!
TRABALHAMOS! QUEREMOS VIVER!
UNIDOS E ORGANIZADOS EM COMUNICAÇÃO
COM OS SINDICATOS.

VENCEREMOS,

PELAS DIRECÇÕES DOS SINDICATOS

TEXTEIS DE LISBOA, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL, ESCRITÓRIOS DE LISBOA, ELECTRICISTAS DO SUL, COMÉRCIO DE LISBOA E RODOVIÁRIOS

Novo GS Pallas Agora, o requinte confortável já não é só dos carros de luxo

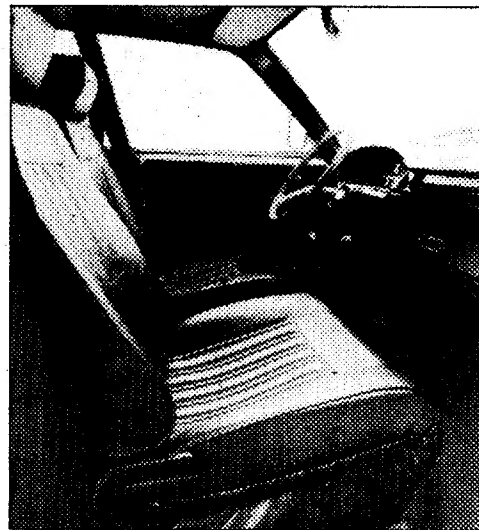
Finalmente! As vantagens do avanço técnico GS completadas com o requinte de acabamentos que cuidou e embelezou até os mínimos detalhes!

O GS Pallas nada tem a invejar aos de maior cilindrada ou maiores dimensões! Motor robusto e silencioso, suspensão hidro-pneumática, tracção dianteira e, nas quatro rodas, travões de disco assistidos! A climatização perfeita e o requinte confortável do

enorme espaço interior, bem estudado, bem iluminado, são atractivos notáveis do GS Pallas. E de apreciar a sua sobriedade agradável que consegue evitar a ostentação e sabe tornar o requinte funcional.

Venha ver e escolher o seu GS Pallas! Em opção, com tecto de «Vinyl».

Consumo: cerca de 6,9 l/100 km à média de 80 km/h.



CITROËN GS Pallas

Nacional

NA FESTA DO P.P.D.:

"Social-democracia, via pacífica para o socialismo"

«Creio que uma das grandes vitórias do nosso resultado eleitoral foi o tornar claro que nada é possível sem nós» — afirmou Magalhães Mota no Estádio 1.º de Maio, onde o P. P. D. comemorava o seu primeiro aniversário. «Um partido não comemora aniversários olhando para trás nem a fazer balanços», dizia ainda o mesmo orador. Quanto ao balanço da manifestação de ontem, se o objectivo era mostrar a presença do P. P. D. e a sua capacidade em reunir uns largos milhares de pessoas, podemos dizer que é positivo. Se a intenção era efectuar uma gigantesca demonstração, em relação com os seus resultados eleitorais, não foi conseguido — sendo o número de participantes, apesar de importante, nitidamente inferior ao registado por qualquer dos dois outros grandes partidos da coligação em manifestações ou comícios no mesmo Estádio 1.º de Maio. Aliás, tal como disseram os próprios dirigentes do P. P. D., pretendia-se realizar mais uma

festa que um comício. Assim, ao contrário do que fora dito em certos meios, não houve as esperadas declarações de intenção susceptíveis de fornecer indicações sobre eventuais modificações das linhas programáticas do partido. Também nada foi dito ou sequer insinuado sobre possíveis alterações das suas estruturas e da composição da sua direcção.

De notar ainda que, embora presentes, alguns dos principais dirigentes do P.P.D., precisamente aqueles cujos nomes eram citados a propósito dessas possíveis alterações programáticas, não tomaram a palavra, embora presentes no Estádio 1.º de Maio. Trata-se nomeadamente de Sá Borges, Pinto Balsemão ou Rui Macheite — três possíveis sucessores de Sá Carneiro no posto de secretário-geral, se o fundador do P. P. D. passar a desempenhar como se pensa, as funções honoríficas da presidência.

Principal orador e única figura de primeiro plano a intervir, Magalhães Mota, secretário-geral adjunto, absteve-se portanto de antecipar em relação aos temas que serão provavelmente abordados no próximo congresso. É verdade que se tratava de uma festa de aniversário, e assim a tónica foi posta sobretudo nos sucessos do partido:

«Sabemos que connosco pensamos, sonham e queremos milão e meio de portugueses. Hoje somos uma multidão, aqui e agora, e sabemos que amanhã seremos ainda mais. Nos campos, nas cidades e nas seis mil unidades fabris onde temos núcleos do P. P. D. Somos uma multidão autenticamente interessada na construção de um país, renovado e novo, mais digno, mais justo, mais livre e mais fraterno.

«Respondemos, cada dia e

todos os dias, ao desafio de fazer do nosso tempo um tempo novo, e da nossa terra, uma terra justa e livre.»

Depois de frisar que a «primeira condição de vida de um partido político é o estar atento», o principal porta-voz do P. P. D. declarou que importa «alargar os seus horizontes e ler nos acontecimentos as exigências e as esperanças de um povo», cuja voz «deve escutar, respeitar e servir».

«Creio que uma das grandes vitórias do nosso resultado eleitoral foi o tornar claro que nada é possível sem nós» — disse depois. E acrescentou:

«Já se demonstrou claramente sermos nós e não quaisquer outros quem autenticamente estava próximo do povo, desde os mais simples, mais humildes e mais desfavorecidos, por muito que isso contrarie os «radicais de palavras», os «sociólogos» de interpretação despeitada da realidade e algumas más consciências».

E terminou dizendo que «temos de saber e temos de viver, que em nós está o sonhar e o querer futuro e que a nossa pátria se constrói pela nossa mão», depois de afirmar: «hoje é dia de festa, amanhã é dia de continuar».

Antes tinham falado alguns eleitos do P. P. D., como Miguel Veiga, candidato pelo Porto — «somos a força da razão contra a razão da força e contra todas as ditaduras» —, Casimiro Colna, deputado por Setúbal — «a social-democracia não é uma pastilha elástica (...), é uma via pacífica e socialista para atingirmos o socialismo» —, Costa Andrade, deputado por Bragança — «a necessidade de se multiplicar a coragem na «escola do infinito» para ganhar a «batalha da democracia» — José Teodoro da Silva, da Juventude Social Democrata, cujo discurso foi, digamos, mais político.

Com efeito, depois de afirmar que o seu partido foi frequentemente alvo de provocações e violências, referiu-se à instauração do socialismo por via pacífica, salientando a necessidade de superar, entre outros, os seguintes obstáculos ao processo revolucionário: «eleições nos sindicatos; gestão democrática do sector nacionalizado por forma a evitar-se uma mera substituição do patrão capitalista pelo patrão Estado; subordinação da actuação dos partidos e dos órgãos nacionais responsáveis pela orientação política do País à vontade popular, livremente expressa pelo voto; liberdade autêntica de informação, que passa pela abolição de todas as formas de sectarismo, demagogia e manipulação da opinião pública por parte dos meios da comunicação social; e vigilância popular contra todas as atitudes provocatórias e divisionistas, como, por exemplo, aquela de que, ainda recentemente, neste mesmo local, as duas principais forças representativas da opção socialista democrática em Portugal foram vítimas. Atitude como esta, concluiu o orador, podem objectivamente abrir caminho à reacção, sendo um entrave à consolidação e desenvolvimento do processo revolucionário».

Além deste discurso mais político, a tónica dominante foi como dissemos a da festa. Festa que começou no Parque Eduardo VII, com um piquenique, realizado no local da concentração da marcha que conduziria os manifestantes até ao Estádio 1.º de Maio.

Precedidos pelos bombos do grupo dos Unidos da Paródia, de Jazente, os manifestantes tomaram a Fontes Pereira de Melo, depois a Avenida da República, cantando e gritando «slogans», no meio das buzinas de carros ocupados por simpatizantes, circulando em sentido contrário. «Socialismo sim, ditadura não», «P. P. D. é da povo, não é de Moscovo», «Falsa informação, não, não, não», «a Intersindical é um tacho do Cunhal» e «Assim se vê a força do P. P. D.» — tais eram os principais «slogans» utilizados pelos manifestantes, já ouvidos, com ligeiras diferenças, em manifestações de outros partidos e demonstrando sem dúvida uma certa falta de originalidade...

Escritores com o povo

Continuação da pág. 1

portugueses os que ali acorreram. O embaixador da República Democrática Alemã também quis assistir, assim como o grande poeta russo Eugénio Donatovsky e o seu compatriota e escritor Alguís Tcheculols, membro da União dos Escritores Soviéticos, além de Karlheinz Bark, investigador do Instituto de Linguística da R.D.A., Renata Pallotini, escritora brasileira, etc.

TRABALHO ÚTIL

A ordem de trabalhos preconizada para o Congresso levou a que a mais de meia centena de comunicações tivessem de ser dividida em quatro secções.

Das discussões e comentários surgidos sobre a temática dos vários textos apresentados, quer no sábado de manhã e à tarde, quer do domingo de manhã, já pela entrada da tarde de ontem tinham nascido os frutos do trabalho útil. Havia sido aprovada, por exemplo, a constituição de seis grupos de trabalho assim divididos: 1) grupo para tratar dos problemas ligados à literatura infantil; 2) grupo com o objectivo de tornar mais profundo o papel do teatro no processo revolucionário em curso; 3) grupo dirigido à crítica literária; 4) um outro grupo que se ocuparia das propostas e moções apresentadas neste Congresso para um futuro debate (que ficou marcado para de ontem a quinze dias); 5) grupo constituído para defesa dos autores nacionais; 6) por sugestão de Afonso Cautela, vai criar-se um grupo para analisar a situação dos jovens autores portugueses. Discutiu-se ainda a criação do Instituto do Livro, que ficaria dependente do Ministério de Educação e Cultura, assim se focou o problema da transformação da Associação em Sindicato. Equacionou-se igualmente num largo debate o tema da descolonização da cultura portuguesa.

Ultrapassar o uso burguês da cultura, foi a tónica dominante, quer das comunicações, quer das discussões que as entremearam. O escritor português — foi o que nos sugeriu este Congresso — pretende libertar-se da sua tará burguesa, isto é: reverter toda a sua acção, de modo a transformá-la numa nova concepção de arte do povo, inserindo-se ele próprio, escritor, na densa camada popular sem desvios, de molde a permitir-se o enquadramento na sua autêntica missão didáctica e informadora. Sem desvios, mas igualmente sem paternalismos. É a isto que é preciso chegar e foi isto o que os escritores portugueses prometeram ao povo neste seu 1.º Congresso.

A PEDRO SOARES E MARIA DA COSTA DIAS

A atmosfera do Congresso foi, no próprio dia da abertura, ensombrada pela notícia da morte de Pedro Soares, (que era sócio da A.P.E.) e de Maria da Costa Dias. Deste modo, não quiseram os participantes do Congresso deixar de testemunhar a sua comunhão e gratidão para com esses dois, agora desaparecidos do número dos vivos, extraordinários lutadores antifascistas. E assim foi lida e aprovada uma proposta, mais tarde assinada por quantos se achavam na sala e que continha o seguinte teor: Não compete a este Congresso fazer elogios literários ou fúnebres. Também não é essa a nossa proposta. Consideramos, porém, que a morte de Pedro Soares, professor do Ensino

Secundário, autor e jornalista, e de Maria da Costa Dias, médica e publicista, corajosos lutadores antifascistas e membros destacados do P.C.P., justificaria uma palavra de homenagem. Quaisquer que tenham sido as circunstâncias da sua morte, e muito mais se não se limitam a um simples acidente de viação, parece justo que no Congresso dos Escritores Portugueses fique expresso um sentimento de tristeza ou de protesto, ou ambos, que acreditamos unânime. Aprovando o Congresso esta proposta, igualmente proporíamos que uma delegação de escritores prestasse amanhã homenagem a estes mortos no local da câmara ardente. Seguiam-se as muitas dezenas de assinaturas.

A PRESENÇA DO 1.º MINISTRO

José Gomes Ferreira produziria, como ele diz com muita graça, mais um dos seus anti-discursos, (que redundou, afinal, numa poética maravilhosa e cheia de momentos de humor), quando o brigadeiro Vasco Gonçalves se sentou à mesa para conviver durante quase uma hora com os escritores e público que pejavam a sala do auditório da Biblioteca Nacional. Em seguida, o Primeiro-Ministro lançou-se num dos seus vigorosos improvisos, começando por se dizer satisfeito por se encontrar entre os escritores portugueses que ele sabia terem enfrentado o fascismo com enorme coragem e que também ajudaram muito a fazer o 25 de Abril de 1974. Mais adiante, Vasco Gonçalves, falando do fantasma do dirigismo diria: Os papéis do dirigismo não são um meio de vos dividir. Não vos deveis deixar dividir, vós, escritores, como outros trabalhadores. E não vos deixeis dividir por falsas questões, porque o dirigismo ou o não dirigismo depende dos senhores. Não é o Conselho da Revolução que vai fazer a cultura no nosso país. E prosseguindo, acrescentaria o Primeiro-Ministro: A Revolução cultural será feita por vós, contribuindo para a construção da consciência social daquelas camadas da população interessadas no processo revolucionário. Os senhores podem fazer o nosso povo galgar anos e anos de atraso cultural.

Após o discurso do brigadeiro Vasco Gonçalves falou ainda o dr. João de Freitas Branco, secretário de Estado dos Assuntos Sociais, que enalteceu a forma como o Congresso decorreu, afirmando também que pelo muito que conhecia o Primeiro-Ministro ali presente, podia acrescentar que os escritores tinham nele um amigo sincero e mesmo um admirador de longa data.

Entretanto, fora lido um abaixo-assinado, que continha centenas de assinaturas e no qual o Congresso e a grande maioria dos escritores portugueses propunham ao Governo, na pessoa do Primeiro-Ministro, a sua intervenção nos programas de dinamização cultural do M.F.A. Algo comovidoso com a leitura deste documento o brigadeiro Vasco Gonçalves diria que, afinal, o mesmo documento e a oferta nele contida, vinha ao encontro do seu desejo de convidar os escritores exactamente para tomarem parte no programa de dinamização cultural.

Depois do brigadeiro Vasco Gonçalves ter abandonado a sala (pelo que pediu desculpa, mas ainda há muito que fazer esta noite) retomaram-se os trabalhos. Foram lidas as últimas comunicações e deu-se por findo o Congresso com a exibição do filme «A Sagrada Família».

AO TAXISTA...

Ao taxista que, esta madrugada (das 3 e 50 às 4 e 30 horas) conduziu, do Aeroporto de Lisboa a Oeiras, o nosso camarada de redacção Neves de Sousa, solicita-se o obsequio de devolver os documentos que, por esquecimento, ficaram caídos no chão do veículo. Passaporte e cartões de identificação pessoal, apenas interessam (como se compreende) ao próprio. Dai que se solicite a entrega dos mesmos, no «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44) ou no Rádio Clube Português (Rua Sampaio Pina, 26 pagando-se todas as despesas e agradecendo-se o gesto.

FIM de SEMANA Troia Algarve

Saída todas as 6.ªs-feiras às 19.30 h. Visitando Troia, Lagos, Alvor, Portimão e Praia da Rocha

PREÇO: ESC. 850\$00

INCLUINDO:

Transporte em Autocarro com ar condicionado
Alojamento de 1.ª classe
Todas as refeições
Viagem acompanhada por um delegado

FERIADOS DE JUNHO

NORDESTE TRANSMONTANO
VALE DO VOUGA E MINHO
SERRA DA ESTRELA
ALGARVE
CONSULTE-NOS
PEÇA PROGRAMAS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
AGÊNCIA DE VIAGENS HOTELCAR
Av. da Liberdade, 107
Telefs. 369045/6-369178/9-328891/2

INATEL — EXCURSÕES

Os trabalhadores sócios do INATEL (ex-FNAT) ou dos Sindicatos, Caixas de Previdência, CAT, CRP, Casas do Povo, Casas dos Pescadores e ainda dos Serviços Sociais das Forças Armadas, poderão tomar parte, acompanhados dos seus familiares, nas diversas excursões a realizar em 1975.

Nesta data existem ainda lugares disponíveis nas seguintes:

- N.º 55 — MAFRA, ERICEIRA e SINTRA, a 25 de Maio
Com visita ao monumento em Mafra, e, tempo de praia e almoço na Ericeira.
- N.º 58 — CASA DOS PATUDOS, a 29 de Maio (feriado) e 29 de Junho
Com visita ao monumento em Mafra, e tempo de
- N.º 60 — TOMAR e CASTELO DE BODE, dias 1 e 13 de Junho.
Com visita a Tomar e almoço e passeio de barco na albufeira do Castelo de Bode.
- N.º 63 — ALENTEJO, dias 7 e 8 de Junho
Com visitas a Castelo de Vide, Marvão, Portalegre, Elvas, Estremoz, Évora, etc.
- N.º 66 — PENICHE, dia 13 de Junho
Com visita a Óbidos, Cabo Carvoeiro, Torres Vedras, etc.
- N.º 68 — ALMOUROL, dia 15 de Junho
Tejo, além de passeio fluvial ao Castelo de Almoúrol.
- N.º 70 — PRAIA DE SANTA CRUZ, dia 22 de Junho
Com visita a Sintra, Ericeira, Peniche, etc.
- N.º 72 — S. PEDRO DE MUEL, dia 29 de Junho
Com visita a S. Martinho do Porto, Nazaré, Caldas da Rainha, etc.

Informações, distribuição de programas e reserva de lugares no INATEL, Calçada de Santana, 180 — Tel. 538871.

SPINOLA OPUNHA-SE A DINAMIZAÇÃO CULTURAL

HAVANA, 12 — (ANI) — O comandante Gastão Pessoa Guerreira da Armada portuguesa considerou «positivos» os resultados até agora obtidos pela campanha de esclarecimento político empreendida pelo Movimento das Forças Armadas em Portugal.

Em entrevista concedida à «Prensa Latina», o militar português, membro da Comissão Dinamizadora Central, assinou que as sessões de esclarecimento político apenas se puderam realizar a partir da tentativa de golpe de Estado de 28 de Setembro último: «As forças spinolistas controlavam os pontos-chave do alto comando militar e opunham-se à realização de uma campanha para combater a má informação e a despolitização, características da população portuguesa», acrescentou.

Pessoa Guerreiro sublinhou que o trabalho da campanha se dirige a todos os domínios da cultura, Economia, Técnica e Assuntos Sociais e Políticos.

Nacional

NOS DIAS 17 E 18

O PS. VAI DEBATER A SUA ACÇÃO FUTURA

Uma importante reunião de cúpula (Comissão Nacional) do P. S. está marcada para os próximos dias 17 e 18. Será provavelmente em Lisboa, com uma agenda de que se conhece o essencial: definição das linhas da futura acção do Partido.

Hoje mesmo reúne-se a Comissão Nacional da Juventude Socialista, cujos trabalhos deverão ser preparatórios daquela outra reunião. É de notar o recente trabalho da J. S. no meio universitário, disputando nomeadamente as eleições na Faculdade de Ciências, onde a sua lista obteve o segundo lugar.

Amanhã é a vez de se reunir (em Lisboa) a Comissão Directiva do Partido, para fazer o ponto à situação política nacional, estabelecer um balanço das eleições e discutir a estratégia próxima futura, agora marcada pelo degelo nas relações com o P. C. P. Julga-se provável que a C. D. decida da opção dos membros do Governo Provisório eleitos em princípio para a Constituinte: casos dos ministros Mário Soares (sem pasta) e Salgado Zinha (Justiça) e dos secretários de Estado Jorge Campinos (Negócios Estrangeiros), Pedro Coelho (Emigração) e Armando Bacelar (Justiça).

Continuam a receber os ordenados

Os ex-professores e funcionários, saneados da Faculdade de Economia do Porto continuam paulatinamente a receber mensalmente os ordenados, apesar de não trabalharem e não obstante os esforços desenvolvidos pelos alunos para acabar com esta situação gritante.

Num comunicado do Conselho Directivo da Faculdade escreve-se: «O povo português

tem que saber e tem que impedir que à sombra de uma legalidade e burocracia burguesa, que obviamente mais não visam que defender a burguesia e os seus privilégios, se continuem a pagar mais de 15 contos mensais a professores pelas suas ligações e pelo seu empenhamento na defesa do Estado fascista justificam mais do que um saneamento revolucionário e imediato.»

Impedimentos dos chefes de Estado-Maior

No impedimento temporário do chefe do Estado-Maior de qualquer dos ramos das Forças Armadas e desde que haja uma situação de emergência, será aquele substituído pelo membro do Conselho da Revolução mais graduado que pertencer

ao mesmo ramo e possa desempenhar tais funções — determina um decreto-lei do C. S. R. publicado na folha oficial.

O substituto manter-se-á em funções até ao termo do seu impedimento.

Visite-nos * Visitez-nous * Visit-us

HOJE

até às 23 h da

NOITE

FIM DA
EXPOSIÇÃO

MOBILIÁRIO
Z-markS
FABRICANTES

30/MAIO

NA

MOVILAR
PORTUGUESA

apresentação de novos modelos

Rua Marquês da Fronteira, 4 (loja)

S. Sebastião — LISBOA

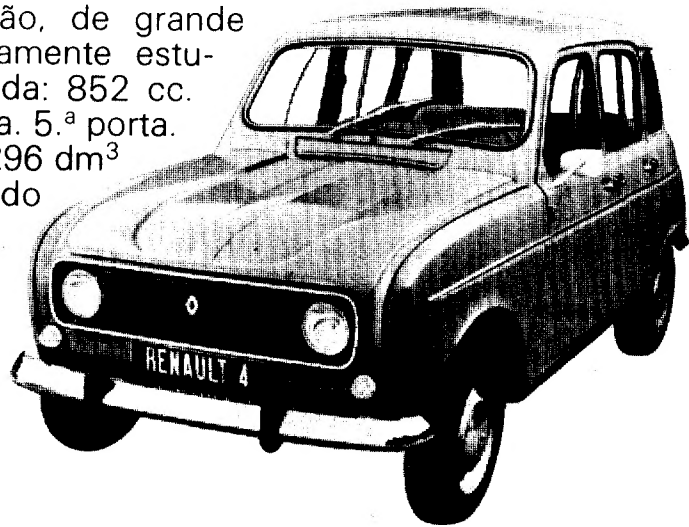
Liberdade às quatro rodas!



Renault 4

O Renault 4 é o nosso carro. Com ele, estamos livres de preocupações com o automóvel. O Renault 4 dá-nos toda a liberdade, quer para os nossos tempos livres, quer para o trabalho. O Renault 4 é, verdadeiramente, liberdade às 4 rodas.

Suspensão com barras de torsão, de grande flexibilidade. Assentos anatomicamente estudados. Tracção à frente. Cilindrada: 852 cc. Velocidade: 110 Km/h. Nova grelha. 5.ª porta. Grande capacidade de bagagem: 296 dm³ ou 1185 dm³ por rebatimento do banco traseiro. Soluções simples e eficazes. Resistente, mesmo nos maus caminhos.



Utilize-o como quiser. Ele permite essa liberdade.

RENAULT

INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

VIVENDAS

Novas, em Carcavelos preços 1750 e 1850 contos, em Cascais preço 3000 contos, sujeitos a oferta, vendo ou troco por andar, terreno ou vivenda velha, pago ou recebo diferença. Trata o construtor Av. 5 de Outubro, 31-r/c., Lisboa, T. 539773 e 539774, 14,30 às 18,30 dias úteis.

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

ROUBO

FAZEMOS A SUA PROTECÇÃO ANTI-ROUBO

Contacte-nos

LUSODELTA

Rua Luciano Cordeiro, 83, 1.º, Dt.º — Telef. 539293 - 53 92 22 LISBOA

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. João XXI, 5-D — Rua Infantina 16, 55-C — LISBOA

AUMENTE AS SUAS VENDAS

Distribua BALÕES PUBLICITÁRIOS

Fábrica Nacional LATEX-DOURO, LDA.

R. Central Francos, 779 — Telef. 65370 — PORTO

Nacional

BENGT RABAEUS EM LISBOA

E.F.T.A. DISCUTE APOIO A PORTUGAL

Apoio técnico e financeiro ao nosso país, mediante a discussão com responsáveis portugueses de medidas de política social e económica que se adaptem às novas condições criadas na nossa economia, é o objectivo da vinda a Lisboa de Bengt Rabaeus, secretário-geral da E.F.T.A., que já esta manhã iniciou reuniões de trabalho com alguns membros do Governo.

Assim Bengt Rabaeus encontrou-se a partir das 10 horas com os ministros dos Negócios Estrangeiros, Comércio Externo, Finanças e Planeamento e Coordenação Económica, com quem terá analisado em pormenor não só as relações de Portugal com a E.F.T.A. como ainda as formas concretas de ajuda daquela Associação ao nosso país.

Mais tarde o responsável da E.F.T.A. e os seus colaboradores almoçaram com o ministro Melo Antunes, tendo estado presentes, além dos ministros já citados, os responsáveis da Indústria e Tecnologia e da Agricultura e Pescas e os funcionários que participaram na reunião realizada no gabinete do ministro do Comércio Externo.

Depois deste almoço de trabalho, Bengt Rabaeus apresentaria cumprimentos ao Primeiro-Ministro e ao Chefe do Estado, seguindo-se, mais tarde um encontro com dirigentes da

Confederação das Indústrias Portuguesas.

PROGRAMA DE AMANHÃ

Amanhã, após uma reunião de trabalho da Comissão Interministerial de Cooperação Económica Externa, Bengt Rabaeus será recebido pelo secretário de Estado de Trabalho. Seguidamente avistat-se-á com representantes da Intersindical.

As 18 horas, no Ministério da Comunicação Social, o secretário-geral da E.F.T.A. dará uma entrevista colectiva aos representantes dos órgãos de comunicação social, nacionais e estrangeiros.

À noite, o ministro do Comércio Externo homenageará Bengt Rabaeus e a sua comitiva, da qual fazem parte o chefe dos Serviços Económicos do Secretariado James Lanner, e o director do gabinete, Erik Heinrichs, com um jantar no qual participarão os ministros e os secretários de Estado cujos serviços estão mais directamente envolvidos com questões abrangidas pelas relações do nosso país com a E.F.T.A. e também altos funcionários portugueses. Estarão também presentes os embaixadores dos Estados membros da E.F.T.A. acreditados em Lisboa.

Bengt Rabaeus deixará o nosso país no dia 14, às 15.10, com destino a Genebra.

NO PORTO

DISPOSITIVO MILITAR FRUSTROU UM ASSALTO À SEDE DO C.D.S.

PORTO, 12 — Realizou-se no sábado, conforme estava anunciada uma manifestação popular «contra os partidos fascistas», convocada pelos Grupos de Acção Antifascistas (G.A.F.S.), cuja concentração se efectuou na Praça do General Humberto Delgado.

A mesma hora em que se iniciava a manifestação (15 e 30), chegava à sede do C.D.S. no ângulo das ruas do Almada e de Gonçalo Cristóvão, um aparato dispositivo militar composto por elementos da Polícia Militar e dois grupos de intervenção do Copcon. Posteriormente,

chegaram duas chaimites, três auto-metralhadoras ligeiras e uma companhia do Regimento de Infantaria n.º 6.

Quando a multidão já se havia aglomerado nas imediações da sede daquele partido, foi detectado no meio das pessoas um dos «cinturões vermelhos» do C.D.S., que ali se encontrava com o único fim de provocar os militares para os levar a um confronto com os manifestantes. O indivíduo acabou por ser conduzido até junto do comandante da força do Copcon, capitão Rocha e

na presença de outros oficiais e dos jornalistas, acabou por confessar que pertencia ao C.D.S.

Foi depois detido um antifascista que era portador de uma faca de cozinha, o que provocou alarido entre os manifestantes. Daí que um elemento do Copcon tivesse disparado vários tiros para o ar. Foi, então, que caiu uma autêntica «chuva» de pedras, contra as janelas e varandas da sede do C.D.S.

Na tentativa de identificar os arremessadoras de pedras, um elemento da P.M. acabou por deter um outro antifascista. Nesse momento os manifestantes responderam com gritos de ordem contra a P.M. o que levou um dos soldados a disparar novamente para o ar. O capitão Rosa mandou recolher ao quartel o elemento que havia disparado; e os manifestantes, sempre aos gritos de «Morte ao C.D.S.» e «Contra o fascismo ofensivo popular», começaram a debandar, em direcção à Baixa da cidade.

LIGADOS A ORGANIZAÇÕES NAZIS

Mantinhm contactos estreitos com organizações de feição nazi («Ordem Nova», na

Itália, «Paladim», em França, e, «Espanholas», em Barcelona), os elementos ligados à Juventude Centrista (C.D.S.) há dias detidos no estabelecimento prisional de Custóias às ordens das autoridades militares, segundo revela na sua edição de hoje o nosso prezado colega «Jornal de Notícias».

Conforme na altura o «DL» noticiou, sobre os detidos recaem suspeitas de fazerem parte de organizações contra-revolucionárias, que preparavam várias acções terroristas, a serem desencadeadas em todo o País, nomeadamente o assassinio do comandante da Região Militar do Porto e de elementos destacados de alguns partidos.

Aquele matutino português adianta ainda que, para desencadear os golpes planeados, os membros daquela organização esperavam poder armar duas mil pessoas, assim distribuídas: 500 para actuar no Norte; 1000, no centro e 500 no Sul. Esses golpes seriam postos em prática por células com o máximo de cinco elementos, e tendo como apoio uma «retaguarda» de cerca de 25 pessoas para cada célula. Dados os objectivos do E.L.P., não será de excluir a hipótese de existirem relações entre as duas organizações fascistas.

Entretanto, e segundo nos informaram esta manhã do Q.G. da Região Militar do Porto, as investigações prosseguem em bom ritmo e delas será dado conhecimento ao País, quando se julgar oportuno.

LOURES:

POUPAR A ÁGUA

A Empresa Pública de Águas de Lisboa solicitou aos Serviços Municipalizados de Loures a suspensão total das regras até ao próximo dia 19 e, bem assim, de todos os consumos considerados não vitais.

O pedido é justificado pela «necessidade de se efectuar, esta semana, interrupções no sistema adutor que não permitam o aproveitamento de 60

mil metros cúbicos durante três dias.

De acordo com a Comissão Coordenadora, os trabalhadores municipais vão tentar diminuir os possíveis efeitos da deficiência de abastecimento da E. P. A. L., contrariando, ainda, a campanha de boatos postos a circular, segundo os quais os fornecimentos seriam afectados.

ACORDO COMERCIAL

E DE COOPERAÇÃO TURÍSTICA

ENTRE PORTUGAL E A JUGOSLÁVIA

No termo das negociações efectuadas entre delegações de Portugal e da Jugoslávia, foram assinados em Lisboa dois acordos entre os dois países — um comercial e outro de cooperação em matéria de turismo.

Na presença do ministro dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, e do secretário de Estado da Cooperação Externa, dr. Jorge Sampaio, procederam à assinatura, do lado português, o ministro do Comércio Externo, dr. Silva Lopes, e do lado jugoslavo a vice-ministro do Comércio Externo da

Jugoslávia, senhora Milica Ziberna, que proferiram breves palavras de saudação e agradecimento.

Houve igualmente uma troca de cartas que prevêem, num futuro próximo, a realização de acordos em matéria de transportes terrestres, marítimos e aéreos.

À cerimónia, que decorreu no Ministério dos Negócios Estrangeiros, estiveram também presentes o embaixador da Jugoslávia em Lisboa, Milan Stojakovic, e os elementos que integram as delegações jugoslava e portuguesa às negociações.

PROGRAMAS DE RÁDIO

DO M.F.A.

TÊM NOVOS HORÁRIOS

O habitual programa do M. F. A. na Emissora Nacional passou a ser emitido, de segunda a sexta-feira, das 12 e 30 às 13; das 18 e 15 às 19; e das 23 às 23 e 15.

Segundo nota da 5.ª Divisão, tal horário obedece ao princípio de possibilitar maior

audiência por parte dos militares durante as horas próximas das refeições. Aquele departamento solicita, entretanto, que lhe enviem todas as críticas e sugestões convenientes no que diz respeito à possibilidade de ser designado um correspondente nas unidades ou estabelecimentos militares.

RECLAMAM A DISSOLUÇÃO DO C.D.S.

Enquanto a Comissão de Inquérito da Faculdade de Medicina de Coimbra torna pública uma moção, aprovada em plenário da escola, exigindo a dissolução dos «partidos fascistas» C. D. S. e P. D. C. e recusando desde já a presença de elementos dessas duas formações em reuniões democráticas ou em órgãos da faculdade, na cidade do Porto, desde o princípio da tarde, uma concentração dos G. A. A. F. S. (Grupos de Acção Anti-Fascis-

ta) reclama idêntica medida contra o primeiro dos referidos partidos.

A manifestação dos G. A. A. F. S., iniciada na Praça do General Humberto Delgado, foi precedida pela divulgação de um manifesto em que estes grupos, próximos da F. E. C. (m-l), recordam a recente descoberta de um embrião de organização armada no Porto, alegadamente sob a dependência directa do C. D. S.

ESTUDANTES DO PORTO APOIAM A GUINÉ-BISSAU

PORTO, 12 — As direcções das associações de estudantes do Porto promovem a partir de hoje e até ao próximo dia 17 uma campanha de apoio à República da Guiné-Bissau. Assim, apelam a todos os estudantes no sentido de participarem nesta campanha, já que ela se circunscreve «na fraterna ajuda que os estudantes e o povo português deverão prestar aos povos que durante tantos anos estiveram submetidos ao jogo colonial». As principais realizações são: dia 14, às 21 e 30, comício-convívio na Faculdade de Letras, com a participação do O.U.P., do T.U.P. e do Teatro do Instituto Comercial, além de estudantes da Guiné, simpatizantes do

P.A.I.G.C.; dia 15, recolha de material escolar e de fundos nas escolas; e dia 16, recolha de fundos nas ruas do Porto.

ACTUALIZAÇÃO CIRÚRGICA

No Hospital de Santo António, prosseguem as Semanas de Actualização Cirúrgica.

A semana científica agora iniciada, decorre a partir de hoje, no salão nobre daquele estabelecimento hospitalar organizada pelo Serviço de Cirurgia n.º 3.

TRIBUNAL DE MENORES

Promovido a chefe de secretaria do Tribunal Central de Me-

nores, Cândido de Castro Mendes Almeida Loureiro, que naquele tribunal desempenhava funções de chefe de secção. Cândido Loureiro exerce funções judiciais há cerca de 40 anos, tendo servido durante muito tempo no Tribunal de Polícia do Porto.

VACINAÇÃO ANTI-RÁBICA

Iniciou-se hoje, de acordo com os editais já afixados, na área do Porto, a vacinação anti-rábica dos caninos que tenham mais de quatro meses de idade.

A REINTEGRAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS AFASTADOS POR MOTIVOS POLÍTICOS

Segundo o Decreto-Lei n.º 222/75, publicado na folha oficial, qualquer ministro ou secretário de Estado pode, independentemente de requerimento, reintegrar provisoriamente os servidores do seu Ministério ou Secretaria de Estado, «que tenham sido demitidos, reformados, aposentados ou passados à reserva compulsivamente e separados do serviço por motivos de natureza política», desde que as necessidades do serviço respectivo o aconselhem.

O referido diploma, em aditamento ao artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 173/74, de 26 de Abril, diz que «nos casos de incapacidade ou falecimento, os benefícios da reintegração prevista neste artigo poderão ser requeridos pelos seus conjuges, ascendentes ou descendentes, em primeiro grau, nos termos da legislação aplicável».

Determina-se também que «a decisão da reintegração de-

verá ser comunicada ao interessado, para assumir funções, e ficará sem efeito se, nos quinze dias seguintes, este declarar que não pretende a sua efectivação. Após tal efectivação, a decisão com todos os elementos que lhe serviram de base, será remetida à Comissão instituída pelo artigo 1.º do Decreto n.º 304-74, de 6 de Julho, que instaurará processo, independentemente do requerimento do interessado, a seguir nos termos dos demais».

Sublinha-se ainda que «a decisão final que negue a reintegração definitiva faz cessar os efeitos da reintegração provisória e aquela que conceda a reintegração definitiva retrotrai os seus efeitos à data da reintegração provisória».

O novo decreto-lei substitui igualmente, por um elemento da Procuradoria-Geral da República, o representante do Departamento da Defesa Nacional na comissão para a reinte-

gração, instituída pelo Decreto n.º 304/74, de 6 de Julho.

BASE DE BEJA

«As Forças Armadas da R.F.A. nãootencionamabandonar a base de Beja» — diz formalmente uma declaração do Ministério da Defesa daquele país, transmitida ontem por «telex» aos órgãos da Informação portugueses pelos Serviços de Imprensa da respectiva embaixada em Lisboa.

A nota acrescenta que «só oportunamente se poderá decidir sobre quais as medidas a tomar quando expirar a convenção».

Recorda-se que o problema foi levantado no passado dia 7 pela France-Presse, em telegrama datado de Bonn. A referida agência adiantava que a R.F.A. estaria «decidida» a renunciar à utilização da base portuguesa logo que expirasse o contrato feito com Lisboa, isto é, em 1978.

NOVO PARQUE PARA O PORTO

PORTO, Durante a reunião do conselho de administração dos S. M. A. S. e por deliberação unânime dos seus membros, foi aprovada a proposta do vogal, arq.º Alfredo Coelho de Magalhães, para que o parque privativo dos Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento, no Barão de Nova Sintra, seja franqueado ao público a partir de 1 de Julho próximo, dentro dum horário a fixar oportunamente. De acordo com a proposta, vão ser tomadas providências no sentido de ser construído um parque infantil naquele recinto.

INSTITUTO DA CONFERÊNCIA DOS ADVOGADOS

Na sede da Ordem dos Advogados, efectua-se amanhã, às 21 e 30, a sessão inaugural das actividades do Instituto da Conferência daquele organismo, orientada por uma comissão de coordenação, a que preside o dr. António José de Sousa Pereira, O dr. Mário Raposo fará uma exposição sobre «O Direito, a Advocacia e a Sociedade Socialista», seguida de debate.

Após a sessão, terão início as actividades dos Institutos da Conferência que funcionam junto dos Conselhos Distritais da Ordem, e que são: presididos pelos drs. José Sá Carneiro de Figueiredo (Porto), José de Sousa e Brito (Lisboa), Francisco Faria (Coimbra) e Joaquim Carmelo Lobo (Évora).

SEMINÁRIO PORTUGUÊS PARA A COOPERAÇÃO COM O TERCEIRO MUNDO

Promovida pela Liga para a Cooperação com os Povos Afro-Asiáticos efectua-se nos dias 2 e 3 de Junho, nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, o Seminário Português para a Cooperação com o Terceiro Mundo.

As sessões do seminário decorrerão, nesses dias, em dois períodos, de manhã e de tarde, acentuando a L. C. P. A. - A trabalhos até ao dia 28 do corrente,

subordinados aos seguintes temas:

. História do Terceiro Mundo; O papel progressista desempenhado pela aliança anti-imperialista dos países do Terceiro Mundo; A independência nacional de Portugal só será garantida se houver uma aliança com os países do Terceiro Mundo e um não-alinhamento em relação às duas superpotências; A luta pela liberdade

e pela independência nacional; O movimento de libertação nacional nos países do Terceiro Mundo; e Portugal e os novos países de língua portuguesa.

Os trabalhos para este seminário que deverão ser dactilografados e não exceder mais de quinze folhas, poderão ser enviados, até à data referida, para a Avenida Almirante Reis, 120, 8.º, Dt.º, Lisboa.

MARKETING SOCIAL E PLANEAMENTO

«A estratégia da empresa pública e o planeamento a longo prazo» é o tema do seminário que hoje se inicia por iniciativa do Gabinete de Estudos Económico-Sociais. Dirigido pelo dr. Salviano Cruz, este curso, que se prolonga até ao dia 15, é regido pelos professores

Gordon Wills, do Grandfield School of Management da

Inglaterra, e Peter Bantling, do Canadá.

De 16 a 17 efectuar-se-á também novo seminário sobre a estratégia da empresa e o planeamento a longo prazo, no Marketing Social, focando o papel das entidades privadas.

Seguidamente e ainda nos meses de Junho, Julho e Setembro serão realizados por aquele Gabinete de Estudos

um conjunto de seminários focando o Marketing Social e o Planeamento das Empresas, os quais serão dirigidos por vários professores de universidades estrangeiras e especialistas de renome. Quaisquer informações sobre os seminários serão prestados no Gabinete de Estudos Económico-Sociais, Rua Duque de Palmela 27, 4.º esq. (tel. 557485).

ELEITOS OS CONSELHOS DIRECTIVOS DE MEDICINA E FARMÁCIA

Na presença do vice-reitor, da Universidade de Lisboa, prof. Ilídio Peres de Amaral e do secretário, dr. Nuno Sampaio de Lemos, tomaram posse os conselhos directivos das Faculdades de Medicina e Farmácia, na reitoria da respectiva Universidade.

O conselho para a Faculdade de Medicina ficou constituído pelos professores Alberto Galvão Teles, João Cândido de Oliveira, Jorge Rosa de Oliveira, José L. Simões da Fonseca, Maria Luisa Figueira e Rui Branco; os alunos Isabel Ingrid Sobral, Fátima Heitor, Fernando Pacheco, Ana Maria Ribeiro, José Ferro e José Eduardo Cruz; os funcionários Henrique Armando dos Santos, Frade Gomes, Maria Virgínia de Sousa Rebocho Pais, Maria Madalena Feha Bastos, Maria Luisa de Sousa Machado e Maria de Lurdes Pratas.

Pela Faculdade de Farmácia, foram eleitos para o respectivo conselho directivo os docentes José Avelar de Almeida Ribeiro, José Maria do Nascimento Junior, Maria Teresa Pereira da Fonseca Pestana Gonçalves e José Júlio de Castro Fernandes; os discentes Carlos José Manaia Sinogas, Margarida Maria Martins de Oliveira, Maria da Graça Tomás de Brito e Carlos José de Oliveira Paula; os funcionários David Manuel Gonçalves Serão, Emília Maria Alves da Paixão, Maria da Conceição Fialho Correia e Maria Inês da Silva Martins.

«Aos novos conselhos directivos agora empossados, cabe um papel de grande importância no prosseguimento da reestruturação da orgânica interna dos cursos, da pedagogia e de tudo o que concerne à vida da faculdade», salientou o vice-reitor da Universidade, no seu discurso de acto de posse.

Considerou ainda que «a sua composição por docentes, alunos e técnicos é uma garantia de democraticidade. A forma como foi legislada é extremamente avançada e dá ao caso português uma certa originalidade».

UM DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE DO MINHO

Os estudantes da Faculdade de Filosofia de Braga, reuniram-se no Porto, na delegação

do Ministério da Comunicação Social com os representantes dos órgãos de Informação a fim de apresentarem um relatório sobre a nacionalização daquele estabelecimento de ensino (que pretendem), documento elaborado pela respectiva associação de estudantes.

No entanto, adianta o relatório, os estudantes não propõem a criação de mais uma Faculdade de Filosofia em Portugal, mas apenas a formação de um departamento de filosofia, anexo à Universidade do Minho.

Informaram também os estudantes das posições tomadas pelos professores e alunos, que distinguem como reacções os progressistas: uns lutando por um ensino privilegiado para elites minoritárias de pseudo-católicos, eliminando do seu magistério todas as ideologias que escapem ao monopolismo escolástico; outros, por um ensino progressista ou de tendências marxistas.

Por outro lado, denunciaram a existência da melhor biblioteca especializada do País, com cerca de 45 000 volumes, estar limitada a uma minoria de investigadores e eruditos.

A finalização do encontro com a informação, os alunos, dada a urgência das reivindicações, pedem a imediata satisfação das suas propostas, mantendo-se na disposição de não abandonar a luta.

Dentro de 10 dias casos não sejam satisfeitos as suas exigências, tomarão uma decisão que pode culminar em «situações nada desejáveis», esclarecem.

OCUPADO UM EDIFÍCIO PARA MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

SANTARÉM, 12 — Os delegados sindicais do Sindicato dos Professores e conjuntamente o P.C., P.S. e M.D.P./C.D.E., encetaram diligências para o arrendamento de um edifício contíguo às instalações da Escola do Magistério Primário desta cidade, desocupado há cerca de 20 anos e pertença de José Rufino e co-herdeiros.

Entretanto e sabendo-se que a Cruz Vermelha Portuguesa se mostrou interessada no aluguer daquela casa, os alunos da Escola do Magistério Pri-

mário ocuparam, após deliberação tomada em reunião geral, o edifício em causa.

Os partidos políticos, que apoiam esta ocupação, entretanto emitiram um comunicado em que informam terem as instalações ocupadas «melhores condições para serem utilizadas pela Escola do Magistério Primário do que pela Cruz Vermelha Portuguesa, dada não só a proximidade do edifício daquela escola, como o número de divisões existentes nas instalações pretendidas».

Face a esta realidade e perante «as possibilidades de utilidade imediata para funcionamento de aulas» a ocupação processada «legítima quem tomou a iniciativa em termos de justiça social». Os três partidos da coligação apoiam a luta em curso, «porque a consideram justa, integrada no processo revolucionário e concretizando uma longa aspiração da população da cidade».

GREVE DAS CÂMARAS

O CONFLITO PODERÁ SER RESOLVIDO AMANHÃ

PORTO — É possível que a greve dos trabalhadores das Câmaras Municipais do norte seja resolvida amanhã. Uma informação vinda através do chefe de gabinete do ministro da Administração Interna refere que o assunto das greves dos municípios já fora abordado no Conselho de Ministros de sexta-feira e que o debate seria concluído amanhã.

A greve começou há precisamente uma semana, na Câmara Municipal do Porto, tendo outras Câmaras do distrito aderido ao movimento grevista nos dias seguintes. No sul, a greve não teve praticamente aderentes.

Fundamentada em reivindicações salariais a que o Governo não deu ainda cumprimento, a greve surgiu no momento em que várias forças políticas iniciavam o que parece ser uma campanha a favor de eleições nas autarquias locais.

Entretanto, no edifício da Junta de Freguesia de Valongo efectuou-se uma reunião de elementos do Secretariado das Autarquias Locais, órgãos que representam as Câmaras do distrito que estão em greve, e a que esteve presente um re-



UM CAVALO CHAMADO LIBERDADE



Crina ao vento, de cor clara, sobre o corpo robusto coberto de pêlo castanho, eis que um belo dia, o cavalo se escapa da miséria do bairro de lata e vai à procura do seu caminho em liberdade.

Aconteceu nos arredores da Amadora, onde o animal vivia com os donos. Ante a estupefacção e o desespero de algumas pessoas presentes à cena, o cavalo apanhou-se sem rédeas e sem limitações, ap'nas com o mundo à sua frente e pariu. Moveram-lhe caça. Os seus amos, quais colonizadores, desesperados por perderem o auxiliar de tracção, armaram-se de varapaus, encheram-se de manha e tentaram cercá-lo. Mas o animal também não estava desarmado de todo: além de músculos fortes e pernas compridas, corria-lhe a manha no sangue e uma ânsia imensa de liberdade soprava-lhe nas narinas.

Crianças entraram no jogo por brincadeira. O cavalo trocou as voltas a todos e assumiu o risco da incerteza. A sua frente só vegetação agreste e caminho pedregoso: talvez a fome, talvez a sede, os maus tratos, a indiferença, o isolamento. Mas, contra isso, a vontade de criar o seu próprio destino irreversível.

Voltando as costas a um período da sua vida que tudo leva a crer não lhe agradava, operou a sua própria revolução e foi com ela por diante. Com os seus riscos, os seus desejos e as suas conquistas...

presentante da Câmara de Santo Tirso que não aderiu à greve. Durante a reunião foi decidido enviar ao Presidente da República, ao Conselho da Revolução, ao Primeiro-Ministro e ao ministro da Administração Interna um telegrama do seguinte teor: «Secretariado autarquias locais do distrito do Porto, reunido Valongo, confirma a justa greve dos trabalhadores solicitando resolução urgente dos problemas determinantes da mesma».

De qualquer modo, a greve deixou de interessar apenas ao distrito do Porto, passando a polarizar as atenções dos trabalhadores de muitas Câmaras Municipais de todo o País, onde se realizaram já reuniões.

No norte, outros municípios poderão entrar em greve, se o problema não for resolvido. Assim, os trabalhadores do Município de Aveiro poderão iniciar amanhã paralisações parciais, mas a tomada de posição não significa solidariedade para com a Câmara do Porto, mas apenas que «a luta a travar, por justa que é, será a mesma até à resolução das desigualdades que se verificam e que não servem a unidade dos tra-

balhadores, criando ao mesmo tempo conflitos laborais que importa evitar».

Por sua vez, os trabalhadores da Câmara Municipal de Viseu decidiram entrar hoje em greve, solidarizando-se com os seus colegas da capital do norte e os de Bragança votaram por 50 votos contra 37, a sua adesão à greve geral, aguardando instruções da Comissão Coordenadora Nacional.

Finalmente, assinala-se que o surto grevista não teve qualquer receptividade positiva nas doze Câmaras Municipais do distrito de Beja onde foi tomada uma posição semelhante à dos trabalhadores das Câmaras de Lisboa e do Barreiro.

Algumas das Câmaras do distrito de Beja fizeram saber ao governador civil, major Brissos de Carvalho, que não tomariam qualquer atitude de paralisação de trabalho, atendendo a que, no momento grave que o País vive, a reacção poderia aproveitar-se de movimentos reivindicativos deste tipo para conseguir um clima de instabilidade e ganhar posições perdidas em face do processo revolucionário em curso.

FOGUEIRAS NO PORTO PARA QUEIMAR LIXO

O lixo é a consequência mais visível da greve dos trabalhadores da Câmara Municipal do Porto. O público já protestou, pedindo medidas tendentes a evitar o perigo de uma epidemia, mas a verdade é que ninguém meteu ainda ombros a qualquer decisão. Isso levou a população portuense a uma conjugação de esforços que foram redobrados no último fim-de-semana.

Grupos de moradores das várias zonas da cidade têm percorrido as ruas, na tarefa urgente de remover os lixos, para o que contam com a colaboração dos bombeiros que cedem mangueiras. De um modo geral, os lixos são removidos para locais onde seja possível acender fogueiras, a fim de queimá-los.

Queimar os lixos foi, de resto, uma recomendação da Direcção-Geral de Saúde do Porto que insiste, agora, em avisar a população de que «a cólera e outras diarreias são transmitidas sobretudo pelas fezes, as quais infectam a água, os alimentos e as pessoas, em especial as mãos».

Estrangeiro

O DIRIGENTE DO P.C.I. CONDENA A VIOLÊNCIA

ROMA, 12 — (A.N.I. e R.) — O dirigente comunista italiano Enrico Berlinguer afirmou ontem ser «uma alarmante coincidência» que pela segunda vez num ano o terrorismo tenha atingido o seu país antes de uma eleição nacional.

Berlinguer, falando em Pisa a membros do P. C. Italiano, condenou a violência como «uma nova fase da estratégia da tensão» destinada a dividir o povo italiano.

Os italianos votarão em 15 de Junho em eleições regionais, que embora não influam nos lugares do Parlamento, são consideradas como teste político.

Algumas sondagens prevêem que os comunistas derrotarão os sociais-democratas pela primeira vez.

Entretanto, o juiz Giuseppe di Gennaro revelou ontem à noite, que, durante o seu cativo de cinco dias, fora mantido numa cela, algemado e drogado, pelos guerrilheiros urbanos esquerdistas que o raptaram.

O magistrado, de 51 anos, foi libertado a noite passada e acha-se de boa saúde. Telefonou à família, às 22 e 30, e chegou, pouco depois, a casa num taxi.

Tinha uma barba de vários dias e vestia a mesma roupa

“ESQUADRÃO DA MORTE”

RIO DE JANEIRO, 12 — (FP) — Mais vítimas do «Esquadrão da Morte». Desta vez três cadáveres não identificados foram encontrados em diferentes bairros dos arrabaldes da cidade. Tinham os braços atados e apresentavam sinais de tortura.

que usava na altura em que foi raptado, na terça-feira, à noite, por um grupo que se identificou como Núcleo Armado Proletário (N.A.P.).

O dr. Di Gennaro disse a jornalistas que fora raptado, sob a ameaça de armas de fogo, por quatro ou cinco jovens bem vestidos quando saía do seu automóvel junto da sua residência nesta capital.

Os raptores algemaram-no e obrigaram-no a entrar para uma «caixa de metal» na mala de um automóvel. No fim da viagem, foi metido numa cela, onde foi interrogado repetidas vezes.

Declarou que passara a maior parte do tempo na cela algemado, encapuzado e, frequentemente, drogado. Nunca virá com nitidez a cara dos raptores e comera muito pouco.

Nada mais se soube do juiz, após o rapto, senão na sexta-feira, quando três reclusos armados da prisão de Viterbo, ao norte de Roma, anavalharam dois guardas e fizeram outro refém.

Afirmaram ser membros da N.A.P. e apresentaram uma fotografia do dr. Di Gennaro algemado. Um informador da N.A.P. telefonou também à mulher do juiz e disse-lhe que encontraria outra fotografia e uma gravação em fita magnética com a voz do marido.

Os presos renderam-se, decorridas 12 horas, quando a rádio italiana transmitiu uma extensa comunicação da N.A.P. As autoridades acedem a uma exigência para que os três reclusos fossem transferidos para penitenciárias no Norte do país e a A.N.P. informou que o magistrado seria libertado quando isso tivesse sido feito.

Contudo, a N.A.P. fez, depois, várias outras exigências, incluindo o abrandamento das

investigações policiais, nenhuma «repressão» contra 19 outros presos, que subiram para um telhado da cadeia de Viterbo protestando contra buscas feitas por guardas, após o motim, e a escolha de advogados de destaque para defender elementos da N.A.P. encarcerados.

Quase na altura em que o dr. Gennaro foi libertado, ontem à noite, outro comunicado da N.A.P. foi encontrado numa cabina telefónica. Dizia que os objectivos da operação tinham sido conseguidos — que os reclusos amotinados não deveriam sofrer as consequências da sua acção e que ao incidente fosse dada publicidade.



O juiz italiano Giuseppe di Gennaro, que foi libertado a noite passada por guerrilheiros urbanos, os quais o retiveram durante cinco dias. (Telefoto UPI-Telimprensa)

SAIGÃO ANUNCIA:

ELEIÇÕES NO VIETNAME DO SUL E EVENTUAL REUNIFICAÇÃO

SAIGÃO, 12 — (ANI) — O Governo comunista sul-vietnamita tenciona realizar eleições à escala nacional e eventualmente reunificar o Vietname do Norte e do Sul — afirma-se numa notícia proveniente de Saigão.

Entretanto, uma emissão de rádio da capital sul-vietnamita, agora cidade Ho Chi Minh, revelou que o Governo enviou notas diplomáticas aos cinco países que compõem a associação das nações do Sudoeste Asiático, pedindo-lhes que avisem os refugiados sul-vietnamitas que o novo regime de

Saigão lhes fornecerá transporte para poderem regressar a suas casas.

O general Tran Van Tra, numa conferência de imprensa concedida em Saigão, afirmou que as eleições se realizarão depois da tomada de posse do Governo Revolucionário Provisório.

«Quando se tiverem realizado as eleições gerais já não haverá mais «provisórios» declarou Tran.

O general, chefe do comité de 11 membros actualmente responsável pela administração da zona de Saigão, afir-

mou que os membros do GRP estão no Vietname, mas recusou-se a revelar onde.

INTENSIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES COM A U.R.S.S.

MOSCOVO, 12 — (ANI) — O ministro norte-vietnamita dos Negócios Estrangeiros, Nguyen Duy Trinh, discutiu «o desenvolvimento das fraternas relações» com a União Soviética, no decorrer de um encontro ontem efectuado com o dirigente do Partido Comunista Soviético, Mikhail Suslov, anunciou a agência noticiosa TASS.

Os detalhes da reunião não foram revelados, mas a agência soviética disse que o ministro norte-vietnamita «expressou a sua profunda gratidão» pelo auxílio que a União Soviética prestou ao seu país na luta «pela liberdade e independência e pela construção do socialismo».

Por seu turno, Mikhail Suslov prometeu o apoio e a «solidariedade do povo soviético» ao Vietname da pós-guerra e aos seus dirigentes comunistas.

Nguyen Trinh chefiava uma delegação que se deslocou à União Soviética com o objectivo de assistir às celebrações do trigésimo aniversário da vitória soviética na Segunda

Guerra Mundial.

O ministro dos Negócios Estrangeiros norte-vietnamita é membro do Comité Central do Partido dos Trabalhadores do Vietname e Mikhail Suslov é o principal teorizador do Partido Comunista da União Soviética.

INTERESSE SOVIÉTICO PELA BASE DE CAM RANH?

NOVA IORQUE, 12 (R.) — A União Soviética está interessada em utilizar a vasta base militar de Cam Ranh, construída pelos americanos no Vietname do Sul, segundo afirma hoje o «New York Times».

O jornal, pela pena do seu correspondente especializado em assuntos militares, Drew Middleton, diz que a informação foi revelada por «fontes militares qualificadas».

Segundo as mesmas fontes, a U.R.S.S. teria manifestado já ao Governo de Hanói o desejo de utilizar aquela base capturada aos americanos para reabastecimento da sua esquadra do Pacífico.

No mesmo artigo, Middleton afirma que o Vietname é actualmente a maior potência militar no Sueste Asiático, o que lhe permitirá exercer grande influência política nessa região do mundo.

VIGÉSIMO ANIVERSÁRIO DO PACTO DE VARSÓVIA

MOSCOVO, 12 — (R) — Representantes parlamentares dos países do Pacto de Varsóvia vão reunir-se na capital polaca esta semana a fim de comemorarem o vigésimo aniversário da aliança militar dos países socialistas do Leste da Europa — foi a noite passada anunciado.

A declaração dizia que os parlamentares se reunirão nos dias 14 e 15 deste mês.

Têm circulado notícias, todavia não confirmadas, que tanto em Moscovo como noutras capitais comunistas a União Soviética tem sugerido que uma

reunião cimeira dos países do pacto seja convocada a fim de comemorar condignamente tão magno aniversário.

Oito países juntaram-se para formarem o agrupamento militar do Pacto de Varsóvia, como resposta à instituição da Organização do Tratado do Atlântico Norte (N.A.T.O.), em 14 de Maio de 1955. A Albânia, um dos signatários, retirou-se em 1968 ao alinhar com a política chinesa de Mao Tse Tung.

Os sete países restantes são a Bulgária, Checoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polónia, Roménia e União Soviética.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SETÚBAL

No posto clínico de Almada

Comunica-se a todo o público, que utiliza o actual posto n.º 3, sito na Rua de Olivença n.º 10-1.º, em Almada, que na próxima 2.ª feira, dia 12 do corrente, aquelas instalações são transferidas para o posto clínico n.º 42, sito na Rua D. Francisco Xavier de Noronha n.º 16, à Escola Técnica e Liceu, onde já se efectuarão as consultas marcadas para o dia.

O novo posto passa a ser servido pelos telefones n.ºs 276 32 50, 276 37 11, 276 40 42 e 276 34 31

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA E P A L

EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DE EQUIPAMENTO PARA UMA INSTALAÇÃO DE MICROTAMIZAÇÃO NA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA DO VALE DA PEDRA

ANÚNCIO

Faz-se público que foi prorrogada para o dia 24 de Junho a data de abertura das propostas do concurso em referência.

De harmonia com o respectivo programa, as propostas deverão ser entregues até às 17 horas do dia 23 de Junho, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, mantendo-se todas as demais condições do anúncio já publicado.

Faz-se também público, com referência ao ponto 6 do Art.º 4.º do Programa de Concurso, que poderão também concorrer empreiteiros de obras públicas com Alvará de inscrição na 5.ª subcategoria da V categoria e na classe correspondente ao valor da proposta.

Faz-se ainda público que o documento a que se refere aquele mesmo ponto 6 do Art.º 4.º do Programa de Concurso, poderá ser substituído por documentação correspondente às alíneas a), b) e c) do Art.º 61.º do Decreto-Lei n.º 48 871, de 19 de Fevereiro de 1969.

Lisboa, 9 de Maio de 1975.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º H. Oliveira Sá

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas que no próximo dia 15, pelas 14,30 horas, proceder-se-á na sede da Empresa ao sorteio de obrigações de 6% — Emissão de 1967/68, sendo sorteadas 2513 obrigações da 1.ª fase (268 títulos de uma obrigação, 145 de cinco obrigações e 152 de dez obrigações) e 2440 obrigações da 2.ª fase (130 títulos de uma obrigação, 102 de cinco obrigações e 180 de dez obrigações), que serão amortizadas pelo seu valor nominal, a partir do dia 15 de Junho de 1975, conforme o respectivo plano de amortização.

Lisboa, 8 de Maio de 1975.

O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º H. Oliveira Sá

Estrangeiro

MÓVIMENTO MILITAR NO LAOS CONTRA OFICIAIS DAS DIREITAS

VIENTIANE, 12 — (R.) — O primeiro-ministro Souvanna Phouma, falando hoje pela rádio, desmentiu que haja qualquer situação anormal no país e apelou para a população no sentido de se manter calma.

Falou em seguida o novo ministro da Defesa, general Bouth, do Pathet Lao, que pediu às tropas um compromisso de lealdade para com o Governo de Coligação, após a saída de quatro ministros das direitas.

O general Bouth assumiu a pasta da Defesa ontem após ter abandonado o Governo o

anterior ministro Sisouk Champassak, e mais três ministros das direitas.

Ao mesmo tempo que os ministros das direitas abandonavam o Governo de Coligação com os neutrais e com o Pathet Lao, os cadetes da Academia Militar amotinaram-se contra os seus oficiais das direitas e barricaram-se dentro de um edifício, de onde só saíram quando todos esses elementos abandonaram a Academia de Chinoim. Representantes do Governo de Coligação e do Pathet Lao já foram negociar com os cadetes e aceitaram essa condição.

REFORÇADA A INFLUÊNCIA DO PATHET LAO

A nova situação criada com a saída dos ministros das direitas veio reforçar consideravelmente a influência do Pathet Lao e o novo ministro da Defesa incitou praticamente as unidades militares a não obedecerem aos seus oficiais de direita, aceitando apenas ordens emanadas directamente do Governo de Coligação.

O boletim do Pathet Lao revela que o novo ministro da Defesa suspendeu toda a movimentação de tropas, aviões ou blindados sem a sua autorização expressa, ao mesmo tempo que dizia: «Qualquer tentativa de oposição ao Governo e ao conselho político será esmagada pelo Exército com a colaboração das forças do Pathet Lao».

Na sua declaração pela rádio, o primeiro-ministro disse ainda:

«A situação não é grave e o Governo de Coligação prossegue com a sua política de reconciliação nacional».

Entretanto, chegam notícias de que várias unidades militares aderiram ao movimento dos cadetes, revoltando-se contra os seus comandantes das direitas.

FUGA DE MINISTROS PARA A TAILÂNDIA

BANGKOK, 12 — (ANI) — A Tailândia recusar-se-á a con-

ceder asilo a qualquer dos políticos laocianos que na passada semana se demitiram e vieram para a Tailândia — anuncia o Ministério tailandês dos Negócios Estrangeiros.

«A nossa política será sempre uma política amigável para com o vizinho Laos, mas a Tailândia não pode conceder asilo a qualquer destacada personalidade laociana» — afirma-se no comunicado.

Entre as destacadas personalidades que fugiram para a Tailândia contam-se os ministros das Finanças e da Defesa, Ngon Senanikorn e Sisouk Champassak, respectivamente, os quais apenas foram autorizados a permanecer «temporariamente» no país.

OS JORNALISTAS ESPANHÓIS EM GREVE NA SEXTA-FEIRA

MADRID, 12 — (ANI) — Os jornalistas espanhóis vão fazer greve na próxima sexta-feira.

A decisão foi tomada ontem durante longa reunião da Comissão de Defesa Profissional da Associação de Imprensa de Madrid, reforçada com a presença de dezenas de jornalistas, alguns vindos de outras cidades.

Durante a reunião, convocada para analisar uma série de acontecimentos recentes, que atentam directamente contra a liberdade de expressão, contra a profissão e até contra a sobrevivência de algumas empresas jornalísticas, foi preparada uma nota em que se enumeram os principais factos que estão causando uma crescente apreensão entre todos aqueles que se dedicam a tarefas informativas.

Entre os principais factos constatados que se enumeram na referida nota constam os seguintes:

— Sequestro de mais de trinta publicações nos últimos seis meses, processo que se agudizou nas duas semanas anteriores em que se efectuaram pelo menos sete.

— Processos no Tribunal de Ordem Pública a mais de uma dúzia de jornalistas em relação com actividades profissionais.

— Sanções e multas a diversas publicações.

— Estabelecimento de directrizes ditadas, pela Administração, restringindo abertamente o campo informativo.

— Circulação de diversas «listas negras» que afectam numerosos jornalistas.

SETENTA E UM JORNALISTAS PRESOS EM 17 PAÍSES

LONDRES, 12 — (ANI) — A Amnistia Internacional, uma organização com sede em Londres que trata dos problemas relacionados com os presos políticos de todo o Mundo, acaba de apresentar uma lista contendo os nomes de 71 jornalistas que se encontram presos em 17 países, devido aos seus credos políticos.

A organização apelou para o Instituto Internacional de Imprensa com o objectivo de formar uma comissão permanente que resolva a situação dos jornalistas.

«A maioria dos jornalistas que figuram na lista», disse a Amnistia Internacional, «são pessoas cuja detenção ou desaparecimento se relacionam directamente com

as suas actividades profissionais».

«Num certo número de casos recebemos informações de que os jornalistas em questão foram sujeitos a processos de tortura».

«A imprensa livre tem o dever de dar publicidade e condenar a prisão injusta e os maus tratos a que são sujeitas todas as pessoas, cujos casos cheguem ao seu conhecimento», continua o relatório da Amnistia Internacional anexo à lista dos jornalistas presos em todo o Mundo.

A citada lista é encabezada pelos nomes de 27 jornalistas detidos na Indonésia desde o abortado golpe de Estado de 1965, a maioria dos quais por apoiar Sukarno.

48 horas no mundo

Os capitalistas laocianos começam a fazer as malas e a abandonar o País, depois de a facção direitaista do Governo e do Exército ter ficado mortalmente enfraquecida. Na verdade, os ministros direitaistas pediram a demissão dos seus cargos e uma revolta de cadetes vibrou um duro golpe às forças reacçãoárias do Exército, acusadas pelos revoltados de terem pretendido montar um golpe de Estado, com o apoio dos dirigentes de direita e dos E.U.A. Depois do Camboja e do Vietname do Sul, é agora o Laos que segue a passos largos pela via socialista, defendida pela única força política coesa: o Pathet Lao, movimento de resistência, que, durante duas décadas, conduziu a luta contra o imperialismo no país. O reconhecimento político do papel directivo do Pathet Lao, a nível governamental, é simplesmente um ajustamento da estrutura política do País às realidades. Há alguns anos já que a maior parte do território é efectivamente controlada pelo Pathet Lao, cujo socialismo tempo sido aplicado nas zonas libertadas apesar da guerra e das dificuldades encontradas desde o cessar-fogo de 1973. Com a vitória total do Pathet Lao neste país, encerrar-se-á definitivamente um dos capítulos mais sombrios da História da antiga Indochina francesa. O mundo socialista alarga as suas fronteiras. Uma extensa área da Ásia ascende, assim, neste mês de Maio de 1975, ao socialismo: quase 600 mil quilómetros quadrados e 26 milhões de pessoas, para além dos 168 mil quilómetros quadrados e dos 20 milhões do Vietname do Norte.

■ O Egipto, a Arábia Saudita, os Emiratos Árabes Unidos e o Qatar assinaram um acordo para fundarem uma organização destinada ao desenvolvimento de várias indústrias nos países signatários. Entre as indústrias a promover conta-se a do armamento.

■ Os chefes das Forças Armadas da República Dominicana e o ministro das Forças Armadas apresentaram a sua demissão como protesto contra a administração do presidente Joaquim Balaguer, abrindo assim uma grave crise naquele país.

■ O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, falou durante mais de uma hora na rádio e na TV com o objectivo de tranquilizar os cidadãos britânicos, alarmados com a notícia de crescentes crises económicas e uma descida espectacular da libra. Segundo Wilson, o Governo em condições de controlar a crise.

■ Um tribunal italiano absolveu o alegado «patrão» da Máfia, Frank Coppola («Três Dedos»), que era acusado de ter

mandado assassinar um polícia italiano.

■ Aldo Moro, primeiro ministro italiano, pediu aos socialistas e sociais-democratas que voltassem ao Governo para reconstituírem a coligação de centro-esquerda. Entretanto, foi libertado o juiz italiano Giuseppe di Gennaro, que havia sido raptado por um grupo extremista, os NAP, que também organizaram um motim na prisão de Viterbo.

■ «As acções provocatórias da Turquia em relação a Chipre e ao mar Egeu podem arrastar a Grécia para uma guerra que não deseja», afirmou o primeiro-ministro grego Constantino Karamanlis, em entrevista à revista «Der Spiegel», de Hamburgo.

SEMANA DIFÍCIL PARA HAROLD WILSON

LONDRES, 12 — (R.) — O primeiro-ministro Harold Wilson enfrenta uma semana difícil em duas frentes vitais, após fazer uma grande tentativa para restaurar a confiança na economia britânica e reafirmar sua chefia política.

As duas questões que poderão ficar clarificadas nos próximos dias são:

Qual seria a reacção no estrangeiro à sua afirmação de que não estão a piorar os graves problemas económicos que afectam a Grã-Bretanha, e, como reagirá a turbulenta esquerda do seu Partido Trabalhista, que ocupa o poder, à sua sugestão de que poderá tomar uma acção severa contra os ministros dissidentes, contrários ao Mercado Comum.

Numa entrevista de uma hora que concedeu ontem à Televisão, Wilson fez uma referência óbvia à atitude anti-europeia do ministro da Indústria, Tony Benn, e de outros colegas, que, asseverou, teriam de cumprir a política do Governo, se a Grã-Bretanha votar a favor de continuar a pertencer ao Mercado Comum no referendo do próximo mês.

Tem-se registado enorme especulação de que Wilson tenciona retirar a Benn, elemento controverso da esquerda, a sensível pasta da Indústria. Os seus planos de intervenção maciça do Estado têm deparado com críticas cada vez maiores.

O chefe do Governo não fez ontem qualquer alusão a isso, mas descreveu Benn, trabalhista que se tem feito notar pela sua atitude contrária ao Mercado Comum, como «um profeta do Velho Testamento, sem barba, que fala acerca da Nova Jerusalém».

Wilson regressou à Grã-Bre-

tanha, após uma permanência de uma quinzena na Jamaica e de uma visita a Washington, na semana passada, a fim de defrontar uma crise económica embaçadora e pressão da esquerda dentro das fileiras do seu gabinete.

O regresso verificou-se quando a cotação da libra atingiu baixas recordes, se mantinha a elevada inflação e havia ameaças de não cooperação de industriais indignados pelos ataques dos ministros da esquerda.

Tanto em emissões pela televisão e rádio, feitas ontem, o primeiro-ministro procurou minimizar o alarme económico e sugeriu novas medidas para combater a inflação e outros contra elementos dissidentes da esquerda, no próximo mês.

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 29-27 — Telef. 57 40 73
LISBOA

COMUNICADO

Avisam-se todos os trabalhadores abrangidos por este Sindicato, que por motivo de reestruturação dos serviços de acção sindical, os nossos serviços encerram na próxima 3.ª feira, dia 13, pelas 17.30 horas, reabrindo quarta-feira, pelas 9 horas, como normalmente.

Lisboa, 9 de Maio de 1975

PELA COMISSÃO ADMINISTRATIVA

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

S.A.R.L.

Sede em Lisboa

Avenida da Liberdade, 72

CAPITAL REALIZADO: 50.000.000\$00

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Tendo sido adiada por determinação superior a Assembleia Geral Ordinária oportunamente convocada para o dia 31 de Março p.p., convocam-se de novo os Senhores Accionistas desta Companhia, a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, no domicílio da Sede da Companhia, Avenida da Liberdade n.º 72, em Lisboa, no dia 28 de Maio corrente pelas 18 horas, a fim de se proceder à:

1. Discussão e deliberação sobre o Relatório do Conselho de Administração, o Balanço, a Conta de Resultados e o Relatório e Parecer do Conselho Fiscal, relativamente ao exercício de 1974.
2. Eleição para o desempenho dos respectivos cargos de:
 - a) Um Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral;
 - b) O Conselho de Administração;
 - c) Quatro vogais do Conselho Fiscal, sendo dois efectivos e dois suplentes.

Lisboa, 9 de Maio de 1975

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(a) Dr. Carlos Mourisca

Espectáculos

Crítica
de
Cinema

DUAS BOAS COMÉDIAS

«O CHATO»
Título original: L'Emmerdeur
Realização: Edouard Molinaro,
1973 (França)
Argumento: Francis Veber

Fotografia (Eastmancolor):
Raoul Coutard
Intérpretes: Lino Ventura
(Ralph); Jacques Brel (Pig-
non); Caroline Cellier (Louise),
Nino Castelnuovo, Jean-Pierre
Darras, André Vallard, etc...
Distribuição: Filmes Lusomun-
do
Estreia: Cinema Berna

Realização: Pasquale F. Cam-
panile, 1971 (Itália)
Argumento: Pasquale Festa
Campanile, segundo história de
Luciano Bianciardi
Música: Riz Ortolani
Intérpretes: Lando Buzzanca,
Laura Antonelli, Giancarlo Te-
deschi, Gino Cavalieri, etc.
Distribuição: Filmes Castello
Lopes
Estreia: Cinema Alvalade



Jacques Brel: um «chato» divertidíssimo.

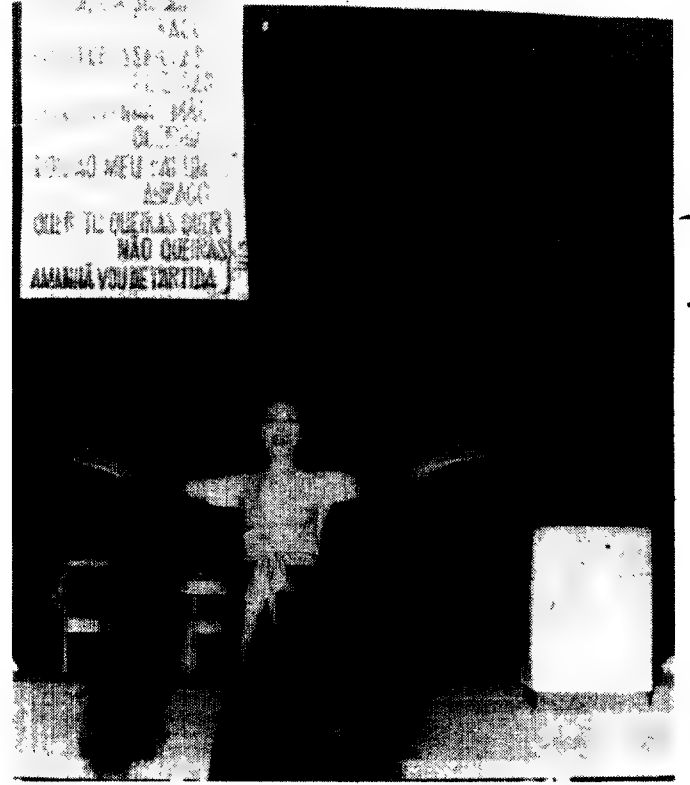
Molinaro não é efectivamente um cineasta importante. A princípio houve quem o tomasse muito a sério, numa altura em que a *nouvelle vague* explodia, dispersando talentos no panorama cinematográfico francês dos anos 60. Mas, rapidamente se chegou à conclusão de que Molinaro não tinha nada de muito original, ou essencial, para dizer. Quer a «fazer cinema», tecnicamente correcto, «comercial», quando possível inteligente e divertido, mas por vezes desagradavelmente aborrecido e algo pretensioso. Por isso a sua carreira alterna, entre o aceitável e o inaceitável. Temos agora entre nós um bom exemplo do seu melhor: esta comédia «policial», subtil, divertidíssima e saborosa.

Um romance de Francis Veber está na base. Romance que já servira para uma peça teatral. E que agora passa ao «écran». A intriga tem uma tonalidade de *vaudeville* indelével. Mas inteligente, generosa e de humor contínuo: um vendedor ambulante de camisas dirige-se a Perpignan para tentar reconquistar a mulher que fugira com um psiquiatra; um assassino profissional instala-se na mesma cidade, no quarto contíguo do hotel, para dali abater uma testemunha incómoda que vai a julgamento nesse dia. Quando Ralph, o assassino profissional (Lino Ventura, admirável), prepara os instrumentos do seu *mettier* para entrar em função, Pignon (Jacques Brel, como nunca o víamos em cinema), «suicida-se» no quarto ao lado, dependendo-se da canalização da casa de banho. Suicídio frustrado, dado que o único resultado visível do acto é uma inundação que irá até ao quarto do lado. Rapidamente se precipitam os acontecimentos: Ralph, o frio assassino, passará a «ama seca» do apaixonado traído. É este último, o «chato» (*L'Emmerdeur*, para os franceses). As relações entre os dois homens são depois prolongadas por situações indescritíveis. O cómico é subtil e, no final, é um olhar de amizade que sobrevive. Uma amizade feita de convivência entre o vendedor de camisas e o assassino profissional. O que parecia impossível de concretizar-se, vista somente a descrição inicial das duas figuras que iriam protagonizar esta história tragicómica, por vezes delirante. Um bom divertimento portanto. Humor francês, em tentativa lograda de regeneração.

Um violoncelista sonha com o «solo». Um homem, integrado numa sociedade (ou numa orquestra), desumanamente competitiva, sonha com a *afirmação* pessoal. Em termos musicais, o homem sonha com a *afirmação* individual que, no contexto de uma orquestra, se chama *solo*. Para se ser solista, na orquestra ou numa sociedade desenfreada, é necessário uma personalidade marcante, que se imponha às contrariedades, que lute, que ultrapasse os obstáculos. Se se pensar agora no filme de Pasquale Festa Campanile, teremos o personagem anódino, Niccolò Vivaldi. Ninguém o lembra, ninguém o reconhece, ninguém aceita a sua mediocridade. E porque tudo à sua volta o impele para a agressiva afirmação pessoal, Niccolò Vivaldi, descobre um dia que casara com uma mulher daquelas que é vulgar ouvir-se dizer *serem muito boas*. Plasticamente falando. Ou não seja a figura interpretada por Laura Antonelli.

Feita esta descoberta, Niccolò Vivaldi percebe que as pessoas que o rodeiam admiram a pele, o peito, as ancas da sua bela mulher. E descobre a seguir que, mostrando aos outros a excelência da mulher, estes o passam a olhar com invejável deferência. Ele tem *uma grande mulher*, o que já é alguma coisa. Logicamente, para se afirmar mais e mais, Niccolò Vivaldi vai despiando a mulher, ostentando-a aos olhos de todos. A sua vitória será o dia em que, num anfiteatro pejado de público, se canta a *Aida*. A mulher, integrada no coro, deixa cair a túnica que a cobria e, nessa altura, no delírio, Niccolò Vivaldi grita a quem o quer ouvir que *aquela é a sua mulher*. Os termos do percurso são óbvios. Primeiramente a mediocridade, a banalidade de Niccolò Vivaldi. A seguir a frustração. Depois uma «transferência» evidente. Finalmente a total alienação. Niccolò poderia ter aceite a sua mediocridade. Poderia tê-la combatido no campo profissional e humano. Mas, muito mediterraneamente, preferiu aproveitar-se de uma afirmação lateral (a sua virilidade, por interposta pessoa, a mulher). Mais: o mecanismo é de uma profunda perversidade lógica: para afirmar perante o mundo que é o *possuidor* de uma mulher daquelas, Niccolò aceita (melhor dizendo, impõe) o *usufruto* da sua mulher por terceiros. A sua grande felicidade será pois mostrar a mulher, integralmente nua, a vizinhos e amigos.

Um argumento admirável, de profunda riqueza psicanalítica e sociológica, malbaratado por um cineasta pouco rigoroso. Facto agravado pelo mau estado da cópia que se exhibe no Alvalade. De qualquer forma, uma belíssima comédia italiana, na linha do melhor Risi, por exemplo. Entre as dezenas de títulos estreados depois do 25 de Abril de 74, cremos que somente este, *Malícia*, de Samperi, e o *Sexo Louco* de Risi, merecem justos elogios. Em todos eles, a presença de Laura Antonelli, uma agradável constante.



O Centro Cultural de Évora apresenta a partir de 14 do corrente, a sua nova criação «O Soldado Raso» de Luis Valdez, encenada por Mário Barradas. O espectáculo tem estado a percorrer as vilas e aldeias do distrito de Évora, tendo sido estreado em S. Manços. Na gravura, a actriz Clara Joana no papel da Morte.

“O NACIONAL CANÇONETISMO E O TEATRO COMERCIAL AO ATAQUE”

-UMA CARTA DO SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESPECTÁCULOS

Dirigida ao nosso camarada Carlos Porto, recebemos do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos uma carta assinada por Fernando Gusmão e cujo teor é o seguinte:

«A propósito de uma crónica publicada no «DL» no passado dia 5 de Maio, com o título «O nacionalcançonetismo e o teatro comercial ao ataque», sente-se a Direcção deste Sindicato no dever de esclarecer a sua posição perante os factos que deram origem à mesma crónica.

«Como o Carlos Porto diz, e agradecemos-lhe a referência, sempre esta Direcção, particularmente através dos seus representantes na Comissão Consultiva das Actividades Teatrais, mas não só, actuou no sentido de defender intransigentemente os interesses do Sindicato e dos Trabalhadores a ele afectos. E nem de outra forma poderia ser. Fomos democraticamente eleitos pela classe depois do 25 de Abril, e, podemos lembrar que não apresentamos qualquer programa nem nos apoiamos em qualquer tipo de partidário. A classe escolheu-nos apenas por aquilo que éramos profissionalmente e pelo interesse que sempre devotáramos à defesa dos seus interesses. É nossa convicção, portanto, que o mesmo espírito democrático e desinteressado esteve na base do pedido de convocação de uma assembleia geral extraordinária para apreciação e crítica da nossa actuação como directores, por parte dos nossos colegas. Cumpre-nos, de resto, assinalar com satisfação o interesse desta forma manifestado por esses mesmos colegas, em, conjuntamente connosco, analisar este primeiro ano de verdadeiro sindicalismo livre, no quadro de uma total reestruturação de um sindicato, que parecia ser só de actores, e, agora, é efectivamente guiado pelos representantes eleitos de todos os sectores de actividade que desde sempre abraçou. Repudiamos, pois, a ideia

de que haja qualquer manobra estranha por detrás de um acto que reputamos de normal e até salutar.

«As questiúnculas precipitadamente levantadas à volta de uma moção aprovada na última reunião geral do sector 'actores-encenadores', para ser estudada pela Direcção, foram já devidamente equacionadas pelo director-geral da Cultura Popular e Espectáculos, eng. Vasco Pinto Leite. Com efeito o estudo da nacionalização do Teatro está neste momento a ser aprofundado nos seus aspectos técnicos por uma comissão para o efeito designada pelo Ministério da Comunicação Social, e sobre o mesmo a classe se pronunciará em assembleias gerais para esse fim venham a ser convocadas.

«Assim, a Direcção deste Sindicato está plenamente confiante que a assembleia geral agora extraordinariamente requerida e convocada, não se insere de forma alguma no âmbito de outras disputas que possam existir na vida sindical portuguesa, e, pelo contrário, estamos certos que ela virá a contribuir para construir um caminho mais seguro na luta de todos os trabalhadores deste Sindicato, quer pelas soluções que possam vir a ser encontradas para os obstáculos que ainda se nos deparam na via de um sindicalismo de base autenticamente democrático e eficaz, quer pelo fortalecimento da unidade da classe, agora mais do que nunca indispensável para fazer do Teatro, das Variedades, do Bailado, e do Circo as actividades que a Revolução nos pede quotidianamente.

«E porque é esta a nossa convicção, e também, por certo, o desejo de todos quantos estão hoje empenhados na prática de uma democracia que nos encaminhe definitivamente e seguramente para o Socialismo, agradecemos-lhe que de público conhecimento da posição desta Direcção.»

E. P. U. L. — Empresa Pública de Urbanização de Lisboa

ANÚNCIO

EMPREENHEIROS DE OBRAS PÚBLICAS INDUSTRIAIS DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Para os devidos efeitos se comunica que esta Empresa Pública aceita a inscrição de empreiteiros interessados em serem consultados para adjudicação de empreitadas para «Concursos Limitados» para efeitos de ficheiro desta Empresa.

Os empreiteiros que desejem efectuar a sua inscrição deverão indicar:

- Classes dos alvarás, categorias e subcategorias.
- Número de trabalhadores ao seu serviço e respectivo encargo médio mensal.
- Empreitadas em curso e empreitadas já realizadas, seus valores e sua distribuição pelas respectivas categorias e subcategorias.
- Capacidade anual da obra da Empresa. Volume de obras em curso (em milhares de contos).

As inscrições efectuadas até ao dia 14 de Março de 1975 poderão ser utilizadas para 3 concursos limitados a realizar no corrente mês correspondendo a cada um o valor aproximado de obra de 30 000 000\$ (trinta mil contos) — Construção de fogos em Carnide.

As inscrições deverão ser entregues ou enviadas para a Direcção dos Serviços de Produção da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa — Alameda das Linhas de Torres 198-200, Lisboa, tel. 79 31 66/69. Lisboa, 9 de Maio de 1975.

O Presidente do Conselho de Administração
Fernando Edgard Perry da Câmara
Ten. Cor. de Eng.º



ENGENHEIRO ALBERTO XAVIER SALGADO BARBIERI CARDOSO

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Edith Justiniano Xavier Salgado Cardoso, Maria Teresa Repolho Monteiro Barbieri e mais família, participam que amanhã, dia 13, pelas 17 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima será celebrada missa pelo eterno descanso da alma do seu querido filho, companheiro e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto. Aproveitam a oportunidade para agradecer muito reconhecidamente a todos quantos o acompanharam à sua última morada, muito em especial aqueles que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

AGÊNCIA MAGNO — TELEF. 53 41 67

A MINHA MULHER É UM VIOLONSEXO

Título original: Il Merlo Maschio



CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM



VENCER OU ATRAÍDOAR O DESAFIO DO FUTURO — EIS A QUESTÃO

Não se pode dizer que o prometido *Teledomingo* trouxesse grande interesse à programação. A presença de um elemento das Forças Armadas (para mais ainda de alguém que tem o nome prestigioso de Ramiro Correia) era a certeza de que os partidos não iam desatirar à galheta uns aos outros. Infelizmente, a ganância dos votos agudizou o apetite da polémica. Houve, durante algumas semanas, ofensas, calúnias, agressões. Valeu tudo, até morder na barriga. Agora, atenuadas as palavras e repousados (ou guardados...) os vapores, sobrevém uma certa acalmia. Os partidos da coligação, com a presença de um representante do M. F. A., estiveram na televisão para materializarem, diante dos olhos de alguns milhões de portugueses, o pacto assinado e assumido por eles em conjunto. Simplesmente, a movimentação pela conquista do voto e os acontecimentos que se seguiram às eleições, habituaram mal uma certa parte da população. O diabo é criar-se o interesse pela luta de galos. Desistir dele, depois, é o mais difícil.

Foi, portanto, como se esperava uma emissão tranquila. Dividida em três partes — a política, a economia e os problemas sociais — cada elemento falou cerca de dois minutos de cada vez. Não houve, também como já se esperava, qualquer afirmação tonitruante.

te. Nenhum falou dos seus partidos embora, de onde em onde, se notasse o emprego de certos golpes baixos, perdão, perdão, não era isto o que eu queria dizer, quero eu dizer que de onde em onde se notaram certas afirmações ou alusões que já levavam água no bico, dentro de uma certa tática enquadrada numa certa estratégia. Para os telespectadores inteligentes, tais atitudes podem ter efeitos contrários e mal vai a um político que não acredita na inteligência das pessoas...

Houve ainda, por outro lado, intervenções susceptíveis de criar polémica. Tiveram porém outros o bom-senso de fazer ouvidos de mercador. Há sempre, felizmente, quem saiba distinguir o essencial do acessório. Quer dizer: há sempre felizmente quem pratique a verdade e difícil arte da política.

Ali, o essencial era dar ao povo português a ideia da urgente necessidade da unidade. Essa a função daquele *Teledomingo*: acalmar a tensão, fazer um apelo à atenção. Temos dificuldades? Vamos conhecê-las e vencê-las.

A tónica recaiu assim na *batalha da produção*, decisiva para a conquista da democracia e para a consolidação da Revolução. Neste aspecto, no aspecto dos esforços a empreender para ganhar a batalha da produção, Álvaro Cunhal mostrou-nos que não chegaremos ao socialismo se se trabalhar com o mesmo espírito com que

se trabalha numa sociedade capitalista. Num projecto de sociedade capitalista, o estímulo é o lucro (estou, a propósito, a lembrar-me daquele *slogan* em escolas ianques: *o lucro é sagrado*) mas o projecto da nossa Revolução não é de uma sociedade capitalista, mas o de uma sociedade socialista. Logo, o estímulo do lucro (tomado na acepção geral de estímulo das vantagens materiais) deve ser substituído pelo estímulo revolucionário.

Aqui, meus amigos, aqui é que a unidade torce o rabo. Chegados aqui importa determinar quem pode gerar ou ser animado pelo estímulo revolucionário. Está claro que o estímulo revolucionário não existe quando não se trabalha; quando se aumenta a anarquia em vez de reforçar a organização; quando nos alheamos do destino da empresa onde trabalhamos; quando semeamos a descrença ou o descrédito; quando fugimos às responsabilidades em vez de as assumirmos; quando colecionamos empregos ou horas extraordinárias; quando olhamos o nosso problema individual, e só ele. Em suma: os trabalhadores que se alheiam do esforço colectivo por fortalecer o seu posto de trabalho, quantas vezes a coberto de pressupostos «revolucionários», não são movidos, na realidade, pelo indispensável estímulo revolucionário: com o argumento de não quererem ser explorados pelo patrão, exploram eles próprios o esforço e o trabalho dos seus camaradas empenhados na tarefa revolucionária de defender o seu posto de trabalho e de aumentar a produção.

O estímulo revolucionário passa pelo controlo da produção, pelos trabalhadores. Passa pela vigilância contra todas as formas de sabotagem. Passa pela reorganização e racionalização dos esquemas de trabalho. Passa pela cooperação permanente entre todos os sectores da actividade. Passa pelas mais variadas formas de sacrifícios de ordem pessoal.

Sem ilusões: não há nenhuma outra alternativa. Pelo que, ao finalizar esta crónica, deixarei transcritas, sem qualquer comentário as últimas palavras do comandante Ramiro Correia:

agora em PORTUGAL

depois de 7 ANOS NO CARTAZ

no UNITEATRO THEATRE

em LONDRES

UMA COMÉDIA MAIS QUE "SEXY"

MOSTRA-ME A TUA PISCINA!

PRIMA TOPS

curtas de 15 anos

HORÁRIO

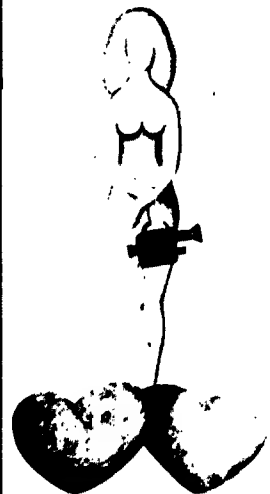
A NOITE ÀS 21.15 H.
5.ª, 6.ª E SÁBADOS
2 SESSÕES
às 20.45 e 23 h.
Domingos e Feriados
Matinées às 16 h.

Quero pedir a todos os trabalhadores que tomem consciência da responsabilidade que sobre todos nós impende na construção do futuro.

Estão em causa não apenas os dez milhões de homens, mulheres e crianças que vivem actualmente na terra portuguesa, mas os muitos milhões que vão nascer nesta terra. Teremos nós capacidade e teremos nós firmeza suficiente para encontrar a unidade das forças democráticas e construir o socialismo — ou iremos nós atrair o desafio do futuro?

É esta a pergunta que deixo ficar a cada um dos trabalhadores portugueses, neste momento.

10.ª E ÚLTIMA SEMANA



ANNA HENKEL

Dorothea

realização de

PETER FLEISCHMANN

o realizador de CENAS DE CACA NA BAVIERA

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

AVISO AO PÚBLICO
ESTE FILME CONTÉM CENAS
EVENTUALMENTE CHOCANTES

FILMES OCIDENTE

Teatro Mario Mates

A RTP APRESENTA
Todas as noites às 21.45
e aos domingos também
às 16 horas

A peça de
Manuel da Fonseca
«SEARA DE VENTO»
Descanso da Companhia
às Segundas-Feiras
Não aconselhável
a menores de 13 anos
Bilheteira — Tel. 89 70 17
Bilhetes à venda também
na A. B. E. P. 32 88 23

Hoje



Vítor de Sousa, António Montez e Manuela Maria em «O homem que se arranjou»

I PROGRAMA

- 19.00 TV Juvenil — «O Gato de Chapéu»
19.30 Magazine do Norte — A Criança e a Saúde
20.00 Teledeporto — reportagens e comentários dos acontecimentos desportivos de domingo.
20.30 Telemundo — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 Teatro — «O Homem que se Arranjou» — de Ramada Curto. Adaptação e realização de Ruy Ferrão. Cenografia de António Botelho. Intérpretes por ordem de entrada: Manuel Cavaco, Luís Alberto, Rui Egidio, José Bartolomeu, Teresa Azinhais, Maria Helena Matos, Victor de Sousa, Laura Soveral, Luís Cerqueira, David Silva, Manuela Maria, António Montez, Maria Alexandra e Carmo Mateus.
22.30 Telemundo — 3.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
22.45 Fátima — transmissão da Cova da Iria, da Procissão das Velas.
23.30 Fecho

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e a série «lvanhoe» — último episódio
20.25 Desenhos Animados
20.55 Vivendo o Futuro
21.10 Escrever é Lutar — Armando da Silva Carvalho entrevistado por Assis Pacheco.
21.30 Os Clássicos do Cinema
22.30 Telemundo — em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
23.00 Fecho

SINDICATO DOS PROFESSORES — EXECUTIVOS NACIONAIS COMUNICADO

Os Executivos do Sindicato dos Professores, reunidos em 9 de Maio, deliberaram convocar os professores de todos os graus e ramos de ensino do País, para uma acção de esclarecimento da opinião pública sobre a justeza dos termos em que é apresentada a sua reivindicação de reajustamento de letra, para o que pedem aos delegados sindicais que:

1. se dirijam às sedes de todas as delegações para receberem exemplares de um comunicado nacional.
2. assegurem, através de uma mobilização dos professores dos núcleos sindicais que representam, a distribuição (na 3.ª feir, dia em que é apreciado em Conselho de Ministros o diploma de reajustamento de letra) do referido comunicado aos trabalhadores do ensino dos seus estabelecimentos, bem como à população das imediações.
3. planifiquem esta acção por forma a que não haja qualquer prejuízo das actividades escolares.

Os Executivos Nacionais informam ainda todos os professores que reunirão no próximo domingo para se debruçarem sobre a evolução do processo de reajustamento de letra.

Lisboa, 9 de Maio de 1975

Os Executivos Nacionais
do Sindicato dos Professores

Éduardo Paiva Raposo

O MUNDO QUE NÃO CONHECE

Venha conhecê-lo na Rua D. Estefânia, 40, 2.º eq.º onde pode adquirir, pelo melhor preço, Electrónica, Relojoaria, Whisky, Tabacos, Perfumarias. Pronto-a-Vestir, Auto-rádios e Reprodutores de cassetes.

PROCURE-NOS NAS SUAS HORAS LIVRES
OU DE TRABALHO

MANUEL MONTEIRO MOREIRA

DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro — «O Homem que se Arranjou» (21.00)

II PROGRAMA

Escrever é Lutar (21.10)

Os Clássicos do Cinema (21.30)

SIEMENS ESTORIL

Amanhã

I PROGRAMA

10.00: Abertura e Cerimónias Religiosas de Fátima — transmissão directa da Cova da Iria; 13.30: Telemundo; 13.45: «Fish» — série filmada; 14.10: Logo à Noite; 14.20: Ciclo Preparatório TV — Educação Religiosa; 14.45: Português; 15.10: Educação Visual; 15.35: Educação Física; 16.00: Iniciação à Língua Portuguesa; 16.25: Ciências da Natureza; 16.50: História e Geografia; 17.15: Português; 17.40: Trabalhos Manuais; 18.05: Iniciação à Língua Portuguesa; 19.00: TV Infantil — «Volta ao Mundo em 80 Dias»; 19.30: Nome Mulher — Nascer, Viver, Morrer — Moimenta da Beira; 20.30: Telemundo; 21.00: A Política é de Todos; 22.00: «Resistência» — série filmada; 23.00: Telemundo; 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e a série filmada «Fish»; 20.25: Documentário; 20.55: Noite de Cinema — «Vidas Tenebrosas» — com Bernhard Blier e Simone Signoret e realizado por Yves Allegret; 22.30: Telemundo; 23.00: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RÁDIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau, 8

Desporto
NACIONAIS DE FUTEBOL

GREVE NO DESPORTIVISMO

Um campeonato tão indiscutivelmente como foi este que ontem terminou, tinha de manter esse sinal até à última jornada: e assim foi de facto, com situações reprováveis a esportar um dos clássicos portugueses, um Belenenses-Sporting que poderia garantir aos «leões» o lugar de vice-campeão.

Foi na segunda parte que tudo aconteceu: primeiro, com a validação do segundo gol «azul», que os homens de Alvalade não julgaram ilícito; daí o desrespeito de alguns dos seus jogadores para com o público e para com o próprio espectáculo de que eram principais protagonistas; depois, a agressão de Nelson a um seu companheiro de profissão, (embora de emblema diferente) e a resposta de Eliseu que quis «vingar» o seu companheiro de camisola: resultado, dois jogadores expulsos do rectângulo defraudado, nervos à flor da pele e um clima de efervescência a marcar o final de mais um campeonato nacional da 1.ª divisão.

Foi pena que tudo isto tivesse acontecido: porque a jornada apresentava-se tranquila, com a maior parte dos lugares da classificação já com donos definidos; apenas o Sporting tinha de garantir um ponto para se fixar na segunda posição mas o enervamento de alguns dos seus atletas deitou tudo a perder. Disso se aproveitou o F. C. do Porto, que tendo sido o grande campeão da 1.ª

volta, acabou o torneio na posição de vice-campeão, atirando com os «leões» para a terceira posição.

Assim sendo o Benfica terminou o campeonato com cinco pontos de avanço sobre o seu mais directo companheiro de torneio e com seis pontos de vantagem sobre o ex-campeão. Isto significa que os «encarnados» foram sem sombra de dúvida os mais regulares do torneio e que a sua vitória lhes assenta como uma luva.

Relativo interesse tinha a última jornada: por decidir havia apenas a questão do segundo lugar e também a do quarto: Guimarães era o cenário para essa decisão e tudo parecia indicar que seria o Vitória a conquistar essa posição; parecia, mas não foi: num encontro em que se apresentaram as duas melhores turmas portuguesas, orientadas pelos melhores técnicos nacionais, o prémio desse quarto lugar (presença garantida num torneio europeu) acabou por sorrir ao Boavista; e é assim que vamos ter na próxima época José Maria Pedroto novamente na alta roda do futebol europeu.

Mas também aqui a disciplina andou arredia do espectáculo: e a grande vitima foi o árbitro António Garrido, que no final do jogo se viu impossibilitado de sair da cabina, tão exaltado estavam os nervos dos espectadores; houve prejuízos de arbitragem, pois o auto-móvel do árbitro de Leiria foi incendiado. Durante seis horas

esteve retido nas cabinas, não obstante a Polícia de Segurança Pública ter sido obrigada a solicitar a intervenção de um pelotão operacional do Regimento de Infantaria 8, que por sua vez teve de solicitar reforços. Ouviram-se tiros (disparados para o ar) mas cerca da meia-noite António Garrido pôde sair do estádio (numa carrinha da Polícia) a caminho do Porto; depois foi a viagem até Leiria, num táxi.

Estupidamente triste este final de campeonato...

Na Luz o Benfica só tinha para oferecer ao seu público a festa de despedida de Simões: e foi uma festa bonita, durante a qual o clube agradeceu ao jogador os muitos anos ao seu serviço; e houve lágrimas no «adeus» e os desejos de felicidades nas novas paragens onde ele irá mostrar a verdade do futebol-espectáculo.

No Bonfim o Vitória de Setúbal fechou com «goleada»: oito tentos sem resposta, afinal a repetição do resultado mais desvelado deste campeonato; o «record» já lhe pertencia, aliás.

E com tudo o mais já perfeitamente definido, os restantes jogos não foram mais do que



Simões despede-se da Luz como jogador: foi uma das partes da festa «encarnada» de ontem.

o «doce e calmo» cumprir de programa.

2.ª DIVISÃO

Na segunda divisão e quando faltam apenas quatro jornadas para o seu termo, as coisas começam a complicar-se: na zona Norte, como na zona Sul, registaram-se ontem derrotas dos respectivos «guias»; o Sporting de Braga e o Estoril cederam uma parte da vantagem que usufruíam, emprestando ao torneio, nesta sua fase final, um interesse muito particular. Repare-se: na zona Norte os bracarenses têm agora apenas um ponto de vantagem e na zona Sul o Estoril goza

apenas de três pontos à maior. Se pensarmos que faltam ainda quatro jogos para que o final do torneio chegue e que o Estoril (por exemplo) tem de receber ainda o Barreirense, pode-se avaliar bem do interesse que repentinamente este nacional da 2.ª divisão passou a ter.

Para mais conclusões ou curiosidades, consulte-se a tabela pontual que nesta mesma página publicamos. E, se o leitor quiser saber da forma como o Estoril cedeu ao Funchal, poderá ler na página seguinte a crónica (circunstanciada) do nosso enviado especial.

ORLANDO DIAS AGUDO

3.ª DIVISÃO NACIONAL

SPORTING DA COVILHÃ: ÚNICO GUIA DESTACADO

Resultados da 34.ª jornada do nacional da 3.ª Divisão ontem à tarde disputada na série «A», Vianense-Bairro Latino, 5-3; Ponte da Barca-Moncorvo, 3-2; Lamego-Vizela, 4-1; Leça-Cabeceirense, 3-0; Rio Ave-Desp. Aves, 0-1; Freixo-Avintes, 2-0; Paredes-Camelas, 1-1; P. Brandão-Moncao, 0-2; Bragança-Espenhe, 1-0; Vila Real-Limianos, 1-1.

O Paredes continua na vanguarda com 51 pontos, apenas mais dois do que o União de Fátima que é o segundo. Na série «B», Castelo-Ac. Viseu, 0-1; Feixes-Agueda, 4-0; Covilhã-Anadia, 3-0; Guarda-Valecabrense, 1-0; Esperança-Gouveia, 2-3; Cucujães-Ovarense, 3-2; Marialvas-Naval, 2-0; O. Bairro-Margalhe, 2-0; Vildemoinhos-Ala Arriba, 4-0.

O Sporting da Covilhã consolidou a sua posição de guia, dispondo agora de 54 pontos contra 47 do Naval: na série «C», Campomaiorense-Bombarralense, 0-1; Mirense-Cardoso, 2-2; Tramagal-Almeirim, 1-6; Marrazes-Vilafranquense, 1-0; Orlégrense-Nazarenos, 8-1; Alcobaça-Sacavenense, 1-1; Alhandra-Sp. Pombal, 5-2; U. Santarém-C. Branco, 6-1; Al-

verca-O. Elvas, 1-0; Alcanenense-Monte de Sôr, 1-1.

Na classificação o União de Santarém continua a ser o primeiro com 45 pontos enquanto o Sacavenense é segundo com 44 pontos. Finalmente na série «D», Seixal-Casa Pia, 1-2; Olivais-Sambrasense, 0-0; Silves-Luso, 2-2; Santiago-Desp. Beja, 1-1; Lusitano V. R. Aljustrelense, 1-0; Odemirense-Reguengos, 0-0; Torralta-Vasco da Gama, 0-0; Alcochetense-Esp. Lagos, 1-1; Operário-Amora, 0-1; Paio-Pires-C. Caparica, 3-0.

Também nesta série é mínima a vantagem do primeiro classificado (Esperança de Lagos) sobre o segundo (Vasco da Gama): enquanto o guia somou já 45 pontos os «vascaínos» somaram 44.

FALECEU O ANTIGO CICLISTA
JOÃO REBELO

Vítima de congestão cerebral, faleceu esta madrugada, no Hospital de Sintra, o antigo ciclista «internacional» João de Jesus Rebelo, figura grande da velocipédia portuguesa e, incontestavelmente, um dos nomes que mais cimentaram a modalidade em terras estrangeiras.

João Rebelo, que nasceu em Lisboa (freguesia de S. Sebastião da Pedreira) a 31 de Janeiro de 1920, era irmão de outros desportistas (do ex-futebolista Inácio Rebelo, do cronista Cesário Rebelo e do antigo pugilista Marcolino Rebelo). Era, também, cunhado do famoso

ex-futebolista Francisco Albi no. João Rebelo exercia, actualmente, funções destacadas na firma Rodrigues e Rodrigues.

Ainda não está marcada a data do seu funeral, encontrando-se o corpo depositado no hospital sintrense. A família enlutada, os nossos pésames.

TOTOBOLA A CHAVE	
Belenenses - Sporting	1
Alhandra - Oriental	1
Académico - CUF	2
Guimarães - Boavista	2
Setúbal - Leixões	1
Atlético - Farense	1
Sanjoanense - Braga	1
Chaves - Varzim	1
Lousa - Riopele	1
Feirense - Oliveirense	1
Torres Novas - Montijo	1
Marítimo - Estoril	1
U. Montemor - U. Leiria	1

20 TOTALISTAS

Vinte concorrentes conseguiram acertar no «treze» no concurso do Totobola desta semana: para cada um o prémio de 148 657\$70. No que diz respeito a «dozes», 533 concorrentes cabendo a cada um a quantia de 5578\$10.

Resultados e classificações

1.ª DIVISÃO, RESULTADOS:

Belenenses, 2-Sporting, 0; Benfica, 3-U. Tomar, 1; Olhanense, 2-Oriental, 0; Académico, 1-CUF, 2; F. C. Porto, 4-Espinho, 0; Guimarães, 1-Boavista, 2; Atlético, 2-Farense, 1; Setúbal, 8-Leixões, 0.

CLASSIFICAÇÃO FINAL:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BENFICA	30	21	7	2	62-12	49
F. C. Porto	30	19	6	5	62-30	44
Sporting	30	17	9	4	59-25	43
Boavista	30	16	6	8	58-32	38
V. Guimarães	30	16	6	8	64-36	38
Belenen.	30	14	7	9	45-37	35
V. Setúbal	30	11	7	12	47-35	29
CUF	30	10	9	11	40-40	29
Leixões	30	10	9	11	29-42	29
Atlético	30	10	6	14	38-49	26
Farense	30	11	3	16	38-52	25
U. Tomar	30	9	5	16	39-49	23
Oriental	30	5	10	15	21-51	20
Académ.	30	7	6	17	32-47	20
Olhan.	30	6	5	19	41-70	17
S. Espinho	30	4	7	19	25-64	15

2.ª DIVISÃO, ZONA NORTE, RESULTADOS

Famalicão, 1-Fafe, 0; Sanjoanense, 1-Braga, 0; Chaves, 1-Varzim, 0; Gil Vicente, 2-Penafiel, 0; Alva, 1-Paços Ferreira, 0; Vilanovense, 1-U. Coimbra, 1; Salgueiros, 4-Tirsense, 1; Beira-Mar, 1-Régua, 0; Lourosa, 2-Riopele, 1; Feirense, 3-Oliveirense, 1

CLASSIFICAÇÃO:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BRAGA	34	18	9	7	41-23	45
Beira-Mar	34	16	12	6	48-24	44
Varzim	34	16	9	9	51-25	41
Riopele	34	17	7	10	51-32	41
Famalicão	34	16	8	10	48-33	40
Sanjoanense	34	14	10	10	34-38	38
Gil Vicente	34	14	7	13	42-34	35
Lousa	34	11	12	11	44-32	34
Salgueiros	34	13	8	13	51-48	34
Régua	34	15	7	14	35-32	33
Penafiel	34	11	11	12	30-28	33
P. Ferreira	34	11	10	13	43-41	32
Alva	34	14	4	16	36-51	32
Chaves	34	10	12	12	31-36	32
Fafe	34	11	9	14	29-32	31
União de Coimbra	34	12	7	15	45-52	31
Feirense	34	11	8	15	35-50	30
Vilanovense	34	7	12	15	27-45	26
Tirsense	34	9	6	19	34-54	24
Oliveirense	34	8	8	18	31-53	24

PRÓXIMA JORNADA.

Oliveirense-Famalicão; Fafe-Sanjoanense; Braga-Chaves; Varzim-Gil Vicente; Penafiel-Alva; Paços Ferreira-Vilanovense; U. Coimbra-Salgueiros; Tirsense-Beira-Mar; Régua-Lousa; Riopele-Feirense

ZONA SUL, RESULTADOS:

Juventude, 2-Torriense, 1; Almadia, 1-Caldas, 0; Torres Novas, 0-Montijo, 0; Marinhense, 1-Portimonense, 1; Marítimo, 3-Estoril, 1; Sintrense, 0-Estrela, 0; Montemor, 1-Leiria, 0; Barreirense, 2-Sesimbra, 0; Peniche, 2-Lusitano, 1; Odivelas, 3-C. Piedade, 1

CLASSIFICAÇÃO:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
ESTORIL	34	23	8	3	62-25	54
Barreirense	34	21	9	4	62-27	51
Marítimo	34	18	8	8	66-33	44
Portimonense	34	17	8	9	62-37	42
Montijo	34	17	7	10	53-36	41
Torriense	34	16	4	14	58-49	36
Sesimbra	34	13	10	11	31-40	36
Caldas	34	11	13	10	47-36	35
Marinhense	34	9	15	10	41-30	33
Estrela de Portugal	34	9	15	10	29-38	33
Peniche	34	9	15	10	30-37	33
União de Leiria	34	12	8	14	49-51	32
Juventude	34	12	7	15	33-40	31
Almada	34	11	8	15	43-61	30
Sintrense	34	8	13	12	24-42	29
Lusitano	34	9	10	15	32-54	28
Torres Novas	34	11	6	17	34-49	28
Odivelas	34	7	10	17	26-59	24
C. Piedade	34	9	5	20	43-71	23
Cova da Piedade	34	5	7	22	19-57	17

PRÓXIMA JORNADA:

Cova da Piedade-Juventude; Torriense-Almada; Caldas Torres Novas; Montijo Marinhense; Portimonense-Marítimo; Estoril-Sintrense; Estrela Montemor; U. Leiria-Barreirense; Sesimbra-Peniche; Lusitano Odivelas

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Direcção de Serviços de Habitação

MERCADO DA HABITAÇÃO

LEGALIZAÇÃO DE OCUPAÇÕES DE FOGOS DEVOLUTOS

- Embora condenando de uma maneira geral as ocupações intempestivas de fogos devolutos como forma das famílias mal alojadas resolverem o seu problema habitacional, o Governo reconhece porém, através do decreto-lei 198-A/75, a legitimidade de algumas dessas ocupações.
- Em consequência, este decreto-lei indica os casos em que a ocupação é legalizável, devendo proprietário e ocupante celebrar o respectivo contrato de arrendamento no prazo de 30 dias, contados a partir da publicação do decreto-lei (14 de Abril de 1975). Em caso de recusa por parte do proprietário a Câmara Municipal de Lisboa substituir-se-á a este na assinatura do contrato.
- Assim, serão legalizáveis as ocupações anteriores ao dia 14 de Abril, quando se verificarem uma das condições seguintes:
 - encontrar-se o proprietário em falta por não ter declarado o fogo no prazo de 10 dias a partir da data em que ele ficou devoluto, nos termos do Art.º 19 do decreto-lei 445/74
 - encontrar-se o fogo devoluto há mais de 60 dias, à data da ocupação, tendo o fogo sido declarado para arrendamento.
- A fim de que uma rápida solução seja dada às situações criadas pelas ocupações intempestivas, o Mercado da Habitação pede a todos os interessados, ocupantes e proprietários, que façam as suas declarações o mais brevemente possível nestes Serviços camarários, Rua Alexandre Herculano, 46-2.º andar.
- Em relação àqueles casos cuja legalização se apresente duvidosa, a Câmara Municipal procurará intervir sempre no sentido de se chegar a uma solução que seja reconhecida como socialmente mais justa.

AOS COMERCIANTES, ADELOS E PARTICULARES grande quantidade de

MOBILIÁRIO E MÁQUINAS PARA ESCRITÓRIO, na RUA DA IMPRENSA NACIONAL, 69-LISBOA

LEILÃO

AMANHÃ, 3.ª FEIRA, ÀS 15 HORAS
Por ordem da C.ª de Seguros «A Mundial», venderemos pela maior oferta e sem base de licitação os bens considerados fora de serviço e que estarão em EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 ÀS 13 HORAS

Desporto

BELÉNENSES, 2-SPORTING, 0

DOIS GOLOS DE ESTARRECER: UM DE GONZALEZ OUTRO DE ANTUNES

Vencendo o seu último jogo do campeonato, o Belenenses confirmou de forma categórica — através dos seis pontos a que se situou do sétimo classificado — o sexto lugar na tabela, posição alcançada, lucidamente, deixando de parte a «campeonite», perfilhando uma política de firme compressão de despesas traduzida num escasso mas valioso lote de profissionais. Por outro lado, o Sporting perdeu o posto

do chamado «desporto-rei». Passemos aos factos.

Estádio do Restelo, Belenenses-Sporting, oito minutos da segunda parte. Lançamento de Godinho a solicitar Pietra, três ou quatro metros à frente de Alinho, o que equivale por dizer que estava colocado «fora-de-jogo». O «internacional» de Belém ainda arranca para a bola (pormenor importante) mas acaba por estacar tão convencido estava da sua deslo-

bre a direita antes de atirar com êxito. Adelino Antunes aponta o centro, ratificando, dessa forma, um erro duplo e tremendo. Depois, uma onda de indignação percorreu os adeptos do clube visitante, que chegam a ameaçar a invasão, os componentes do «banco» clamando junto à linha lateral e os próprios jogadores do Sporting, rodeando Antunes e dizendo de sua justiça. Sim, digo bem, de sua justiça.

A partir daí, o encontro que já vinha decorrendo sem grandes primores de ordem técnica tornou-se ainda pior, com os intervenientes enervados, chutando ao «deus-dará», o árbitro a fornecer todos os indícios de procurar uma «compensação», a violência a emergir de um despique até então correcto. Damas a agradecer os gritos de um coro gigantesco que lhe chamava «palhaço». Godinho a tentar acalmar os adeptos de Belém, Eliseu a recolher à cabina com o cartão na cara, mesmo à beira do fim. Dizem junto de mim que já não era expulso há dois dias.

Apesar destas cenas «canhais», devo acrescentar que o Belenenses mereceu o triunfo, dominando abertamente a partida ao longo dos noventa minutos e obtendo um golo — o primeiro — digno de ficar numa antologia do futebol. Foi seu autor o sul-americano Gonzalo, exemplo de pundonor e honestidade, jogador generoso que além do chute extraordinário que inaugurou o marcador, correu o campo todo assinando jogadas de grande categoria e que teve em Melo, Godinho, Freitas, Quaresma e Pietra, dignos acompanhantes. Aliás, praticamente o mesmo se poderia dizer de Hector Yazalde, cujos honorários se poderão justamente considerar deslocados no Portugal de hoje mas que não deixam, até certo ponto, de constituir a paga generosa do trabalho de um profissional generoso. Que vai deixar saudades.

ALEXANDRE PAIS



Nelson apoiado em Freitas e Pietra, remata de cabeça perante a expectativa de Quinito, Melo, Márinho, Dinis, Cardoso e Sambinha.

de vice-campeão mas perdeu mais do que isso: a possibilidade de, a dada altura do confronto, continuar a discutir o resultado final (des)graças à falha humana de um juiz de futebol.

Com o passar dos anos, com o decorrer de muitas e muitas partidas, vamos-nos convencendo de que os sucessivos atropelos às leis do jogo de que regularmente somos testemunhas, nos imunizam contra qualquer surpresa futura que um árbitro mais imaginativo possa proporcionar. Conceito enganador esse: ontem, a equipa de futebol do Sporting foi vítima de uma das mais inacreditáveis injustiças que algum dia se cometeram nos campos

de vice-campeão mas perdeu mais do que isso: a possibilidade de, a dada altura do confronto, continuar a discutir o resultado final (des)graças à falha humana de um juiz de futebol. Com o passar dos anos, com o decorrer de muitas e muitas partidas, vamos-nos convencendo de que os sucessivos atropelos às leis do jogo de que regularmente somos testemunhas, nos imunizam contra qualquer surpresa futura que um árbitro mais imaginativo possa proporcionar. Conceito enganador esse: ontem, a equipa de futebol do Sporting foi vítima de uma das mais inacreditáveis injustiças que algum dia se cometeram nos campos



Uma foto para o álbum particular de Pavic: a equipa com a qual conquistou o título de campeão na primeira e única época em que por cá parou.

PAVIC: ADEUS, BENFICA

Pavic deixará o Benfica em Julho: a saída deve-se (exclusivamente) à necessidade do clube da Luz comprimir as suas despesas, dentro da nova política financeira que terá de presidir aos contratos futebolísticos. A situação, perfeitamente aceite pelo mestre jugoslavo, será solucionada com o ingresso (ou regresso...) ao Benfica de um técnico português, ao que parece ex-jogador do clube que alinhava em todas as selecções possíveis...

EUROPEU

Para o Campeonato Euro-

peu, a Inglaterra bateu o Chipre (em Limassol), por 1-0.

SELECÇÕES

Equanto a turma de seniores se apresta a tomar o rumo da Escócia (para um compromisso particular, pelas 20 horas de amanhã) o grupo de juniores continua a ter pouca sorte nas suas actuações públicas: ontem, em Angra do Heroísmo (Açores) perdeu com uma selecção local, por 1-3.

PORTO

Tudo indica que será hoje (mesmo perante a decidida contraposição sindical) que o F.C. do Porto firmará contrato com o jugoslavo Stankovic.

PARTIDA

Simões e Eusébio partem na próxima 4.ª-feira, para Boston (América do Norte). Entretanto, o moçambicano desloca-se hoje a Inglaterra, para tratar de assuntos particulares. No regresso a Lisboa, «pegará» (então) o mesmo avião que Simões, a caminho dos dólares.

MARÍTIMO, 3-ESTORIL, 1

A HONRA DE ABALAR UM TRONO

FUNCHAL — Em belíssima tarde de sol, perante uma moldura de muitos milhares de pessoas, o Marítimo fez as pazes com o seu público. A maior assistência de sempre, enchendo de lés a lés o coração do estádio dos Barreiros, teve enjoo de receber o brinde do ano: a turma dirigida por Pedro Gomes vencer, de modo irrefutável e concludente, a equipa orientada por António Medeiros. Foi uma espécie de vingançazinha surda: Pedro está hoje no lugar que, no início da temporada, parecia de pedra e cal para Medeiros. E, por outro lado, estando o Marítimo afastado de qualquer luta directa pelos lugares de supremacia no torneio, havia no íntimo de todo o «plantel» da ilha o desejozinho de desfeitear (para a história...) o «leader» da zona Sul, da periclitante 2.ª Divisão, onde simultaneamente, ostenta a melhor defesa e o mais eficiente ataque de todo o bloco de concorrentes ao campeonato maior. O desfecho acabaria por reflectir uma verdade imutável: não há campeões inamovíveis, nem «pigmeus» que não possam, nos momentos mais críticos, destruir toda a lógica dos resultados «a priori» «construídos».

Não vamos, como é óbvio, catalogar de «pigmeus», de subalternos, os rapazes do Marítimo. Simplesmente, a sua época foi tão cheia de altos e baixos que, mesmo com o estrondoso êxito de ontem, ainda prevalece um fosso de dez pontos até ao trono da área o que evidencia a irregularidade da turma funchalense ou (talvez escrevendo melhor) a «fúria» quase indomável com que os estorilistas se atiraram à cobiça de pontos e honrarias, desde que por eles se interessou Reinaldo Lapinha (homem simples e de palavras terra-a-terra, que se arrasta na crista da onda numa hora de dúvida sobre o futuro...). É evidente que, como se deduz, ninguém dá dinheiro e tempo e luta e esforço, a um qualquer

clube, para que o seu nome fique sepultado no tempo: mas, de muitos Mecenas ou pseudo-ofertantes, que por aí têm surgido, parece-nos que Lapinha consegue (apesar de todos

Por NEVES DE SOUSA «nosso enviado especial»

os senões) ser um homem que, confessa ter chegado ao desporto por via indirecta, não se entendendo (porém) se bem ou mal aconselhado a procurar uma promoção fácil e rápida. A verdade (para concluir) é que ele era ontem, no dealbar da tarde funchalense, o mais tristonho rosto de uma caravana espalhada por vários aviões: o que reflecte (quem sabe?) ser o único estorilista que parece ainda descrente da subida de escalão, agora um pouco ensombrada por um descalabro de todo o tamanho, aqui na pérola descoberta por Zarco e colegas.

De facto, a pouca gente passaria pela cabeça que, apenas em 12 minutos, o Estoril Praia consentisse três golos de um ataque normalmente confuso. Mas, foi tal a velocidade implantada pelos madeirenses, logo aos primeiros lances, que o difícil de entender passou a figurar como coisa normal: os tentos de rajada, rubricados por Ágelo, Noémio e Dirceu, corromperam todo o alicerce defensivo do Estoril, com os quatro homens da cobertura a parecerem joguetes infantis nas mãos de titeres. O curioso do argumento é que, justamente quando o bloco de Medeiros parecia estar já de cabeça fria e com as rédeas do contra-ataque ao dispor, sofreu os três rasgões de enfiada. Porquê? Basicamente, em face de Eurico não ter confessado antecipadamente, (como se exige a um profissional sério), que se encontrava em péssima condição física. Depois, porque o antigo júnior benfiquista Eduardo Luís e o médio brasileiro Joel assinavam exhibições es-

pantosas, de abrir a boca até a um pesquisador de talentos lá das estranhas.

Mas, veio o reverso da medalha. O golo atenuante («penaltie», a converter falta de Marcos sobre Norberto) com a chancela do pontapé certo de Clésio. E, não fora Nelson (infantilmente) desperdiçar um lance em que dois colegas apenas esperavam a bola para o disparo fatal, ou Norberto falhar junto a um poste o cabeceamento que qualquer garoto conseguiria, e aí teríamos a melhor pujança física do Estoril a mudar o «placard», de um instante para o outro. Aliás, isso pode afirmar-se com inteira justiça: cada tempo pertenceu a uma turma e, mentalizada (ao intervalo) a turma forasteira, foi bonito de ver como os tempos da esgrima se repartiam igualmente pelos campos, ainda que (justiça inteira se faça) o mérito do triunfo funchalense seja unanimemente reconhecido como o único possível para espelho de uma partida em que, abúlicas e sorumbáticas, as visitas se assemelharam a marionetas sem vontade própria, só recuperando a consciência do palco em que actuavam lá para o bater hora de espectáculo.

Nada ficou perdido, para o Estoril: ganhar os dois jogos que terá de cumprir no seu terreno é tudo quanto chega à vertigem da penetração do grupo de maior rutilância. O Marítimo, por seu lado, igualmente pode dormir descansado: tem valores exponenciais (Joel, Eduardo Luís, Orivaldo Dirceu) e outras pedras de nível vulgar. Os continentes onde poucos elementos se varam do descalabro (talvez Rui Paulino, João Carlos, Raimundo e Cepeda) continuam com fé em Deus e pé na tábuia. E, quanto à atribuição (muito precavida e cautelosa) do portuense Armando Paraty, alguns erros de julgamento derivaram de deficiência de acompanhamento dos fiscais-ajudantes. Porque, daqueles a sério, não existia e isso é sempre bom de registar, numa partida em que poderiam ter surgido «casos». Basta dizer que, após cada golo da casa, o relvado era logo traçado por dezenas de eufóricos. E que Marcos, Dirceu e Gouveia não apresentaram ao árbitro o indispensável cartão de sanidade, emitido pelo Centro de Medicina Desportiva (que, por acaso, não existe no Funchal...). Mas, isso é outra face da página: com a qual o cronista nada tem que interferir, dentro da imparcialidade de presença que lhe deve ser (sempre) concedida. E respeitada.

Modalidades

ANDEBOL: Prosseguiu o «Nacional». Resultados dos jogos no fim-de-semana: F.C. do Porto-Benfica, 7-8; Desportivo-Belenenses, 13-13; Sporting-Beira-Mar, 22-15; Campo de Ourique-Almada, 21-15; Académico-V. de Setúbal, 14-13; Técnico-Passos Manuel, 20-11. 1.º, Benfica, 58; 2.º, Sporting, 54; 3.º, Belenenses, 52; 4.º, F.C. do Porto, 50; 5.º, Almada, 42; 6.º, Beira-Mar, 38.

HÓQUEI EM PATINS: Portugal venceu o «Torneio de Cadiz», com 2-1 sobre a Espanha. Marcaram: Livramento, Chana e Nogueira. Jogaram por Portugal: Ramalheira (Albino); Fernando Pereira, Rendeiro Livramento, Chana, Cristiano e Sobrinho. Espanha: Trullols; Ordeig, Ferrer, Chercoles, Nogueira e Edo. Classificação do certame: 1.º, Portugal; 2.º, Espanha; 3.º, Alemanha; 4.º, Itália.

“Vuelta”: 6.º lugar para Fernando Mendes

Agustin Tamames, o ciclista espanhol que várias temporadas realizou ao serviço da Coelima, no nosso País e em sua terra, atingiu ontem um objectivo que parecia inacessível para as suas possibilidades: o triunfo na «Vuelta», perante competidores de alto gabarito. Foi um êxito feito de cautelas e serenidade, com base em excelente forma física e magnífica disciplina tática, a catapultar Tamames para um plano alto na velocipedista mundial.

No contra-relógio final da prova (31,7 km) a ordem classificativa foi a seguinte: 1.º, Jesus Manzaneque (Espanha), 44.24 (com 5 segundos de bonificação); 2.º, Roger Swerts (Bélgica), 44.57 (2 segundos de bonificação); 3.º, Agustin Tamames (Espanha), 45.00; 4.º, Luis Ocaña (Espanha), 45.40; 5.º, José Pesarrodoia (Espanha), 45.50; 6.º, José António Gonzalez Linares (Espanha), 45.54; 7.º, Miguel Maria Lasa (Espanha), 45.55; 8.º, Pedro Torres (Espanha), 46.07; 9.º, Joaquim Andrade (Portugal), 46.15; 10.º, Roger Rosiers (Bélgica), 46.21; 11.º, Fernando Mendes (Portugal), 46.24; 13.º, José Martins, 46.44; 14.º, José Madeira, 46.45; 22.º, Manuel Rego, 47.28; 24.º, António Martins, 47.52; 27.º, Herculano Oliveira, 48.07; 32.º, Mário Silva, 48.45; 37.º, João Sampaio,

50.28; 44.º, Manuel Coelho, 52.11; 48.º, Emidio Ferreira, 54.18.

Classificação geral definitiva: 1.º, Agustin Tamames (Espanha), 88.00.56; 2.º, Domingo Perurena (Espanha), 88.01.10; 3.º, Miguel Maria Lasa (Espanha), 88.01.29; 4.º, Luis Ocaña (Espanha), 88.02.29; 5.º, Henrie Kuiper, (Holanda), 88.03.25; 6.º, Fernando Mendes, (Portugal), 88.06.46; 7.º, Guiseppe Perletto (Itália), 88.06.51; 8.º, José Martins (Portugal), 88.07.49; 9.º, Santiago Lazcano (Espanha), 88.08.22; 10.º, Jesus Manzaneque (Espanha), 88.08.53; 12.º, José Madeira, 88.09.44; 13.º, António Martins, mesmo tempo; 20.º, Manuel Rego, 88.11.44; 24.º, Joaquim Andrade, 88.18.40; 32.º, João Sampaio, 88.35.58; 35.º, Herculano Oliveira, 88.38.33; 38.º, Venceslau Fernandes, 88.48.07; 40.º, Mário Silva, 88.41.02; 51.º, Manuel Coelho, 89.32.41; 53.º, Emidio Ferreira, 89.50.47.

Anotações de especial realce para os portugueses: o 6.º lugar de Mendes na «geral» e o seu triunfo nas «metas-volantes», a classificação das equipas em prova (Benfica no 4.º lugar e Coelima imediatamente a seguir) e, por último, o 6.º posto de José Martins no «prémio da montanha».

Geral

VIVER COM UM CORAÇÃO ALHEIO

Continuação da pág. 6

adopta uma atitude optimista. Ele crê que está quase ultrapassada a grande dificuldade deste tipo de operações, a rejeição do órgão estranho através de fenómenos imunológicos, de forma que em breve se poderá salvar a vida aos doentes cardíacos considerados perdidos. Pouco falta para se conseguir o mesmo êxito no que respeita às transplantações renais — profetiza o cientista.

Qual o significado desta afirmação. Até hoje, receberam um rim alheio cerca de 20 000 pessoas, das quais estão vivas umas 6000, isto é, cerca de um terço, algumas das quais tem dezasseis anos de sobrevivência. Mas a transplantação renal também não se converteu ainda em operação de rotina à qual se possa recorrer sempre que a necessidade a impõe.

Comparados com o número de doentes que necessitam de um novo rim para sobreviver, são muito poucos os que têm a facilidade de dele usufruir. Falta quem faça a operação, falta quem dê a víscera, falta pessoa, e, acima de tudo, falta dinheiro.

As transplantações, seja qual for a sua natureza, conti-

nuam a ser muito dispendiosas, segundo cálculos americanos, uma transplantação renal custa aproximadamente 13 300 dólares e nos cuidados pós-operatórios 200 a 1880. As transplantações de outros órgãos, como o coração ou o fígado ou o pâncreas, custam um múltiplo daquelas importâncias.

Perante tais números, é lícito perguntar se a sociedade, sobrecarregada pelos encargos da saúde pública pode custear tais medidas de salvação de relativamente poucas vidas.

Na República Federal Alemã, por exemplo, precisam de um novo rim cerca de 4000 pessoas por ano. No caso, aliás irreal, de haver dadores em número suficiente, seriam necessários 130 milhões de marcos para as operações. É o preço de dez aviões de guerra, ou das subvenções anuais a cinco grandes teatros de ópera, ou dos vencimentos de todo o pessoal da Universidade de Hamburgo.

O mais elementar princípio de humanidade exige que para salvar uma vida não se olhe ao preço. Mas, de facto, não há sociedade alguma que se governe por este princípio. Para citar um exemplo, não há

nenhum país no mundo em que se faça tudo o que é realmente preciso para prevenir os acidentes e auxiliar as suas vítimas. Seria excessivamente caro, portanto há que manter os mais económicos mas deficientes problemas em curso.

É um problema fundamental. A medida que têm aumentado os nossos conhecimentos e os recursos da técnica, tornou-se possível praticar coisas outrora irrealizáveis: a viagem à Lua, a produção de um gene artificial, ou a substituição de um órgão vital. Ora o preço deste progresso cresce até ao infinito. É fácil compreender que não se pode facultar a viagem à Lua ou a substituição de um gene a todos os interessados. Mas, no campo da Medicina não deve ser permitido constituir os avanços da ciência em privilégio de alguns beneficiados da fortuna. Infelizmente a Medicina não está isenta do problema económico e por isso esbarra com as limitações práticas antes de esgotar a suas possibilidades.

Por isso as transplantações de órgãos, ou a sua substituição por aparelhagem artificial, estão reservadas a um pequeno número de privilegiados. Os outros terão que morrer. É certo que não é justo

que só os endinheirados sejam beneficiados. Deveremos então renunciar às experiências que se sabe que nunca conduzirão a tratamentos aplicáveis sem segregação social, por serem muito dispendiosos?

Há argumentos de sobra para responder negativamente. O mais importante é o de que as transplantações da última década obrigaram os biólogos a estudar intensivamente o mecanismo pelo qual um corpo se defende de tecidos estranhos e inspiraram os farmacologistas para a criação de medicamentos capazes de inibir esse processo defensivo natural. Em resultado desse esforço científico mundial, ganhou-se, por exemplo, uma nova compreensão dos processos biológicos inerentes a muitas doenças até agora inteiramente desconhecidas, como as alergias e o cancro.

Fica de pé em todos os casos, o dilema que acompanha todo o progresso médico: che-

ga sempre o momento em que termina a fase experimental e começa a terapêutica prática. Vamos então organizar um sistema incrivelmente dispendioso que garanta a conservação e utilização dos órgãos doados, vamos dispor-nos a pagar impostos sensivelmente mais elevados, ou taxas de seguros de doença muito altas para possibilitar a cura de uma reduzida minoria de doentes?

A nenhum cidadão se pergunta quanto está disposto a pagar para a constituição de máquinas de guerra cuja única finalidade é matar o maior número de homens com um máximo de eficiência. Quando se trata de conservar a vida já não somos tão descuidados das nossas finanças. Esta é a situação actual, tanto no Oriente como no Ocidente. Por isso os órgãos artificiais e as transplantações, embora muito prometedoras, continuam a ser um recurso bastante limitado.

Por THOMAZ VON RADON

A experiência de Cuba

Efectua-se hoje, às 21 e 30, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, uma sessão sobre Cuba, organizada pela comissão executiva do Movimento Pró-Sindical do L. N. E. C., com a colaboração da Embaixada de Cuba, da Associação de Amizade Portugal-Cuba e do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

Serão abordados aspectos do processo revolucionário cubano, designadamente os comuns a Portugal, como seja a população, a superfície e o fac-

to de ambos os povos se terem libertado de regimes fascistas repressivos. Será ainda focado um problema de resolução urgente, neste País e que é o da reestruturação dos organismos científicos e técnicos, no sentido de dignificarem quem neles trabalha e de melhor se adaptarem aos interesses do nosso povo.

CARRO ROUBADO A JORNALISTA

Da Rua do Arco do Carvalhão, onde se encontrava estacionado, foi roubado o «Morris Mini 1000», castanho, com a matrícula HA-32-88, pertencente a um nosso colega de trabalho. Qualquer pista pode ser comunicada para o telefone 93 40 44.

BARS BOITES

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167. a actuar **GRAZIELA DE SIRTANAS** (Argentina)

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946

TELEVISION

EMISSORA 1.º Programa
17.00 Noticiário — rádio estudantil
18.15 Movimento das Forças Armadas
19.00 Informação de trânsito
19.05 Fados
19.30 Música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Música portuguesa
21.45 Observação de teatro, por José Gil
22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
22.30 Música variada
22.45 Arte poética
23.00 Movimento das Forças Armadas
23.30 Último jornal

2.º Programa
16.00 Ópera
17.00 Música de cravo de Couperin e Bach
17.30 Música do século XX
18.00 Antologia sonora
18.45 Música de Beethoven
19.30 Os grandes mestres do Barroco
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Música de bailado
22.32 Música para dois pianos
23.00 Música sinfónica
00.20 Música de câmara
01.00 Fecho

Lisboa 2 e Norte 2 — 397 m — 755 KHz
20.30 Abertura da estação — rap-sódia para orquestra (Laio)
20.45 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas

TELEVISION

21.45 Música de piano
22.00 Transmissão de Fátima das cerimónias religiosas: Procissão das Velas e Celebração Eucarística
00.00 Música de câmara
00.25 Música coral
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE
Emissor de Lisboa — Onda Média, 299,13 m — 1034 KHz — emissão contínua; emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 m — 782 KHz — emissão contínua; Modulação de Freqüência (principais emissores) — Lisboa, 37,4 Porto, 97,7; Portalegre, 98,9; Loulé, 90,8; Fátima, 86,1 e Mendro, 92 MHz.

RÁDIO RENASCENÇA
16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Espaço musical
18.22: Música seleccionada

Tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO 14°
P. DOURADAS
COIMBRA 14°
PORTALEGRE 11°
LISBOA 14°
FARO 17°
FUNCHAL 16°

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA

Máxima 22,2°

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 1,5°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,8°
Atmosfera 11,8°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR 4.42 3,6 m 10.12 0,8 m
BAIXA-MAR 16.58 3,8 m 22.36 0,8 m

Dia 13

5.18 3,6 m 10.49 0,9 m
17.34 3,8 m 23.15 0,8 m

Dia 14

5.58 3,6 m 11.28 0,9 m
18.13 3,7 m 23.59 0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu temporariamente muito nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste; possibilidades de períodos de chuva fraca na faixa costeira a Norte do rio Mondego a partir da madrugada.

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.28
OCASO ÀS 20.40

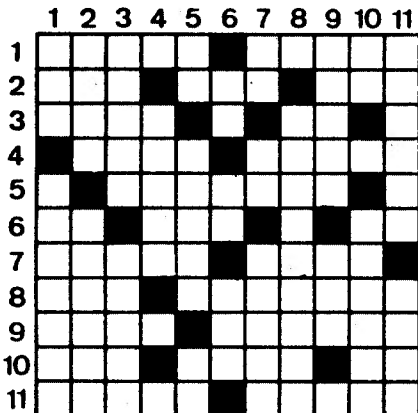
DIA 18 DIA 25 DIA 2 DIA 9

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 11080

HORIZONTAIS

- 1 Razão. Agradecida.
- 2 Patrão. Transpira. Pronome relativo.
- 3 Ramada. Plutónio (s.q.).
- 4 Estiagem. Nome de mulher.
- 5 Anjo da primeira jerarquia.
- 6 Reis. Chefe etíope. Césio (s.q.).
- 7 Raspar. Falha.
- 8 Grito. Venerada.
- 9 Cheira mal. Avivem.
- 10 Estime. Pronome demonstrativo. Pronome pessoal.
- 11 Borla de barrete. Causas amuo a.



VERTICAIS

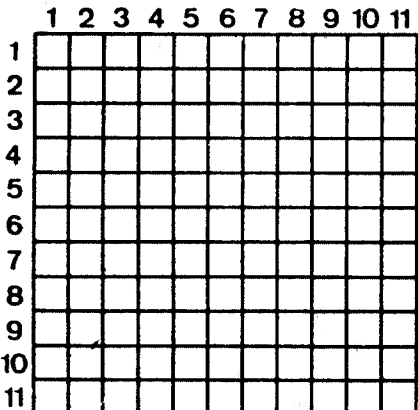
- 1 Oceano. Causar arrufos a.
- 2 Aves pernaltas. Apelido.
- 3 Alcinhas. Têm razão para.
- 4 Aguçã.
- 5 Tempo do verbo ser. Ave trepadora. Artigo definido (ant).
- 6 Artigo indefinido. Campeão. Ofereces.
- 7 Gálio (s.q.). Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Tola (pop).
- 8 Impediriam.
- 9 Da parte de cá. Grande quantidade (inv.).
- 10 Pronome pessoal. Indivíduo aperaltado (fig).
- 11 Que são do ar. Gostes muito de.

Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7238

HORIZONTAIS

- 1 Freguesia do conelho da Guarda.
- 2 Estimai. Bateria.
- 3 Ondulações. Por baixo de.
- 4 Basta. Suspiros. Calosidade.
- 5 Aqui está. Primeira das três palavras que forma o nome de uma freguesia do conelho de Anadia.
- 6 Saudável. Saliva viscosa que corre da boca.
- 7 Curtira por meio de crómio.
- 8 Magnete natural. Olá. Companhia.
- 9 Batráquio. Alugar.
- 10 Justapor. Ninho.
- 11 Caruma. Destino.



VERTICAIS

- 1 Nome de planeta. Freguesia do conelho de Coimbra.
- 2 Amónio (s.q.). Suspiros. Carta geográfica.
- 3 Recusa. Bolsa. Ribeira da Ásia Russa.
- 4 Banheira. Arara.
- 5 Demónio.
- 6 Magnetes naturais. Torna morno.
- 7 Fluido aeriforme. Sacudi.
- 8 Actínio (s.q.). Lugares de contenda.
- 9 Ilha do mar Jónio. Quinhentos e cinquenta e um em romano.
- 10 O mesmo que peixe-roda. Quinto filho de Jacob.
- 11 Pessoas estúpidas (pop). Correia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11079

HORIZONTAIS:

- 1 Hoje. Cala.
- 2 Ar. Mil. Mal.
- 3 Ne. SOMOS. Vã.
- 4 Gabara. Agag.
- 5 Orates. Lara.
- 6 Bis. Ag.
- 7 Apar. AMANHÃ.
- 8 Bera. Tara.
- 9 Ac. Saudas.
- 10 NÃO. São. Ps.
- 11 Orço. Isara.

VERTICAIS:

- 1 Hango. Abano.
- 2 Orear. Pecar.
- 3 Já Babar. Oc.
- 4 Sâtras.
- 5 Mores. As.
- 6 Limas. Atuai.
- 7 Lo. Amados.
- 8 Salgara.
- 9 Am. Ga. Nas.
- 10 Lavar. Pá.
- 11 Alagáramos.

PROVÉRBO Hoje somos; amanhã, não.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7237

HORIZONTAIS:

- 1 Ghat. Manada.
- 2 Aaro. Ocar.
- 3 IV. Cor. Cava.
- 4 Oira. Apor.
- 5 Airadas.
- 6 Amar. Tom.
- 7 Aca. Acolá.
- 8 Pola. Alão.
- 9 Apostariam.
- 10 Ri. Caiar. Or.
- 11 Atolou. Uso.

VERTICAIS:

- 1 Gaio. Papar.
- 2 Havia. Cópia.
- 3 Ar. Ri. Aló.
- 4 Tocara. Asco.
- 5 Ama. Tal.
- 6 Morada. Raio.
- 7 Ac. Para. Rau.
- 8 Nacos. Cair.
- 9 Arar. Tolá.
- 10 Colamos.
- 11 Aias. Mão. Ro.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1
TODA A NOITE

ALVALADE
Neoterapia, Campo Grande, 138, (Telef. 774682); Estados Unidos, Avenida Estados Unidos da América, 16-B, (Telef. 725859).

AMOREIRAS
Pátria, Calçada dos Mes- tres, 30-A, (Telef. 680627).

AVENIDAS NOVAS
Fátima, Avenida 5 de Outu- bro, 147-A, (à Avenida Bar- bosa do Bocage), (Telef. 783107).

BAIRRO ALTO
Oliveira, Rua D. Pedro V, 123, (Telef. 327880).

BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220, (Telef. 321342-325553).

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A, (à Rua do Cas- quilho), (Telef. 708242).

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, (Telef. 666206).

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33, (Telef. 780181).

CASTELO
Ziller, Rua S. Tomé, 54, (Te- lef. 862835).

LAPA
Pinheiro, Rua Presidente Ar- riaga, 16, (Telef. 691054).

LUMIAR
S. Tomé, estrada do Desvio, Lote 12-C, (Telef. 790704).

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, (à encosta do Restelo), (Telef. 612248).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luís Bivar, 11, (Telef. 44324).

TURNO F-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCANTARA
Dilena, Rua Aliança Ope- rária, 49-A/B, (Telef. 636620).

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, (à Avenida D. Afonso III), (Telef. 843439).

ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de Ávila, 25-31, (Telef. 47088).

AREIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus), telef. 724941).

ARROIOS
Antolin, Av. Alm. Reis, 88-C (tel. 721773).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Zira, Praça das Casas No- vas, Lote 66, (Telef. 310172).

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429, (Telef. 780027).

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, (Telef. 650760).

CONDE DE REDONDO

Contemporânea, Rua Conde Redondo, 26/30, (Telef. 45048).

ESTRELA

Aurélius Rego, Calçada da Estrela, 139, (Telef. 661758).

LUMIAR

Matos Viegas, Avenida Rai- nha D. Amélia, 34-B, (Quinta das Mouras), (Telef. 794174).

PENHA DE FRANÇA

Branquinho, Rua de Sapode- res, 87, (Telef. 842725).

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Pichele- ira, 140-B, (Telef. 720703-728395).

S. PAULO

Ultramarina, Rua de S. Pau- lo, 99, (Telef. 321771).

XABREGAS

Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A, (Telef. 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Almeida Nifo, A. C.G. Guer- ra, 64 (T. 212070).

CAXIAS

Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Toda a noite

OIRAS

Alcântara Geurreiro, P. Resi- dencial Dr. Augusto de Cas- tro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas

CARCAVELOS

Central. Até às 24 horas

PAREDE

Macau, R. J. Elias Garcia, 60- C (T. 2471785). Toda a noite

ESTORIL

Parque, Arcadas do Parque 3 (T. 260191). Até às 22 ho- ras

ESTORIL

Amoreira. Toda a noite

CASCAIS

Miracórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Até às 22 horas; Cascais, R. Conde de Monte Real, B. das Caixas (T. 282407). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Fátima, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álva- res Pereira, 15-A (T. 938149).

DAMAIA

Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523).

QUELUZ

André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); Queluz, Av. Mi- guei Bombarda, 123-A (T. 951841).

CACÉM

Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote B-1 (T. 2940781).

MEM MARTINS

Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103).

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (T. 980456).

SINTRA

Misericórdia, Vila (T. 2930391).

COLARES

Abre a (T. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gameiro, L. António dos San- tos Jorge, 15 (T. 234100).

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250).

ALMADA

Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9, 2.º piso-E (T. 278030).

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141).

BARREIRO

Avenida, Av. Alfredo da Sil- va, 88 (T. 2073212).

COVA DA PIEDADE

Cerqueira Afonso, P.5 de Outubro, 18 (T. 270254).

MOITA

União Moitense, Av. Teófilo Braga (T. 239025).

MONTIJO

Montepio, R. Almirante Reis, 93 (T. 230035).

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (T. 229028).

SETÚBAL

Soromenho, P. Machado San- tos (T. 22691); Alice, P. do Quebedo (T. 23743).

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580).

PORTO

TURNO 7

ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Sucr., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombal, Campo dos Mártires da Pátria, 152; Pareda, Rua Central de Francos, 316; S. Roque da La- meira, Rua de S. Roque da La- meira, 1111; S. da Bandeira, Rua S. da Bandeira, 236; Ameal, Rua do Ameal, 1227; Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; Pe- ninsular, Rua Chã, 100; S. Laze- ro, Avenida Rodrigues de Frei- tas, 297 e Melo Taveira, Rua Al- caide Faria, 77

A PARTIR DAS 22 HORAS

Pareda, Rua Central de Francos, 316; Martino, Sucr., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombal, Campo dos Mártires da Pátria, 152 e S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michae- lis; Nazaré — Rua Ferreira Bor- ges; Santa Isabel — Avenida S. da Bandeira.

COIMBRA

Cinemas

Cinemas

Cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

GRANDES BATALHAS
EM CAMAS FOFAS

A libertação de Paris também pas- sou por aqui...

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

OS OPRIMIDOS

A grande revelação do Festival de Cannes 1966

Hoje às 24 h — 18 anos

O FILTRO DO AMOR

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

GRANDES BATALHAS
EM CAMAS FOFAS

A libertação de Paris também pas- sou por aqui...

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

2.ª Semana

Aviso ao público: Este filme con- tém cenas eventualmente cho- cantes

ALVALADE

T. 717480 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

A CASA QUE PINGAVA
SANGUE

Jean Seberg, Marisol, Barry Sto- kes

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

O VALE DOS PERDIDOS

(La Vallée)

de Barbet Schroeder

4.ª Semana

LIDO

T. 937593 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

JUNTOS SÃO DINAMITE

CINEMA 2000

ALGÉS 15.30, 21.15

Grupo D-18 anos

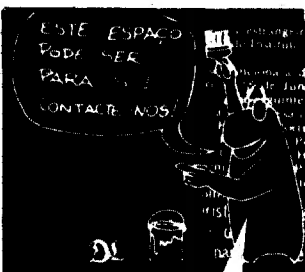
PUNHOS MORTAIS
DO KUNG FU

O JOÃO V

T. 971794 21.00

não acons. a menores de 18 anos

MASH



UNIVERSAL

T. 774402 16.30, 22.30

Não acons. a menores de 13 anos

A CORAGEM DO POVO

Interdito a menores de 18 anos

As 14.30

IREI COMO UM CAVALO LOUCO

Interdito a menores de 18 anos

20.30

SORRISO VERTICAL

RESTELO

T. 610375 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

LACOMBE LUCIEN

O colaboracionista

Um filme de Louis Malle

5.ª Semana

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Grupo D-18 anos

PUNHOS MORTAIS
DO KUNG FU

Cada músculo do seu corpo uma arma mortal!

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

PECADO VENIAL

CASINO ESTORIL

T. 264621 17, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

OS DIABOS

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

007 E O HOMEM DA
PISTOLA DOURADA

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19, 21.30

Grupo D (18 anos)

CHIN HUA, O JUSTICEIRO
DO TEXAS

ROMA

T. 727778 14.30, 16.45, 19, 21.15



REIMPRIMENTA GRAFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654331/2/3/4
EDICÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 120271/2/3
JA DA ROSA, 57
10 TEL. 0180A TELEF. 12363
BOA PORTUGAL

O DESAFIO PORTUGUÊS DISCUTIDO EM PARIS

PARIS, 12 de Maio (por Alexandre Oliveira, especial para o «DL») — Despertou bastante interesse, nos meios da extrema-esquerda parisiense, o colóquio sobre «O desafio português» (L'Enjeu Portugais), organizado pelo jornal Politique Hebdo, ao princípio da tarde de ontem, durante a sua «festa de livre expressão...», que em dois dias levou 20.000 pessoas de «jeans» e sacola, aos grandes hangares abandonados de Les Halles.

Dividida entre espectáculos simultâneos de pop, jazz e de cinema paralelo e de vanguarda, e 200 outros centros de difusão política («stands» de tudo, desde o jornal revolucionário do 13.º bairro de Paris até ao da luta antimilitarista dos camponeses do Larzac), à festa acorreram centenas de militantes da esquerda revolucionária francesa que vieram sentar-se nos pneus espalhados pelo empedrado, para ouvir os portugueses e os franceses, seus amigos discutirem o nosso processo político.

Enquanto os maoístas de «La Cause du Peuple» distribuíam, fora das portas da festa em que não participaram, um número do jornal dedicado ao M.R.P.P., e num «stand» autónomo, dentro do recinto, os militantes da U.D.P. faziam saber que não interviam no colóquio, César Oliveira, convidado especial do Politique Hebdo e representantes da F.S.P., M.E.S., L.C.I. e L.U.A.R. reflectiram com alguns jornalistas e analistas políticos franceses sobre as contradições mais sugestivas, algumas das quais politicamente decisivas, mas muitas secundárias, da revolução portuguesa.

Exceptuando César Oliveira, cuja ligação com o sector de oficiais revolucionários do M.F.A. é conhecida, os participantes portugueses reeditaram calorosamente as respectivas opiniões, desenvolvendo o processo de um ângulo que em França se diria grupuscular e que não pode responder à pergunta mais importante: há uma revolução em Portugal? Qual a colocação do M.F.A. na luta de classes?

Os franceses, e até os revolucionários franceses, estão mal aconselhados e mal informados do que se passa no sul do Continente, numa ponta dessa mancha vermelha que há uns dias preocupava o capitão de «L'Express». Na semana passada, o «cartoonista» Cabu, regressado de um passeio sarcástico pelas eleições do 25 de Abril, ironizou ferozmente sobre a possibilidade de conversão «à esquerda» de um exército que fez a guerra de Angola, como teria feito a da

Argélia: os bonecos, aliás cheios de humor, vieram no Charlie Hebdo. Os trozkistas dizem: «O M.F.A. é a última carta da burguesia». Mitterrand, falando na Convenção Nacional do Partido Socialista, consentiu-se uma graça pesada: «Não espero mais do M.F.A. do que de qualquer outra associação de antigos combatentes».

Quase solitário, «Politique Hebdo» tem exprimido em todos os números, uma compreensão mais profunda da arrancada portuguesa e do desafio que ela impõe às forças revolucionárias europeias, que ultrapassam agora a usura histórica que se seguiu a Maio de 1968.

Mas o esforço do jornal, ao qual o processo interessa tanto como a sua densidade política, não foi inteiramente compreendido pelos militantes portugueses que falaram aos megafones em Les Halles.

Mas a festa («acabámos» de ganhar a guerra do Vietname) não se estragou, depois do sábado quente e político e foi um samba geral, multipluriário, violento e vitorioso até à paz das ondas eléctricas do «Trium Delirium», madrugada alta: tudo a pedir, precisamente, um «desafio português».

Na sua edição da próxima quarta-feira, «Politique Hebdo» publicará o texto da importante entrevista que o major Dinis de Almeida concedeu aos jornalistas Hervé Pemmard e Yves Hardy e em que analisa a situação da frente revolucionária no Exército português, a sua hierarquia e os seus movimentos internos.

Realiza-se amanhã o funeral de Pedro Soares e Maria Luísa Costa Dias

Os funerais de Pedro Soares e Maria Luísa Costa Dias, destacados elementos do Partido Comunista Português, que morreram em consequência de acidente de automóvel na auto-estrada do Norte, na madrugada de sábado, realizam-se amanhã, às 18 horas, para o cemitério do Alto de S. João. Os corpos dos dois militantes antifascistas e comunistas encontram-se, a partir do meio da tarde de hoje, em câmara ardente no salão nobre do Pavilhão dos Desportos de Lisboa.

Entretanto prosseguem as averiguações tendentes a reconstituir o acidente e ao apuramento de responsabilidades dos intervenientes no desastre. Neste momento, embora se ponha de parte a hipótese de premeditação, sabe-se que a matrícula do «mercedes» que abalroou o «mini» em que seguiam Pedro Soares e Luísa Costa Dias, o qual era conduzido por Licínio Falé, que apenas ficou ferido, tinha matrícula falsa. Era conduzido por Alfredo Nunes de Sousa, cuja carta de condução foi passada no Zaire.

No mesmo «mercedes» viajava José do Espírito Santo, dono do carro em questão e de um outro, ao qual pertence a matrícula que o «mercedes» usava, no momento do desastre.

Continuação da pág. 1

para o socialismo» e aludiu de passagem às eleições de 25 de Abril, sublinhando quatro razões da sua importância: terem tido «ampla participação», terem dado como saldo também um comportamento cívico correcto da população, revelarem «a opção da qual totalidade pelo socialismo» e implicaram no seu resultado a ratificação da «política de descolonização exemplar» iniciada há um ano.

PERSPECTIVA PATRIÓTICA

Entretanto, avisou, «seria trágico que o M.F.A. e os partidos que querem o socialismo não encarassem as eleições de uma perspectiva patriótica e se enquistassem em problemas políticos». Mais à frente readequou essa perspectiva, chamando-lhe também «suprapartidária».

Em resumo, Ramiro Correia instou os partidos a reanalisarem as suas relações mútuas, a procurarem o que os une, a encetarem um diálogo aberto e mostrarem grande generosidade na entrega à luta comum.

Seguiram-se-lhe, ainda dentro deste primeiro capítulo (situação política), cujas falas dos quatro ministros sem pasta, duas de cada um.

Pereira de Moura pôs a tônica na necessidade de apontarmos para «profundas transformações na sociedade portuguesa», já que o povo, «para progredir», terá que impô-las.

«Temos que ter ousadia e coragem e acreditar que a mudança é num sentido favorável» — declarou o representante do M.D.P.

É claro que no interior do País e no estrangeiro há forças que não querem ver Portugal profundamente transformado — concedeu ainda. «No estrangeiro» — textual — «há quem não suporte esta caminhada para o socialismo».

De onde um perigo que nos

mova a sermos vigilantes.

Álvaro Cunhal abriu com uma declaração de impacto:

«O momento é de grandes decisões. Que decisões? A fundamental será esta: se as forças da coligação querem ou não marchar em conjunto e par diante».

E adiantou a posição do P.C.P. — acha necessária uma coligação dos partidos com o M.F.A. com o objectivo de instaurar em Portugal um regime de amplas liberdades democráticas visando transformações profundas do País.

Mário Soares ficou, por seu turno, a urgência de uma solução do problema da manutenção de «todas as formas de liberdade» como forma de assegurar o pluralismo. Pluralismo que passa por eleições no sindicatos e nas autarquias locais (aqui aceitou que estas se realizem depois de haver uma nova Constituição).

Magalhães Mota disse depois que interessa sublinhar o facto de o M.F.A. herdar e tomar nas suas mãos «uma larga movimentação do povo português ao longo da noite fascista». Sem o povo não existiriam as próprias Forças Armadas. O povo — acrescentou — é o destinatário e a força que determina e origina todo um processo político, logo há que «escutarmos a voz do povo». E a fechar:

«O povo português neste momento sepera de nós, acima de tudo, a unidade».

Ainda antes de passarem à análise da situação económica os quatro ministros sem pasta diriam mais qualquer coisa. Assim, Álvaro Cunhal avisou aqueles que possam querer utilizar as liberdades para contrariarem o processo em curso de que «o processo segue adiante». Mário Soares disse que o que interessa numa coligação é «a sua diversidade», chamando a atenção para o facto de qualquer cooperação ter regras.

«A primeira» — afirmou — «é precisamente aceitarmos a diversidade. Uma minoria nun-

COLIGAÇÃO UNE FORÇAS

ca pode ser a detentora da verdade».

No seu entender há que procurar «a síntese benéfica para o povo português» e do mesmo passo «defender a legalidade», «defender os direitos da pessoa humana».

Magalhães Mota fez, entretanto, a apogia de uma unidade a construir «na esperança e no trabalho de todos os dias» uma unidade que «de «acentuar aquilo que nos liga, mas que tem pesentes as nossas ferrenças». Para si as regras da unidade são «o respeito quotidiano», «a igualdade de acesso aos meios de Comunicação», a construção da democracia «sem medos nem censuras», a aceitação do «confronto das várias posições» (ou «confronto democrático das várias hipóteses de trabalho», como logo adiante disse).

Para Pereira de Moura, enfim, o ponto fundamental está em que o socialismo se constrói «no dia a dia». As soluções deveriam partir de «um impulso popular». Esperar tudo do Governo parece-lhe errado.

PORTUGAL PAÍS CONCRETO

Nenhum dos cinco participantes do «Teledomingo» esconderia seguidamente a agudeza da crise económica. Ramiro Correia começou por dizer que a «democracia económica» já se iniciou em Portugal, lembrando as nacionalizações, o arranque da reforma agrária e a procura de novos mercados externos, e sublinhando depois a inelutabilidade da batalha da produção. Batalha que, no campo do sector privado que irá substituir, passa necessariamente por «uma moral socialista».

O membro do Conselho da Revolução sintetizou o seu pensamento neste ponto dizendo que é precisa a «unidade na marcha para o socialismo» e a procura incessante de solução para «os problemas concretos do País concreto que é Portugal».

Neste particular Magalhães Mota chamou a si a ideia da «conquista da democracia pela economia» (tudo se perde, mas também tudo se ganha, na maneira de reconstruirmos a nossa economia) e referiu-se a uma «estratégia global» da qual não devem ficar ausentes os pequenos e médios empresários, os pequenos e médios agricultores, os pequenos e médios investidores. Falou também de «uma austeridade que tenha sentido e prazo».

Mário Soares («temos que falar ao povo a linguagem da verdade») recordou a situação «muito difícil» em que nos encontramos, com a quebra do turismo, das remessas dos emigrantes e do comércio com as ex-colónias, e pôs o acento na necessidade de atrair os investimentos internos (canalização da poupança) e externos (orientados e vigiados pelo povo português).

Pereira de Moura, pegando numa referência de Mário Soares ao desemprego, forneceu números provisórios: qualquer coisa como 200 000 trabalhadores parados, ou seja 7 por cento da população activa.

«Temos de descobrir novas formas de organização da nossa vida económica» — asseverou.

Álvaro Cunhal deu igualmente números: consumimos mais 50 milhões de contos do que aquilo que produzimos. Pegando por sua vez nas palavras de Pereira de Moura, disse ser necessário procurar novas formas de organização para a nossa economia, sim, mas também «estímulos». Se acabou o

estímulo capitalista do lucro, há agora «o estímulo revolucionário» e é preciso trabalhar nesse sentido.

Intervenções subsequentes visaram o repúdio de «um socialismo de penúria» (Mário Soares), a política de desestruturação das decisões (Pereira de Moura, voltado para as Regiões), a perspectiva da democracia e do socialismo a ganhar pela batalha da produção (Álvaro Cunhal) e a procura da confiança de largos extractos da população para estratégia global de recuperação (Magalhães Mota).

REVOLUÇÃO DA INTELIGÊNCIA

O último tema em análise foi o da situação social. Ramiro Correia, falando das tensões registadas ultimamente no campo laboral, reclamou para a revolução portuguesa, que «foi a revolução dos cravos», um outro qualificativo mais rentável — pois que seja também «a revolução da inteligência».

Depois de Pereira de Moura lançar aos órgãos de Informação a acusação (diplomática) de atenderem substancialmente ao noticiário das greves, paralisações e ameaças de paralisação, e referirem muito menos as experiências positivas, Mário Soares usou a «revolução da inteligência» proposta por Ramiro Correia para dizer que «devemos saber discernir o que é legítimo» (nas reivindicações) «do que não é legítimo».

«Há que esbater as tensões sociais no País», disse aqui.

Também Álvaro Cunhal estigmatizou as «reivindicações irrealistas». Na sua opinião assiste-se hoje a uma certa «corrida demagógica» das forças reaccionárias instigando os trabalhadores a esse tipo de reivindicações. Magalhães Mota tocou, a propósito, no problema do funcionalismo público, realmente um dos mais marcantes na conjuntura laboral.

O representante do P.P.D. propugnaria ainda «uma sociedade mais digna, mais justa, mais livre e mais fraterna», em nome da qual «é importante» desde já «a consciência da oportunidade das reivindicações» no campo do trabalho.

APELO À UNIDADE

Resumindo o «Teledomingo», ele foi, da parte do Conselho da Revolução, um apelo muito claro à unidade. Que unidade? A das forças democráticas, representadas ali pela Coligação. Com que fim? A construção do socialismo. Várias vezes o comandante Ramiro Correia vincou esse princípio global.

Da parte do P.S., P.P.D., P.C.P. e M.D.P./C.D.E. votou-se preto no branco, a aceitação do princípio proposto e da estratégia possível neste momento: a ultrapassagem das divergências, o apaziguamento das tensões, a aproximação das bases partidárias, por um lado; por outro o esforço conjunto da «batalha da produção», sem o qual (sem a qual) perderemos as liberdades, a democracia, a aposta do 25 de Abril: por outro lado ainda, na medida em que os partidos da Coligação têm um número considerável de trabalhadores nas suas fileiras, a visão de que, continuando e eventualmente agudizando-se as tensões sociais, tudo será muito mais difícil e precário. Como perguntou Ramiro Correia: «Iremos atrair ao desafio do futuro?»

Embaixadas em Argel e Damasco

Por despacho conjunto dos ministros das Finanças e dos Negócios Estrangeiros, publicado na folha oficial de hoje, são criadas missões diplomáticas, com a categoria de Embaixada, em Argel e Damasco.